

João Lima

Não sabes escrever

Não sabes escrever

João Lima

Não sabes escrever

*Dedicado
a ti*

Índice

Prólogo	11
1. Não sabes escrever!	13
2. Namorar a oportunidade	22
3. A morte do defunto	36
4. Observação	49
5. Flutuar na dimensão do amor	59
6. Amar	71
7. A menina dos Andes	83
8. O doce sabor da amizade	94
9. A culpa é sempre do mordomo	110
10. Já não devia chover nesta altura	120
11. Segue em frente!	128
12. Pôr os is debaixo dos pontos	136
13. A fantasia da lógica	151
14. A proximidade da distância, o afastamento da proximidade	159
15. Dar as mãos	176
16. Não é o fim, apenas o início	193
17. Não sei escrever	201
Epílogo	206

Prólogo

O ambiente era sumptuoso! O verde dominava todo o meu quadro visual, oferecendo tons enigmaticamente escuros até ao aclarar, quase total, dos ramos abençoados pelos raios solares que me espreitavam entre os seus pares de centenárias árvores, conjugando uma união perfeita. O curso de água entre as pedras, lisas de tal frescura transportar, aumentava o seu ritmo, como dois amantes em total comunhão para, numa cortina branca, deixar-se cair para o ribeiro e aí quase se imobilizar, como quem contempla o seu acto de paixão.

O som das gotas caindo para o percurso final, refrescava-me o cérebro, ansioso por momentos de paz e de regresso às origens. O toque final era dado por uns pardalitos cantando a sua alegria e ternura.

Fui sendo dominado por tal graciosidade duma natureza a quem tanto devemos e a quem tanto mutilamos.

Não sei quanto tempo passou, mas as castrantes obrigações a que nos violentamos, obrigaram-me a um estremecimento para sair do

doce torpor que me rejuvenescia, interrogando-me pela razão dos picos de felicidade serem tão instantâneos e os de dor tão prolongados.

Ao levantar-me, um vigoroso espreguiçar. E o caminho de volta chamando-me com uma inevitabilidade conformada.

Às enormes árvores, que contemplamos de baixo para cima apercebendo-nos da nossa pequenez, foram-se seguindo outras de tamanho mais alcançável e as clareiras como que se reproduziram.

Cheguei assim ao momento crucial. O caminho em pedra dividia-se em dois. Ao meio duas setas, uma indicando o caminho da esquerda, a outra o da direita. Surpreendente, ou talvez não para o lugar maravilhoso que era, a meio delas um gato esticava-se prolongadamente, arqueando-se no final. Sorri, nostalgicamente recordando a conversa de Alice e do gato.

- *Eu só queria saber que caminho tomar.*

- *Oh! Isso depende do lugar aonde quer ir...*

- *Isso não importa, desde que eu...*

- *Então não importa que caminho tomar!*

A proverbial inteligência felina!

Não precisei de reflectir muito para saber o que realmente desejava. Ao ter que optar, decidi... não me decidir por qualquer dos caminhos já delineados. Firme e resolutos quis traçar um novo caminho, o meu caminho!

Parti de cabeça erguida, peito cheio e passada determinada... mas só nos primeiros minutos. Uma estranha sensação de vazio foi-se entranhando. Olhei para o lado... nada! Olhei para trás... nem o tareco me seguiu!

De que serve construir um novo caminho se não tivermos com quem o partilhar?

1

Não sabes escrever!

- Mas tu nem sabes escrever! – Afirmou pronta e rispidamente o Pedro.

- O que alguém deveria escrever, era sobre os escândalos das arbitragens cá em Portugal! – Atirou o Cardoso, que por o planeta parecer redondo, pensa que pula como uma bola de futebol.

- Estás a aproximar-te dos quarenta, comesças a ter complexos, mas não te preocupes que isso não se esgota assim! – Disse, numa espécie de conselho paternal trocista, o Vasconcelos.

Não! Decididamente a mesa de quatro, no café do Vítor, era uma péssima escolha para uma conversa decente.

- Mas isso é a sério ou quê? – Duvidou o Pedro.

- Ou quê! Era uma piada, mas interromperam-me e não me lembro agora do resto. - Mal disfarçado, mas foi o que mais veloz me ocorreu.

Que raio de ideia me foi dar! Desde o assobio vaporizado da Cimbali laranja, que reclama a reforma desde há tempo infindo, aos encontrões nas costas da cadeira de quem empurra primeiro e pede

licença depois, até ao barulho desarmonioso das conversas espalhadas pelas cerca de uma dezena de mesas, tudo ajudava ao fracasso desta minha abertura.

«Mas tu nem sabes escrever!» Não sei escrever?! Mas com que bases me julga o Pedro? De conversas fúteis tidas nos intervalos do emprego? Que se lixem...

Inventei uma desculpa manhosa e saí. É curioso, o Sol não me pareceu tão simpático como quando tinha, em má hora, entrado no Vítor. Decididamente fiquei perturbado.

Depois dum banho relaxante e de uma agradável bebida a rematar um jantar feito à medida de quem está só, sentei-me, meio na penumbra, a tentar organizar as ideias.

Fazer um livro. Como? Porquê? Para quê? Não é fácil tentar fazer de advogado do diabo quando a causa é nossa... e assim se perde o rumo que tentava encontrar.

Apesar disto não ser a NBA, apetece pedir tempo. Tempo para pensar. Tempo para relaxar. Tempo para deixar adormecer o frenesim. Tempo para, olhando o passado, tentar entender melhor o presente. E assim, adormecendo os sentidos, fui deixando as ideias fluírem.

Desde novo que, por algumas vezes, me tinha assaltado o desejo de escrever um livro. Fossem aventuras, dos cinco ou dos sete, ou manifestos de opinião de quem sente o fogo de ser adolescente, com verdades tão certas e certezas tão verdadeiras que não podiam caber apenas numa cabeça com, afinal, ainda tanto por saber. Por mais irritante que possa ser, depois de querermos salvar o Mundo, passamos a querer salvar apenas o ordenado. E o desejo foi ficando esquecido na gaveta do dia a dia.

Um casamento muito desejado e empenhado no início, que resultou no fracasso a que estava, afinal, destinado.

E eis-me com trinta e seis anos, sem saber se sei escrever, a querer deixar uma marca em folhas para a posteridade. Presunção?

Nah! Decididamente não, vontade sim! E os desejos sentem-se, não se explicam.

A grande vantagem de se ser mais novo é, no impulso do momento, contemplar apenas o lado visível da Lua. Menos jovens, pensamos que temos a vantagem de ver também o lado oculto. Mas tal acaba por se tornar contraproducente, porque dificilmente temos a capacidade de conseguir gerir a correcta média entre ambos os lados. E a tendência para o escuro acentua-se. Para evitar isso, comecei a mesurar todos os pontos que ainda não tinha julgado, reflectindo nas dúvidas que me foram aflorando, normais para um absoluto principiante:

Como se escreve? Claro que as imagens estereotipadas da máquina de escrever pertencem, penso, ao passado e agora devem utilizar um computador. Mas utilizando o quê? Word? Ou outro software específico? Como, inegavelmente, software só conheço bem os de imagem e áudio, seguirei a lógica e utilizarei o Word. Um ponto resolvido.

Que fazer com o livro? Publicar ou não? Publica quem quer ou quem consegue? Este ponto vai ficar com a resolução para o final, já que não sei sequer se conseguirei concluir o que ainda nem comecei e se merecerá ser publicado. O que fazer então é mais problemático pois não conheço ninguém ligado ao meio e nem faço ideia de como seja. Chego a uma editora e digo «Olá! Sou o Miguel Nuno Pais, escrevi um livro e gostaria que o vissem. Tenho em papel e em diskette, como preferem?». Bah! Se o problema é para depois, tenho é que me concentrar a transferir para o papel o que me vai na alma, o resto só poderá ser por acréscimo, até porque neste momento o que quero é escrever, sendo irrelevante a publicação ou não. Mas que seria um orgulho...

Irei ter um olhar sobre o ombro? Ah! Esta é fácil, outro ponto resolvido! Decididamente quero escrever para mim e não pensar no que será bonito e agradável para os outros lerem, sendo fundamental não haver recados.

O que escrever? « ...?...!...?...?? » Deu-me mesmo uma branca! A história da minha vida? Que ridículo! Um romance? Seria bonito, mas de que tipo? Uma miríade de ideias assalta-me: os actuais valores, ou falta deles; porque é que a verdadeira amizade homem/mulher é sobejas vezes confundida com algo mais; porque é que as jovens raparigas de hoje são mais responsáveis que os rapazes (esta seria polémica...); o que leva as pessoas a reprimir os seus sentimentos; a amizade, o valor da amizade, a solidariedade. Sem dúvida assuntos interessantes mas que dificilmente serão o tema principal, apesar de poderem e deverem estar induzidos. Não entremos em pânico, a inspiração há-de chegar... Tal como o sono que me venceu.

*

* *

A Lua iluminava a noite, acendendo um bem-estar na criança. A observação das estrelas empolava-o! Era algo forte que lhe apetecia abraçar, dando esperança às dúvidas de quem olha em frente e vê um túnel de incertezas. O ser grande há-de ser algo em estilo!?

O que a criança não sabia ainda é que ao ser grande mal se lembrará de olhar para as estrelas. Que lhe farão falta...

*

* *

Estava a praticar o meu jogging num qualquer jardim preparado para o efeito. O brilho do Sol ia entrando no seu habitual dégradé de fim de dia. O caminho, em terra batida, serpenteava entre as árvores, felizes por sentirem a sua estação preferida. A meu lado, ultrapassando e cruzando-me, outros atletas especializados em manutenção, cada qual com o seu ritmo e cada um absorto na sua corrida.

Pum, pum, o bater das passadas confundia-se com o bater do meu coração, firme, aguentando todo o esforço libertado em gotas de suor e de respiração ofegantemente controlada.

Comecei a notar que o caminho já não era serpenteante, mas dava lugar a curvas em espiral, ligeiramente a descer e a aproximar-se, como que atraído para um centro onde a noite ia ganhando espaço. Os candeeiros já iluminavam o percurso do qual os outros corredores se eclipsaram. Estava a correr sozinho em direcção a um centro qualquer de controlo, onde acabei por entrar. Fiquei estupefacto! Era um casarão, equipado modernamente, onde estranhos seres, que mais pareciam Yodas, controlavam uma série de máquinas com variadas luzes em forma de árvore de Natal. Parei. A respiração ofegante aumentou perante a aproximação do espécie de Yoda com aspecto de líder ancião. Estendeu-me um papel, um A5 branco, imaculadamente branco. Olhei-o demoradamente. O branco, a meio, foi dando lugar a pequenos pontos negros que ganharam forma, até comporem a palavra Lúcia.

Não sei quanto tempo passou entre o sonho e o acordar. Apenas sei que quando o despertador arrancou com a sua tortura diária, acordei como se estivesse ainda nesse estranho e obscuro mundo onde bastas vezes nos deslocamos e que alguém apelidou de sonho, como se tivesse alguma relação com os sonhos que são as nossas ambições e desejos mais profundos.

Ajeitei-me vagorosamente na cadeira onde me deixei adormecer, tentando pôr no seu devido lugar os ossos massacrados pela má postura, ao mesmo tempo que tentava perceber o que fazia a cama por abrir. Fui-me recordando, com um bocejo prolongado, do que tinha reflectido em relação ao livro (ao meu livro!) até ter sido vencido pelo sono. Mas o que na realidade não me saía da cabeça era o sonho! O sonho e o seu final, onde algum ser, decerto mais inteligente, me fazia ver o que parece que oculto, a minha paixão pela Lúcia! Não simples atracção ou desejo, mas sim amor.

Foram precisos alguns meses até ter reconhecido que estou perdidamente apaixonado pela doce Lúcia. Um amor que tento esconder de mim próprio, só porque receio que uma bonita rapariga de vinte e três anos me ache velho demais, ou sem jeito. Além de que, se lhe mostrar o meu amor, poderei estragar uma bonita amizade. Logo eu, que tanto critico as pessoas não mostrarem os seus verdadeiros sentimentos, pela implicação que isso terá no seu futuro.

Olhei as horas, a velha frase do «tenho que me despachar senão chego atrasado» martela-me inexoravelmente na sua habitual rotina quotidiana de quem é escravo do tempo, como o somos e sem termos sido feitos para tal. O que vale é que amanhã já é sexta.

Fui tomar um duche. A água quente escorreu pelo meu corpo, acalmando os cansados músculos necessitados de se recomporem da noite que passaram. Mas o sonho e a Lúcia não me davam tréguas.

Recordo-me de quando a conheci há cerca de dois anos, um depois do divórcio, três meses após o trágico desaparecimento dos meus pais. Imagine-se, foi no emprego! Na nossa área de edição de imagem e pós-produção, estávamos a necessitar de alguém para tratar do atrasado arquivo e pedimos uma pessoa de trabalho temporário. Veio a Lúcia, então com vinte e um, que do alto da sua beleza logo suscitou comentários farsolas entre os colegas que se sentem doutorados em mulheres. No início mal a admirei, estava mergulhado num momento assaz difícil e macambúzio, até ter necessitado de fazermos um trabalho em conjunto. Foi crescendo mutuamente uma profunda amizade e admiração entre duas pessoas que se sabem ouvir. Na altura namorava um tal de Ricardo que, apesar de ter a sua idade, ainda era muito puto e foi isso que acabou com o namoro, já de dois anos, pois a Lúcia foi uma rapariga que amadureceu cedo, apesar de manter sempre a sua juvenil alegria, bem consubstanciada no seu sorriso (e que maravilhoso sorriso!) e nas inocentes e puras brincadeiras de quem ama a vida.

Após a ruptura com esse Ricardo, começámos a preencher a nossa solidão em conjunto (ou devo dizer, a melhor apreciar a companhia do outro?) indo muitas vezes juntos ao cinema, num ritual quase semanal, alimentando uma grande paixão comum pela sétima arte. E já lá vai um ano de boa companhia que, talvez por preconceito, me tem mascarado do que realmente sinto por ela. Preconceito não, mais medo de a perder já que não vejo como uma rapariga tão bonita de vinte e três anos e com tantos jovens da sua idade, iria olhar para alguém treze anos mais velho, embora me mantenha ainda em boa forma e elegante, verdade seja dita... e de até ser girote... segundo já me disseram!

O que é certo é que a paixão (sim Miguel, bem podes pronunciar a palavra paixão, amor!) tem aumentado de uma forma que cada vez mais me faz ver a Lúcia em qualquer lugar, em qualquer momento, de respirar Lúcia a qualquer segundo, de só querer partilhar com ela toda e qualquer situação que me faça sentir bem e em paz comigo. E há tanto tão bonito para se ver e partilhar!

Sinto que vou explodir de tanto amor e de não aguentar mais o comedimento.

Porquê este medo?

E se este receio que me castra é infundado?

Ou será que já vejo aquilo que quero? É que por vezes, quando me olha, observo-lhe um brilhozinho que significa, ou quero que signifique, algo mais. Para já não falar de algumas traquinas provocações com que as mulheres adoram embaraçar quem gostam, para ver se provoca algum efeito. Ou para ver se nos desemburra...

Será que o destino existe mesmo?

É que após o seu período temporário de seis meses, abriu-se uma vaga na contabilidade e, como tinha as aptidões necessárias, a Lúcia passou a ser colega efectiva, apesar de estar no edifício ao lado. Nessa fase já éramos confidentes inseparáveis, principalmente por o seu namoro estar a dar as últimas, algo que devo confessar, na altura sem bem o perceber, me deu uma certa satisfação, pois

achava-o um puto irresponsável. O que é certo é que foi a partir desse momento que mais nos ligámos.

Ai as horas! Agora é que já estou mesmo a ficar atrasado! Também não faz muito mal, compensa com as horas que dou a mais... O duche foi prolongado, mas estava bem a precisar para me lavar o corpo e a alma.

Que gaita irei vestir hoje? Esta Primavera está muito instável, por isso é melhor uma camisa com um pulôver que se o tempo aquecer bem posso tirar. Esta é que não pode ser, na lavandaria não me conseguiram tirar uma nódoa no peito, é melhor a creme. Para isso devo levar o pulôver castanho. Já o terei passado a ferro? Ufa! Tá passadinho! Isto de um homem ter que saber conjugar as cores sem ter uma mulher a dar dicas, demora um pouco mas chega-se lá!

Faço umas torradas que mastigo enquanto ando pela cozinha a arrumar coisas. Parece impossível como nunca está nada arrumado, acabamos de colocar tudo no sítio e logo o vírus da desarrumação se infiltra noutro lado. Bebo café com leite enquanto me passeio pela sala. Desde que vivo a sós que este tipo de refeições é tomado assim. Custa-me, achando quase ridículo, estar desacompanhado em casa sentado numa mesa comendo e olhando para lado nenhum. Decididamente não sirvo para viver sozinho, mas também menos sirvo para viver como durante o período negro da minha falhada relação com a Rita.

Olho pela janela do meu apartamento algesino, onde uma estranha ambiguidade se me depara. Em cima, um Sol glorioso sobressai dum quadro azul onde as nuvens parecem pintadas a pastel. Uma imagem activa de força da natureza a contradizer com a parte de baixo, onde a grande confusão já está instalada, com o pessoal a injectar-se com a sua dose matinal de stress.

Apetecia-me voar, rompendo aquelas nuvens de algodão e sentir a deslocação do ar acariciar-me a cabeça, cabeça essa que, porém, conformadamente faz baixar o olhar para aquilo que me espera. A grande luta do chegar ao emprego por entre uma bicha interminável

e para a qual tenho que pedir licença para nela entrar. Para se seguir uma nova luta por um lugar para o carro.

Torno a olhar para cima e quase que descortino um sorriso no Sol. Esboço também um, ao pensar que chegou a hora. A hora de declarar todo o meu amor pela Lúcia. Está na hora, venha uma oportunidade. Ou melhor, crie-se uma oportunidade!

Saio de casa e pergunto-me para onde terá ido a confusão. Fiquei de espírito positivo!

2***Namorar a oportunidade***

A sala onde nós quatro quase nos acotovelamos, não permite uma privacidade mínima. Talvez seja por isso que as nossas conversas sejam tão banais, às vezes mesmo a roçar para o parvo. Como costuma dizer o Cardoso, querem que façamos um trabalho perfeito, mas darem-nos boas condições, está de chuva! Se está ou não, não o sabemos pois nem uma miserável janela nos ilumina, tendo que viver as sete horas do dia (pelo menos...) à luz duns candeeiros mais usuais nas cozinhas. O trabalho requer a nossa especialização, técnicos de tratamento de imagem (normalmente pós-produção), para fins tão diversos como publicidade ou documentários, os meus preferidos.

- Não te esqueceste do workshop de amanhã, pois não? – Só após uns segundos é que me apercebo que o Vasconcelos está a falar comigo, pois estava entretido a descobrir quão ridículo era o memo sobre segurança que Recursos Humanos tinha feito circular. Ou trabalham noutra firma, ou sou eu que estou a leste...

- Não, não me esqueci. Como aquilo é na Amadora e começa às onze, já nem meto cá os pés amanhã.

- Vais é sozinho, pois marcaram-me uma reunião daquelas que não posso fugir.

Já esperava. Desde que ficou responsável pelo sector só se interessa pela *burocracite* e estas coisas técnicas já o chateiam. Assim, é a mim que não me vai melgar! Tenho pouca paciência para gajos como o Vasconcelos, teimoso que nem uma mula. Se dizemos algo, tende logo a afirmar que não é bem assim e dá outra teoria. O problema é que se expressarmos essa mesma teoria, responde com o seu irritante «não é bem assim». É tão teimoso que nem reconhece que a culpa do seu divórcio tenha sido dele, dela, ou mais provavelmente, de ambos. Não! A culpa foi da instituição casamento. Uma vez referi que o casamento não existia, tinha que ser construído por cada um. Não gostou, coitadinho! Começou com as suas merdas de semi-intelectual trocista, com doses de arrogância qb, que muito azedaram o momento. Preocupa-se muito com essas “honras”, só é pena é que não se preocupe com os seus filhos a quem pouco ou nada liga. Palavra de honra que se eu tivesse dois rapazes e uma rapariga seria um pai o mais presente e orgulhoso possível. Com quarenta e três anos vai bem lançado para um futuro abandonado. As suas intenções, já manifestadas, é que quando forem “homenzinhos” os reconquistará... não se apercebendo que nessa altura o comboio já irá a alta velocidade em direcção a outras paragens.

- Queres ir tomar uma bica? – Desafia-me o Pedro, com cara de quem pretende saber algo.

A sala da máquina do café é o refúgio para desentorpecer um pouco a língua, com conversas mais a sério ou, se o Cardoso estiver metido, para acesas discussões futebolísticas.

- Ontem estranhei a tua conversa do livro, sempre vais para a frente?

- Mas qual livro? – Fitei secamente o Pedro, que sentiu que o estava a querer calar.

- Só estava a querer ajudar, a ser útil. Desculpe sim!

Pois é Pedro! És muito amiguinho e interessado quando estás sozinho, mas em grupo és logo o primeiro a atirar a pedra. Pensas assim que sobressais e ganhas notoriedade...e as pessoas deixam de te ter como confidente, o que te arrelia.

- Então a tua filha? – Um bom tema para o desviar da conversa.

- Olha, vai agora com a Nanda ao médico.

- Algum problema?

- Não, é a revisão dos quatro.

Rindo, acabamos de beber o café e ao regressar aproveito para ligar à minha extensão preferida, 1227, a da Lúcia.

- Lúcia Ferreira – Atende do outro lado uma voz melodiosa fazendo ecoar música nos meus ouvidos.

- Bom dia!

- Olá! Tudo bem? – Pergunta no seu tom doce.

- Tudo! Almoçamos?

Uma ligeira pausa de quem se certifica que horas tem.

- Agora assustaste-me, pensava que já era mais tarde!

- Sim, mas como hoje tenho uma novidade para te dar, quis já saber – Normalmente conferimos lá para o meio-dia se o outro pode ir almoçar, dado que esse é o melhor momento para falarmos mas, com a ânsia que hoje estou para a ver, antecipei a chamada para as onze.

- Boa ou má?

- Curiosa! Vais ter que esperar...

- Isso não se faz a uma menina... mas está bem, eu espero. Falta muito para o meio-dia e meia?

Desligo com um sorriso nos lábios. A sua voz encanta-me, rejuvenesce-me.

- Continuas a querer desmamar crianças?

Porra! O Cardoso tinha que ter ouvido e despertou-me do sonho.

- Qual é o teu problema? – Chego-me um pouco para trás na cadeira, endireitando-me e pondo a minha cara contrariada, para lhe

demonstrar o quanto me desagrada esse tipo de comentários destruidores.

Faz um sorriso sacana e sussurra – Já há poucos homens a sério!

Não lhe dou troco, nem valeria a pena. O Cardoso em quarenta anos não aprendeu nada de positivo. Típico machão de primeira, só vê as mulheres para um único fim. Provavelmente julga que só existem para seu exclusivo prazer. A que tem em casa deve ser apenas para o servir e aguentar todas as suas aventuras, de que faz gala. Na realidade, o Cardoso não gosta de mulheres, porque não as respeita, só gosta de si e do seu proclamado jeito engatado ordinário.

O que é certo é que tenho que fazer equipa com três personalidades muito diferentes da minha e tenho-me esforçado para o conseguir. Nas outras secções vejo algumas pessoas que dignificam o ser humano mas, infelizmente, é com estes que divido o trabalho. Não se pense que não sejam bons profissionais, porque o são, mas talvez que se os conhecesse noutra sítio, noutra quadro de vida, os visse diferentemente.

*

* *

A criança olha em volta como quem quer sorver o momento. Um pacto de sangue com os seus dois melhores amigos! Nunca tinha feito nada de tão importante, pensa neste momento solene. Será impossível algo corromper esta amizade e união que resistirá a tudo e todos, acredita.

Nesta altura a criança ainda não conhecia o efeito devastador que o tempo faz a cada um de nós, minado pelas circunstâncias, deixando apenas como património as recordações dum tempo a que desejaríamos voltar mas que recusamos.

*

* *

O dia acabou por ficar para o quente. Saio do edifício, já com o pulôver esquecido na cadeira, olhando de imediato para a porta do prédio da direita, de onde vem a sair a Lúcia. Um metro e setenta e dois de corpo elegantemente magro. Cabelos compridos e negros de risco ao meio, com alguns a caírem-lhe graciosamente para a testa, emoldurando uma face lisa, bonita onde se destacam dois brilhantes e expressivos olhos castanhos, complementados por um nariz ligeiramente arrebitado e uma boca bem delineada que apela aos meus desejos mais profundos. Vem toda de azul-escuro, calças de tecido e uma camisola de licra que realça as suas esbeltas curvas, que mais parecem desenhadas. As mangas vêm arregaçadas até ligeiramente acima do cotovelo, salientando os seus compridos braços e fazendo parecer os antebraços mais soltos para me entrelaçar.

Porém, o habitual do dia a dia repete-se, dois beijinhos selam o cumprimento. Sinto o seu habitual perfume inebriar-me as narinas. Se representasse o papel principal num filme ou num livro, saberia de imediato identificar o perfume. Como estamos na vida real, não faço a mínima ideia qual seja, apenas sei que me delicia sempre. Uma vez, quando falávamos baixinho e muito próximos, o efeito do perfume começou a actuar de tal maneira que cheguei a sentir os braços a abraçarem-na fortemente. Resisti ao que pensei ser natural atracção física. Ainda não queria admitir o que sei hoje, amor que me sufoca e pelo qual tenho que fazer algo e depressa.

- Vamos?

A ida é, como habitualmente, ao Beirão, um café-restaurante vocacionado para os pratinhos onde, por cinco a seis euros, se almoça comida estilo caseira, confeccionada por uma adorável senhora já de idade, a D.Lucinda que, quando pode, gosta de falar connosco partilhando a sua enorme experiência de vida de alguém que se preocupa com os outros, só não ajudando se lhe for mesmo impossível.

Como costumamos vir meia hora antes da uma, não temos dificuldade em conseguir lugar e vamos para o canto, onde se fala melhor sem termos outras mesas a inteirarem-se do que dizemos. Mal nos sentamos e o Zé já estende o menu com a meia dúzia de pratos escrito a caneta azul.

- Então, o calorzinho veio para ficar? – O Zé, como sempre, a acabar tudo em inho. Um tipo castiço e bom a quem a vida já pregou umas partidas.

- Não te esqueças que estamos em Abril, ainda há-de vir muita chuva – Respondo-lhe para de imediato percorrer a lista e concluir que tenho a mente tão preocupada com outras coisas que não vou gastar tempo a escolher. E quando assim é – Vou para o bitoque.

A Lúcia foi para o peixe, ao que o Zé anotou falando alto – Um peixinho grelhado.

- Então o que me querias contar? – Apoiando os braços na mesa e fitando-me com uma expressão de curiosidade que, aliada ao seu nariz ligeiramente arrebitado, lhe dá um ar a que ficaria horas só a contemplar.

- Quero escrever um livro!

- Que bom! – Reacção espontânea que me caiu fundo.

- Vamos ver se consigo...

- Se quiseres, consegues de certeza!

Era disto que eu precisava. Podemos ter muita determinação mas receber apoio de quem amamos potencia as nossas forças, dá outro sentido à luta que vamos empreender, dá uma razão à obra para a partilharmos, sentindo uma união de esforços a rodear-nos em ternura.

- Já alguma vez escreveste?

- Primeiríssima vez! Sei que vou ter as minhas dificuldades e que não vão ser poucas, mas estou muito empenhado!

- Que bom! – Deixou prolongar um pouco o bom, enquanto me apertava a mão, querendo transmitir-me força. – É bom ver quando alguém está entusiasmado com algum processo criativo. É para publicar?

- Ui! Estás a pôr a carroça demasiado à frente dos bois! Ainda nem comecei, não sei se vou conseguir e mesmo que consiga e fique giro, não te esqueças que ninguém me conhece, nem e isto é primordial, conheço alguém do meio.

Os pratos chegaram, como sempre, muito bem cheirosos.

- Pois! Mas mesmo que não se publique, eu poderei sempre ler, não? – Faz mais uma cara doce.

Retribuo com um sorriso.

- Claro! Vais ser a primeira! Terás é que dar as tuas opiniões mais sinceras para me poderes ajudar.

- E sou a primeira a saber? – Fez um sorriso querido que me custou contrariar.

- Por acaso não. Ontem, estava tão entusiasmado por me ter finalmente decidido a escrever que, quando fomos ali ao Vítor no final do dia, tive a infeliz ideia de dizer aos gajos.

- Já imagino as reacções... – A Lúcia detestou os meus três colegas, quando estive lá no início.

- Depois disfarcei a dizer que era uma piada, mas pelo menos o Pedro ficou desconfiado.

- Já sabes que com o trio é missão impossível uma conversa séria...

- Pois! – Saboreio um pouco mais o bife bem tenrinho (tenrinho? já devo estar influenciado pelo Zé...).

À nossa volta as mesas começam a compor-se. É a altura de chegarem os mais apressados. Até já o intervalo para almoço serve para aumentar o stress a muito boa gente.

Reparo que a Lúcia tenta definir ideias, a encontrar as palavras correctas para ser bem interpretada. Finalmente diz:

- Não deixa de ser curioso que queiras escrever um livro!

- Por?

- O teu trabalho é imagem. As tuas paixões são o cinema e a música. Sempre te habituaste a imaginar as diferentes cenas com planos cinematográficos, complementados com a música ideal para qualquer situação e momento. Sempre afirmaste que a música diz

mais que n palavras, pelos sentimentos e sensações que transmite. Como costumás definir: *música que nos preenche os sentidos*. Emocionas-te, empolgas-te, assustas-te, amoleces, despertas, vibras com um tom musical associado a um determinado plano. E agora, estás a querer passar isso para a segura duma folha onde não há ajuda de sons nem de imagens?

Faz uma pausa. Como fiquei calado, retoma.

- Não me interpretes mal! Não estou a dizer que não devas escrever, muito pelo contrário. Estou só a querer fazer o enquadramento psicológico dessa tua, penso que, súbita vontade. Ou talvez seja mesmo por isso que queiras escrever. Pelo desafio e fuga de rotina. Será?

- Não te sei responder. Apeteceu-me! Pura e simplesmente, apeteceu-me! E por isso quero fazê-lo sem procurar explicações possíveis. Estou a chegar a uma fase da vida em que tenho que me preocupar comigo, com o facto de querer fazer coisas que me satisfaçam. Não estou a dizer que não deva pensar nos outros, não é isso, o que estou a querer explicar é que passamos demasiado tempo obcecados com bens materiais e com aquilo que os outros possam pensar da nossa vida e de alguns desejos nossos, esquecendo o que realmente nos alimenta o espírito.

A Lúcia sorriu. Isso é que me alimenta o espírito. O seu sorriso é sereno e alegre. Toda a cara se abre igualmente em sorriso acompanhando os lábios e colocando um brilho nos seus olhos. Algo que me toca sempre e me faz sentir afortunado só de a saber feliz.

Abro a carteira e retiro de lá um papel dobrado em quatro.

- Quanto ao ser uma pessoa do cinema e música, há dias atrás li isto numa revista e achei tão interessante, principalmente pelo autor ser quem é, que cortei para não me esquecer – começo a ler – «O que queria dizer é que a literatura oferece uma experiência superior ao cinema, porque o cinema não permite que o público faça a sua própria interpretação. A literatura permite-nos imaginar as personagens, pintar as descrições com a nossa própria bagagem pessoal e obter uma experiência muito mais intensa, mais íntima e,

nalguns casos, quase religiosa. A leitura de um grande livro é muito mais rica que o visionamento de um grande filme. Muitos livros tiveram um grande impacto em mim e, depois, quando esses romances foram adaptados ao cinema, senti-me decepcionado. Porque o que tinha visto e sentido na minha imaginação estava sempre muito para além da interpretação do livro que outros tinham reduzido a uma história em duas dimensões. Não fui um bom leitor, nos meus anos de formação, e sempre me envergonhou o facto de não ler muito. Quando, realmente, comecei a ler, na década de oitenta, foi uma revelação. Quis referir isso ao receber o Prémio Thalberg, e talvez assim inspirar outras pessoas». – Torno a dobrar o papel em quatro e a guardá-lo na carteira.

- Porque é que acho que vou ficar surpreendida quando ouvir o nome de quem declarou isso?

- Uma pista, Amistad.

- Anthony Hopkins?

- Não penses em quem representa, mas sim na pessoa que idealiza os tais planos que referiste.

- Steven Spielberg! – Acena a cabeça, divertida – Retiro todas as dúvidas que lancei!

À nossa volta as conversas aumentam de tom, mais diminuindo quem almoça solitariamente.

De súbito, a Lúcia faz uma expressão intrigada.

- E qual o tema do livro?

Ponho uma cara comprometida e, entre dentes como que meio envergonhado, confesso:

- Ainda não sei!

Gargalhada bem divertida da Lúcia pela incongruência da situação.

- Não me queres dar alguma inspiração? – Pergunto, quando a verdadeira inspiração está bem na minha frente.

- Assim de repente... – Ajeita-se melhor na cadeira e começa a desenhar uma cara marota, própria de quem vai dizer alguma – ...olha, poderias escrever sobre a minha beleza... – Acaba a frase contendo o riso e imitando uma expressão vaidosa.

- Não me peças impossíveis! Nunca conseguiria encontrar as palavras adequadas! – Sei que a Lúcia vai pensar que é mais uma das minhas habituais frases com que pretendo ser simpático e dispor bem os outros, mas... raramente fui tão sincero e suspeito que a voz bem o denunciou.

A Lúcia sorri lisonjeada e baixa os olhos, para os tornar a levantar com um olhar misto de ingenuidade/provocação que me faz lamentar estarmos no meio desta sala, já excessivamente barulhenta, e que pense que não seja o sítio ideal para me declarar. Sinto que ando a rondar, quase que a namorar a oportunidade. Estou convencido que quem observe de fora se recuse a acreditar que (ainda) não sejamos amantes. As nossas conversas, a nossa intimidade, os nossos sorrisos, inclusive o tom de voz com que nos comunicamos, diz tudo, só falta o resto... e sinceramente, platónico não é o meu género!

Os nossos olhos ficaram unidos durante uns breves segundos, como que transmitindo telepaticamente o que as nossas bocas ainda não fizeram. Corto esse breve silêncio.

- Tens alguma coisa planeada para amanhã à noite?

- E queres ir ver o quê? – Continua com a sua voz doce que me entontece. Pensa que, como habitualmente às sextas, é para irmos a algum filme. Tenho, no entanto, outros planos.

- Nada. Amanhã apetece-me algo diferente, oferecer-te um jantar no Parque das Nações.

- Puquê? – Em certas alturas a Lúcia gosta de falar e de colocar uma cara de criança de forma tão querida que começo a duvidar que aguento muito mais esta explosão que sinto dentro de mim.

- Puque m'apetece – Respondo na mesma moeda para depois sorrir e justificar – Não falei há pouco que tenho que deixar de procurar razões para aquilo que verdadeiramente pretendo?

- E sobremesa? Uma frutinha? – Interrompe o Zé, não se apercebendo que estávamos alheados de tudo.

A Lúcia foi a primeira a reagir – Hoje só quero um café, Zé.

- Outro! – Continuo demasiado efervescente para conseguir escolher sobremesa.

- Não é amanhã que não estás cá?
 - Sim, vou ao workshop na Amadora. Combinamos para o Vasco da Gama às oito no sítio do costume?
 - É uma boa hora! – E mudando de tema, como quem quer deixar adiada a conversa para altura mais propícia – hoje de manhã fui com o meu pai ao banco e estivemos a falar com o teu amigo.
 - Com o marreco? – Pergunto com cara de quem bebeu de um trago sumo de limão.
 - Ainda me hás-de explicar porque é que o apelidas sempre de marreco. Ele até é bem direitinho...
 - Apelido o Amaro de marreco pela simples razão de ser uma pessoa que se curva para o poder, para a ambição ilusória de quem vive engravatado no seu fechado mundo, em que a fantasia e a imaginação são poderes a abater pois desviam-no dos seus alvos, exclusivamente materiais, e onde a imagem a transmitir é ouro, mesmo que esbatido por um interior falso e hipócrita.
 - Meu Deus! O que aí vai! Não queres antes dizer que é o companheiro da tua ex?
- Fico sem compreender se está a falar comigo, a estudar-me ou apenas a incitar-me. As mulheres necessitam de saber bem o chão que pisam e, para tal, nada como desafiar para melhor forçar o resultado. Por isso respondo com calma e tranquilidade, até porque nada há a esconder.
- Ok! Queres-me atíçar, mas o que digo hoje do marreco já o dizia antes do meu divórcio e do acordo negocial deles.
 - Acordo negocial?
 - Podem parecer palavras duras mas, para mim e não penses que tem algo a ver com o facto de ela ser minha ex como bem o sabes, eles juntaram-se porque dá jeito. O seu objectivo é um só, subirem na hierarquia o mais que possam e no menor tempo possível, rodeando-se de quem necessitam que os ajude nesse momento para, de seguida, os descartarem. Irem sem acompanhante credenciado a alguma festa de pretenso jet-set não é muito

prestigiante, mas se juntarmos um gerente bancário a uma directora de marketing tudo muda. Ali não há amor, há interesse!

- Desculpa que estava mesmo a meter-me contigo. Já devia saber que não é um assunto agradável para ti. Só me espanta como é que se casaram sendo tão diferentes...

- A Rita mudou muito com as perspectivas de carreira. Nessa altura era uma miúda diferente e eu não tinha traquejo para me aperceber dos sinais negativos que se iam manifestando. Temos que olhar sempre para o lado positivo de uma experiência falhada. Aprendi muito à custa do que passei então.

- E agora já tens?

- Já tenho o quê?

- Traquejo para não te enganares outra vez... – Inclina a cabeça, fazendo pender o cabelo.

Hoje é sem dúvida o dia de todas as provocações! Cada vez menos duvido que a minha paixão não seja correspondida. Por muito menos sinais já tinha reagido. Arriscamos sempre mais quando o prémio não é significativo, mas quando deparamos com um tesouro quase receamos dar um comprometedor passo em falso. Só que assim corremos o perigo de deitar tudo a perder. E sem dúvida a hora já está bem marcada na fugaz espiral do tempo. E o tempo recusa-se a esperar por nós e pelos nossos receios.

- Ora aqui estão os cafezinhos.

Hoje, decididamente, o Zé está com pontaria para interromper momentos preciosos. Mas que culpa tem ele de ter como cliente um homem de trinta e seis anos que mais parece um adolescente receoso de dar o passo que todo o seu ser impele?

Terminado o almoço, a hora é de regressar ao trabalho. Não sem antes...

- Não te preocupes muito. Segue os teus instintos...

Não entendo a frase e interrogo-a com o olhar.

- Sobre o tema do livro! Como em tudo, deves seguir os teus instintos. – Esclarece sem me convencer que o recado não seja outro. O recado ou a mensagem...

- Não duvides que os irei seguir. – Afirmo como uma promessa, sorrindo e desejando fazer uma festa na sua cara. No entanto, não podemos seguir os instintos assim de forma tão linear. Temos que criar condições para tal. Ou será que já estou a condicionar os tais instintos?

Despedimo-nos até amanhã à noite.

«Como em tudo, debes seguir os teus instintos»

Deito-me, ainda com esta frase a bailar.

«Como em tudo, debes seguir os teus instintos»

Tento colocar um pouco de ordem mental. Amanhã tenho o workshop às onze. Uma boa altura para me levantar cedo e partir para uma acção de observação. Colocar-me-ei numa das muitas ruas movimentadas da Amadora e irei observar as pessoas, tentando adivinhar/idealizar a história que têm escondida na sua aparência. Anotarei tudo num caderno para estudar se terá potencial para criar alguma história com esses dados ou com outros que advenham. Poderá estar aqui a inspiração para o meu livro?

«Como em tudo, debes seguir os teus instintos»

Aconchego-me nos lençóis para aproveitar toda a sua maciez e agradável perfume de quando são trocados. No entanto, estou só e nada pior para um apaixonado que a solidão.

«Como em tudo, debes seguir os teus instintos»

O grande momento do dia estará reservado para a noite. Sem dúvida que amanhã irei seguir os meus instintos. 12 de Abril de 2002 irá, ou terá que, ficar na nossa história como uma data de partida para uma viagem sem chegada.

«Como em tudo, debes seguir os teus instintos»

De súbito, ao pensar na data de amanhã, recordo uma outra, esta de má memória. Mais dois dias e teremos o 14 de Abril onde, três anos antes, o edifício que tentámos construir ruiu ao não aguentar uma estrutura tão débil como a que tinha sido criada. O fim do meu casamento com a Rita. Uma data dolorosa? Imenso! Mas por vezes temos que sofrer para obviar um sofrimento maior.

Inevitavelmente, adormeci relembrando todos esses angustiosos momentos que marcaram, tão profundamente, a minha vida e a minha maneira de encarar o mundo.

3***A morte do defunto***

O copo em cima da mesa. A mesa com o copo.
O comando ao lado do copo. O comando na mesa.
A televisão a debitar imagens que não me captam a atenção.
O quadro na parede atrás da televisão. A televisão ligada.
O copo em cima da mesa...

Porra! Já não sei mais para onde olhar! A pachorra foi-se toda. Não dá para aguentar mais esta merda de espera! Há limites para tudo, especialmente para a falta de respeito!

São nove e quarenta e cinco da noite. Era suposto estarmos em casa do Gaspar e da Ana às oito. A Rita prometeu-me que estaria cá às sete. Garantiu-me que não tinha nada marcado, nem iria marcar. O Gaspar e a Ana fizeram muita questão em que nós, como bons amigos de sempre, estivéssemos no jantar que eles quiseram oferecer festejando a sua segunda gravidez.

A Rita cagou-se por completo no que tinha prometido. Nem uma miserável palavra para me avisar que vinha mais tarde para que, ao menos eu, pudesse ir ter com quem partilho uma sincera amizade.

Espero só mais cinco minutos, outros cinco, deve estar a chegar e já são as horas que são. Mais uma desfeita, a enésima que lhes pregamos. E a gaja até desligou o telemóvel para não ser chateada nos seus assuntos de quem anda a brincar ao grande poder. Cabra!

Sinto um formigueiro no estômago, a cabeça a estalar de raiva, pressão, stress, confusão e decepção, decepção conformada porque já há muito que me apercebi que o lindo sonho de vida a dois com a Rita se desfez como mil pedaços de vidro espalhados no duro percurso da realidade.

Viver para o trabalho, viver para a carreira. Subir, subir, subir e espezinhar quem se suspeite que seja hipotético concorrente. Como se não existisse outro objectivo na vida. Prazer, felicidade, são para mim sinónimos de bens que não encaixam em nada nos que a Rita acredita, desdenhando os meus, insultando-me porque não morde os colegas para os ultrapassar e tornar-me num homem de sucesso com uma posição invejável para os da sua laia. No fundo, há quem procure felicidade e há quem procure sucesso. E, decididamente, ambos são antagónicos, pelo menos para o tipo de sucesso que estes novos obreiros da verdade idealizam. Quero ter uma vida rica, eles, provavelmente, querem ter o estatuto eterno de mais ricos do cemitério. Trabalho, e bem, para viver, não para me matar a trabalhar.

Como pôde a Rita ter mudado tanto, ou como pude eu ter-me enganado assim? Éramos um casal giro, unido, ambicioso. As mãos que demos há oito anos foram-se afastando, primeiro lentamente, depois de forma implacável.

Como pudemos ter chegado a este ponto em que sinto raiva de pensar a quem me uni? Como pudemos... espera... estou a ouvi-la sair do elevador. Respirar fundo... Vai haver merda!

Abre a porta, atira a mala para a cadeira e, cabrona, finge-se surpreendida por me ver!

- Então! Não chegaste a ir? – Pergunta com uma falsa preocupação. Tresanda a fumo dos ambientes enevoados das suas reuniões. Durante o dia podem chegar mais tarde, tal como

desperdiçar tempo em miudezas, mas após o horário supostamente normal, é vê-los todos atarefados a mostrarem uns aos outros que são muito dedicados, para subirem na bolsa de valores... e lixarem tudo o que têm em casa.

Faço um esforço para me controlar, mas em vão.

- Como é que querias que eu fosse se estava à tua espera e nem uma porra duma chamada soubeste fazer? – Pronto! Fi-la bonita! Com o elevado tom e a rispidez das palavras, vai tudo descambar. Mas para que é necessário controle numa altura em que a relação já se descontrolou de vez?

- Olha, apetece-me tudo menos uma birrinha, ok?

- Birra!? O teu mal é não teres levado com todas as birras que merecias!

Faz uma pausa ligeira enquanto estuda os seus argumentos. Mas corto rente...

- E não estejas a inventar argumentos para dar a volta, como tens que fazer sempre com os teus subordinados – pensa que por ser directora tem que vencer sempre – porque isto é a nossa casa e a nossa vida!

Faz um gesto com as mãos recomendando calma, enquanto se posiciona na discussão. Verdade seja dita, estive a acumular estas horas todas e descarreguei logo, apanhando-a de surpresa. Percebo isso e sento-me para quebrar um pouco a agressividade patente em quem discute de pé.

- Qual é o problema agora? – É notório o esforço que faz para não levantar a voz. Os vizinhos é que, provavelmente, gostariam de cuscar um pouco.

Respiro fundo para corresponder ao mesmo tom, mais baixo, mais civilizado.

- O problema não é o agora, o problema é o sempre. Isto não está a correr como idealizámos.

- Idealizámos ou idealizaste? Por mim estou bastante satisfeita, já viste o que temos? Consegui uma posição invejável na minha carreira. Não sei se sabes, mas ser directora de marketing com trinta

e dois anos numa firma de sucesso, não é para todos... Lamento que não tenhas a mesma ambição pela carreira mas, com o que temos, tomara a maior parte dos casais! Já olhaste à tua volta e observaste tudo o que fomos conseguindo conquistar? Então, qual é o teu problema? Faltar a um jantar? Quantos mais poderão haver?

- O teu problema é esse, falas logo nos bens que conseguiste. Para vocês o que conta é o topo de gama, seja do que for, desde que seja topo de gama para poder mostrar/concorrer com os outros. Sabes do que eu gostaria de ter? Duma relação, essa sim, topo de gama!

- Vive na real! Sabes bem que um casal que não tenha nada dá logo para o torto! Amor e uma cabana, não?

- Sempre é melhor que um palácio e indiferença! Mas não partamos para exemplos radicais que não eram essas as minhas palavras.

Senta-se também, a meu lado, na tentativa de apaziguar o momento.

- Repito a pergunta, qual é o problema? – Diz, querendo demonstrar paciência.

Torno a respirar fundo, mas agora porque já me apercebi de como vai acabar esta discussão. Aquilo que há muito estava para acontecer. É muito complicado chegar a uma altura destas, por isso é melhor escolher bem as palavras.

- Rita – reposiciono-me no sofá para a olhar melhor – Penso que nunca te contei a história do velho, do burro e das sardinhas.

Coloca um ar interrogativo, mais por tentar imaginar onde quereirei chegar do que por interesse num conto qualquer.

- Há muitos anos atrás, o peixe era vendido nas aldeias em cestos transportados por burros. Havia um velho que costumava vender sardinhas e o seu burro tinha dois cestos, um de cada lado. Enchia o máximo que podia, só que em cada dia ainda mais sobrecarregava o burro que, coitado, aguentava com um esforço cada vez mais penoso. Um santo dia, abusou de tal maneira na quantidade, que começaram a tremer as já exaustas patas do jumento. Na altura de

sair para a venda, e sem dar conta das dificuldades do animal, ainda decide atirar mais uma sardinha para o cesto. O desgraçado sucumbiu. Veio a família, alertada pelo estrondo da queda do bicho, e o velho, estupefacto, só disse «Não percebo! Caiu por uma sardinha!»

- E onde tencionas chegar? – O interesse pela história foi nulo.

- O que pretendo dizer é que hoje foi mais uma sardinha. Para ti, foi apenas uma. Para mim, mais uma a acrescentar a todas as outras que já estão no cesto.

- Agora comparas-te a um burro? – Notoriamente não gostou e defende-se com um ataque.

- Gostas de desviar o tema quando sentes que vou para onde não queres ir.

- Então explica-te de uma vez!

- Desejava que tivéssemos sido diferentes nestes últimos anos. Tenho saudades do tempo em que nos casámos e existia uma paixão forte a envolver-nos.

- Sabes bem que a paixão é fugaz, depois acalma no dia a dia. Compete-nos adaptar a cada fase.

- Não! Não vou nessa. Essa fase que falas é a de fortalecimento dos laços e não o distanciamento que se tem vindo a verificar connosco. Para ti, sou um assunto conquistado, partiste para outros objectivos sem te preocupares em cuidar deste. Porra! Eu tenho as minhas necessidades, preciso de carinho como ar para respirar!

- Precisas de carinho? Mas agora és um menino ou quê?

O velho problema. Um homem tem que se mostrar forte e o carinho é mariquice. Por isso a maior parte não admite a grande verdade. Eu não tenho qualquer preconceito em dizer que preciso de carinho, sem ele sou uma alma a vegetar.

- Não, não sou um menino. Sou um homem cujo coração se comprometeu a amar alguém e agora ouve essa sua metade a chamar, cruamente, *fazer sexo* ao acto amoroso, como se fosse mais um ponto da sua agenda. E esse coração sente-se atraído pela maneira como os seus sentimentos foram feridos.

- Andaste a estudar poesia? Temo que esta conversa lírica já tenha ido longe demais. Tens que te adaptar e dar tempo. Sabes que o tempo tudo muda.

- Não é verdade que o tempo tudo mude. Nós é que o vamos mudando. E a hora da mudança chegou, o melhor para cada um de nós é partirmos para outra.

A Rita, nitidamente, não esperava este desfecho. Pensava que era mais uma discussão a juntar ao infeliz rol dos últimos tempos. As suas feições alteraram-se drasticamente por uns instantes, até disfarçar o impacto.

- Estamos cansados e nervosos. Vamos jantar calmamente, dormir e amanhã já vemos isto por outro prisma – aconselhou.

- Rita – o meu semblante não disfarçava a gravidade da situação – Cada vez mais dou por mim a insultar-te mentalmente com alguns termos nada agradáveis. Ainda estamos a tempo de evitar que isto acabe mal – e como quem diz um slogan para reforçar a sua intenção – Matemos o casamento, salvemos a amizade!

A fria e calculista Rita dos últimos anos quebrou por uma fracção de segundo. Juro que vi uma lágrima a ser reprimida. Tornou a recuperar a sua altivez, mas de forma débil.

- Não tenho tempo nem vida para confusões. Só se formos para o amigável... – Fiquei confuso se soava a ordem, conselho ou a imploração.

- Claro! – A garganta traiu-me com o nó que se formou. Acabou tudo! Não me sinto aliviado. Sinto-me vazio!

*

* *

A criança torceu o nariz quando tomou conhecimento que ia passar o fim-de-semana aos tios. Sabia que debaixo dessa jovial aparência havia algo que, por vezes, eles não conseguiam evitar. Habitado a ver os pais relacionarem-se em comunhão, aquelas discussões que os tios deixavam escapar massacravam a sua doce estabilidade.

Fingiu que estava tudo bem e que ia para uma brincadeira pegada, como todos pensavam e que, no fundo, o era na maior parte do tempo.

Desta vez tudo parecia estar a correr bem, até ao último jantar. A discussão começou com a tia a queixar-se do dinheiro a dar à mãe do tio. Os gritos começaram. O ambiente ficou de tal maneira tenso que a criança quase que receava respirar. De seguida, a raiva acumulada explodiu em si e vingou-se no pedaço de carne que ainda tinha na boca, trincando-o com tamanha força como quem quer reduzir a pó o mal que o rodeia.

Jurou a si próprio que nunca iria passar por uma situação como esta.

Ainda não sabia como a vida está armadilhada com partidas cruéis.

*

* *

O coração fechou forte como uma porta que se atira para não mais abrir. As luzes apagaram-se, os actores saíram de cena, a cama ficou vazia. Uma parte de nós perdeu-se na frustração do falhanço. O início é sempre feliz e carregado de esperança, o fim é sempre doloroso.

É certo que há cada vez mais, mas o estigma continua a marcar presença em cada divórcio. É difícil aceitar que errámos. Refazer a vida sobre as cinzas duma relação requer força anímica, força essa que foi carcomida durante o desgastante período que levou ao fim e na pesada burocracia, mesmo em quem opte pelo amigável. Desde a série de documentos e contas a alterar, até à divisão de bens, que no nosso caso até foi muito pacífica. A Rita quis ficar com a casa dando-me metade do valor, o que deu para comprar um T2 em Algés. Mas tudo parecia um fechar de contas duma firma falida.

Tentei entrar no novo apartamento como quem recomeça uma vida, mas era só uma intenção condenada ao falhanço. Andei

perdido... andei muito perdido. Recordo-me hoje desses tempos como dum barco navegando à deriva e sem rumo.

Parti para a noite e para o engate de outras almas que também iam, simplesmente, ao sabor das ondas. À emoção da conquista e do simples curtir do momento, seguia-se o duro encarar da realidade com a frieza do final. Foi bom, satisfizemo-nos, adeus! Dava-me demais apenas para uns minutos, ou então calhava-me alguém que pensava bastar dar a volta à chave para o motor pegar sempre.

Na realidade, o que queria era o oposto, o que procurava era a tal necessitada troca de carinho, mas o que achava era uma limitada e breve troca de sensações. O balão foi-se esvaziando, fui-me afastando e refugiando na produção caseira.

As forças começaram a abandonar-me. O desinteresse por tudo, até pelo cinema, foi ganhando lugar, conduzindo-me em queda livre para o abismo da depressão. Foi necessário levar uma estalada de realidade para me despertar desse anti-viver. Algo que, talvez contrariando a lógica destruidora da lassidão, me fez acordar e agarrar a vida, recordando aquela música do Phil Collins «*Oh, think twice, cause it's another day for you and me in Paradise*», dando-me uma injeção de energia positiva que me tornou mais forte e, aí sim finalmente, um homem renascido. E bem precisei disso, senão não sei o que me aconteceria quando, passados poucos meses, sofri a tragédia que vitimou os meus pais.

E quem me deu isso, interrogo-me se se apercebeu do bem que me fez, foi uma prostituta de rua, de seu nome... Sara. Comprei-lhe por uns minutos não o seu corpo mas o seu tempo, a sua atenção e a partilha do que nos vai na alma. Foi como uma profícua sessão de psicanálise, feita por quem já arcou muito durante a sua sofrida existência.

Tudo aconteceu devido ao trânsito, onde ao fim do dia as filas estavam a ficar mais longas, em virtude de umas obras na estrada por onde normalmente passava em direcção a casa. Descobri um caminho interior, onde andava muito mais, talvez demorasse o mesmíssimo tempo que estava parado mas, ao menos, andava!

Nessa estrada havia um local onde costumavam estar quatro/cinco prostitutas. Sinto sempre um arrepio na espinha quando deparo com tal cena. Não pelo lado imoral com que a sociedade critica esses actos, apesar de indirectamente os alimentar, mas sim pelo aspecto humano do drama de quem se despoja de tudo o que seja mais seu, para se sujeitar debaixo das mais variadas condições climatéricas, psíquicas e de saúde, a que chegue o mais estranho, esquisito e nojento cliente, capaz de tudo sem que ela se possa defender, retirando-lhe um pouco mais da sua dignidade. Além disso, têm que viver sempre com o rótulo indesejado de putas, seja em que circunstância for. O seu, chamemos assim, trabalho, está sempre presente em qualquer ocasião perante a sociedade, ferindo-a mais fortemente que o ferro em brasa com que se marcam os animais. Vida fácil, é o termo com que se designa essa vida. Vida fácil? Imagine-se se fosse difícil...!

E foi nesse grupo que, desgraçadamente se aguentava de pé todos os dias à beira da estrada, comecei a reparar numa delas, não sei porque razão. Apenas sei que o seu olhar, de baixo para cima, a sua postura de quem, muito recalcadamente, esconde a sua revolta e reprime o grito de libertação, conformada com o seu destino, me chamou a atenção e intrigou. A mim, alheado como estava dos problemas reais mas, em simultâneo, sofrendo desmesuradamente com os mesmos.

Passei um dia, outro e mais outro. As obras acabaram mas continuei a vir pelo desvio. Sentia-me tentado a parar. Não para o que seria de esperar de quem pára junto a quem aguarda clientes, mas apenas para falar. Só que, naturalmente, receava que não fosse compreendido.

Finalmente deixei-me de hesitações e de pensar, por vezes, demais. Ontem como hoje, a dúvida em seguir os instintos! O dia estava incerto, com alguns aguaceiros a interromper a soberania solar. Aproximei-me. A anteceder a zona de curvas em S, uma pequena recta onde estavam quatro mulheres, que não distingui de imediato quem eram devido ao Sol incidir nas poças da chuva que

tinha caído há pouco. Descortinei, então, o vulto que me intrigava e incentivava a conhecer. Pisca da direita e parei. Notei que estavam secas, em virtude dum pequeno armazém abandonado que lhes serve de refúgio quando o céu se abre. Olharam-me, cada uma tentando fazer a pose mais apelativa para ser a eleita. Fiz um sinal à tal que, de forma batida, se abeirou da porta do pendura, entreabrindo-a e dizendo o seu preço. Acenei com a cabeça e entrou. Indicou-me um caminho de terra ao lado do tal armazém, para onde nos dirigimos até o carro deixar de ficar à mercê de qualquer olhar indiscreto.

- Isto é a pagar primeiro – Este discurso já deve estar bem treinado e repetido quase maquinalmente, dia após dia, cliente após cliente.

Puxei da carteira e paguei, alertando de imediato antes das coisas avançarem – Eu não quero fazer nada. Apenas falar – Nunca imaginei que estas palavras a pudessem assustar tanto mas, agora que penso nisso, compreendo naturalmente. Eu e a minha boa vontade perante quem vive nos limites do perigo.

- Bófia? Eu não fiz nada, nem sei de nada – De imediato se preparou para sair do carro, valendo a minha energética e honesta resposta.

- Por amor de Deus, não! Não sou polícia nem nada parecido. Apenas preciso de falar!

Fitou-me de lado, desconfiada, mas já a ceder alguma margem de dúvida. – Tarados não! Não sou dessas – Denotando alguma perca de convicção.

- Podes estar descansada, o que eu preciso é apenas de falar. Não te quero fazer mal nem te prejudicar.

- E quem é que paga apenas para ser ouvido? Não sou assistente social!

- Mas chamas-me a atenção sempre que passo aqui e gostaria, por isso, de falar contigo. O teu tempo paga-se, paguei. Poderei utilizá-lo como melhor me servir?

Depois de alguns ligeiros segundos de hesitação, recostou-se no banco, esforçou-se por colocar um ar paciente e fez um sinal com a mão, como quem diz *aqui estou, fala*.

Na realidade, queria mais ouvir do que falar, mas para colher teria que semear, por isso comecei a dissertar sobre o estado da minha vida, aproveitando para, indirectamente, lançar uns pedidos de conselhos que fizessem com que fosse interagindo e, assim, também começar a falar de si. Não sei porquê, mas precisava de saber sobre a sua vida, talvez sentindo que, de alguma forma, a pudesse auxiliar. Queria ajudá-la, sem dúvida! ...Ou queria ser ajudado? Afinal com dúvida...

Consegui o que pretendia. Foi falando de si, fui perguntando, foi respondendo. Órfã desde muito cedo, ficou aos cuidados duns tios num bairro de barracas nos arredores de Loures, até a sua tia fugir com um madeirense que andava nas obras. O tio, que sempre a fez sentir como um fardo, empurrou-a para fora da sua vida. Sem ter onde viver, conheceu uma pretensa amiga que a apresentou a um *homem muito bom*, mas que não passava dum reles chulo. O seu destino estava traçado. Além de se prostituir, ainda tinha que levar com o Artur que a sugava duramente. Engravidou. Perante as ameaças que a matava se não desmanchasse, fugiu para os lados de Cascais, onde foi mãe e tentou apoiar-se na assistência social, arranjar emprego e dar um futuro ao filho. Da assistência social recebeu indiferença. Da tentativa de arranjar um emprego recebeu enganos e exploração, em virtude da ausência de habilitações e da sua situação desesperada. Do sonho de futuro para o seu rebento, sofreu o maior pesadelo de quem tem filhos, uma doença complicada com ano e pouco, falta de meios e de ajuda, e a morte do seu menino!

Enquanto interiorizava os seus dramas, esforçava-me para a ver atrás da sua cara sofrida e crestada pela longa exposição diária ao Sol. Aparentemente fria, mas apenas por já estar tão marcada na dor, no sofrimento, na resignação da sua vida. De repente, sou meio desperto com a frase:

- Aprendi foi a não ter medo da morte. Sabes porquê? – e sem sequer me dar tempo a esboçar fosse o que fosse – Porque já estou morta, já não posso morrer. Os mortos só morrem uma vez! E eu morri com o meu menino.

Subitamente o seu rosto deixa de exhibir a mulher que tinha atrás da sua impregnada máscara, realçando, novamente, o seu lado forçosamente profissional.

- Não tenho é vida para conversas. O tempo acabou há muito, já me obrigaste a falar de mais. Tenho que voltar.

- Posso saber o teu nome?

- E porque é que tens que o saber?

- Para associar um nome a quem falei. Apenas isso.

- Chamam-me Solange...

- Eu não perguntei como te chamam, perguntei o teu nome... – disse de forma compreensiva.

Vi uma difícil hesitação. Só então percebi a importância para si do seu nome. Neste momento, era a única coisa que realmente possuía, não tinha mais nada, apenas o seu nome. A última réstia de dignidade, de intimidade. Deu-me uma grande prova de confiança quando finalmente diz:

- Sara. O meu nome é Sara.

Sorri, grato. Liguei o carro e voltámos. Quando ia a sair do carro disse-lhe – Adeus... Sara. – Olhou para mim e vi algo parecido como um brilho nos olhos. Ficou agradecida por alguém, simpaticamente, lhe ter chamado o seu nome e não Solange ou puta, como ouvia todos os dias. Senti que interiormente terá esboçado um sorriso, algo que já não conseguia fazer exteriormente pois os seus lábios há muito que desconheciam esse movimento.

Afoguei as minhas angústias no mar dos seus dramas. Relativizei. Algo em mim necessitava de ser sacudido. Completei o luto da minha situação e parti mais forte para o futuro.

Deixei de usar essa estrada até, um bom ano depois, tornar a haver obras, agora para colocar um separador central. Passei pelo tal lugar onde reconheci de vista as mesmas, menos a Sara. O

mesmo no dia seguinte e no outro. Terá havido algum problema? Parei ao quarto dia. Logo fui assediado com a mesma rapidez com que se afastaram quando perguntei pela Solange. Já me preparava para arrancar, quando uma se aproximou do vidro e murmurou – A Solange agora está em paz. Foi ter com o filho.

Parti. Não sei se foi acidente, doença ou suicídio, mas também não me interessa. Lamento que haja pessoas que tenham que sofrer tanto na sua vida... sem terem uma segunda oportunidade.

Orgulho-me de te ter conhecido.

Adeus... Sara!

4

Observação

A noite húmida deu lugar a um nascer de dia prometedora da continuação do agradável calor primaveril.

O relógio sobe apressadamente para as oito.

Estou no meu posto! Ajeito-me no banco do carro o melhor que posso, puxo do caderno de capa preta dura, abro a primeira página e, orgulhosamente, escrevo *Amadora 2002/04/12*. É o início da pesquisa para o meu estimado projecto de livro. Relembro a intenção, colocar-me numa das muitas ruas movimentadas da Amadora e observar as pessoas, tentando adivinhar/idealizar a história que têm escondida na sua aparência. Anotar tudo no caderno para estudar se terá potencial para criar alguma história com esses dados ou com outros que advenham.

Olho para o exterior. A confusão conquistou o sossego matinal. Há pessoas que já se enervam por o carro da frente não percorrer de imediato o metro que o separa do outro. Alguns estão apenas acordados o suficiente para maquinalmente se dirigirem ao seu

destino, tendo perdido a conta das horas que devem ao sono, horas creditadas ao sabor de cafeína.

O stress começa cedo. Para alguns cedo demais, como as crianças que vão no banco da maioria dos carros. Arrancadas apressadamente à cama e sem tempo para um carinho matinal. Lavar e comer à pressa debaixo das insistentes pressões dos seus pais, também eles pressionados por horários e filas de trânsito penosos. Dá birra para um lado, mais nervos para o outro e o ritmo diário a despertar destrambelhado. Parar mal, em frente ao infantário, e correr com a criança e o saco ao colo, para aí a *depositar* e não assinar esse acto com um beijo terno e uma festa na cara. A educadora tenta suprir as carências desse ser em crescimento, enquanto que a frustração e a conformada apatia vão ganhando espaço nos sofridos pais.

No passeio passa um casal em pose e passo controlado, com aspecto de quem está bem e em paz na vida, contrastando com quem lhe vem atrás, uma rapariga para os seus vinte e tal anos cujo olhar, ou ausência dele, denota a vida dependente de drogas que leva. Tem ar de quem não se levantou cedo, mas sim de quem se arrasta desde a noite à procura de mais um pó de destruição para o seu já depenado organismo. Sem esperança de vida mas apenas vivendo para a próxima dose, para mais enriquecer os abutres da actualidade. Uma sombra de ser, com uma cara sem expressão, mas que esconde uma pessoa igual a todas, que derrapou na adoração ilimitada de muitos pelo grande deus da nossa sociedade. O deus por quem todos se movem, por quem se mata, por quem se rouba, por quem se destroem amizades, por quem se impede de formar outras, por quem nos stressamos destruindo a saúde (o nosso bem mais precioso), por quem se formam os novos generais da actualidade, agora denominados executivos, o deus dinheiro. Dinheiro que condiciona para muitos a sua vida logo ao nascer, tal como a muitos povos, onde se marcam os ricos e os pobres consoante a quantia que detêm. Já lá vão uns bons trinta anos que os Pink Floyd diziam *Money, so they say, is the root of all evil today*,

mas todos nós continuamos a prolongar e aumentar a adoração daquilo que, na realidade, nos faz sobreviver. Será a marca do diabo? É que se o diabo existe, nada de melhor inventado para criar uma extensão do inferno na Terra que a dependência e luta pelo dinheiro.

Uma chiadeira capta-me a atenção, olho para o lado e vejo a passar um miudinho que não deve ter mais de seis/sete anos. Sozinho, puxando com uma mão a sua pasta com rodas, enquanto a outra se sacia com um bolo com muito creme. Interrogo-me o porquê dum menino pequeno ir assim tão só, dando uma sensação de abandono. Mas, por outro lado, noto o seu ar com o quê de experiente, de já batido nesta situação. No entanto não deixa de me tocar, ver um corpo ainda tão pequeno a ter que enfrentar o mundo sem alguém a seu lado.

As pessoas continuam a desfilar em ambos os passeios. Os carros perfilam-se numa interminável fila. Lá dentro cada um faz o que pode, desde a sua maquilhagem a limpezas olfácticas. Mas o que me chama a atenção é a imagem de solidão. Há muita solidão! E de manhã talvez mais se note, com pessoas que ainda não falaram a alguém nem se afagaram de noite. Tal como a solidão de pessoas que vão para um emprego onde atendem outras que são incapazes de dizer um simples, mas sempre bem recebido, bom dia, boa tarde, transmitindo simpatia. Algo que nada custa, mas que cai sempre bem e que geralmente recebemos esse agrado em ricochete. Estamos na época das comunicações e nunca se viveu tão só. Há quem seja incapaz de falar ao vizinho mas *chata* para todo o mundo, falando para qualquer pessoa, criando amizades virtuais. Talvez para eles o segredo esteja no não ver a outra cara ou, mais provavelmente, não dar a sua. Será assim tão importante?

Curiosamente e falando de facilidade de comunicação, sai do prédio à minha frente um jovem casal de surdos-mudos. Rasgam sorrisos mutuamente, no meio da sua conversa gestual. Ele dirige-se para o carro enquanto ela espera no passeio. É bem visível que estão felizes. O rapaz prepara-se para arrancar mas ela interpõe-se

e trocam os últimos mimos. Acaba por partir, voltando a rapariga para casa, não sem antes cumprimentar com gestos efusivos a vizinha que, apressadamente, sai. De todos os momentos que já presenciei hoje de manhã, este foi sem dúvida o mais alegre e *falado* de todos. Quem mais dificuldade tem em se exprimir é quem mais sentidamente o faz. Será que todas as benesses que recebemos via progresso nos acabam por chegar envenenadas ou é do feitio humano estragar aquilo que lhe é oferecido?

*
* *

O recado deve estar completo. A mãe pediu açúcar, farinha e, um pouco a medo, ovos e parece que está tudo. O sôr Luís acondicionou, com todo o cuidado, os ovos no cesto e bem avisou para não ir a brincar com o saco. O troco bem apertado na mão e aí regressa a criança a casa.

Passa em frente ao café central, onde estão uns quantos à porta que devem ter mais que fazer ou pensar do que reparar naquela pequena figura, mas a criança sente que todos os olhares estão fixados nele. Continua firme e ouve um riso, logo se complexando que é sobre si que a troça recai. Endireita-se firme e prossegue.

Depois do recado é a hora de fazer os deveres da escola. A cada operação efectuada, a criança sente o comentário do imaginário que lhe espreita por cima do ombro.

É demasiado cedo que a vida começa a ser condicionada pelos outros.

Os outros, essa entidade tão abstracta e inexistente, mas que tanto rege a vida de todos.

*
* *

Já era tempo de deixar o carro e ir para um banco de jardim ao pé da estação, onde melhor me apercebo das conversas.

E a primeira é logo sobre o prato preferido da esmagadora maioria das pessoas, muitas das quais se dizem contra mas alimentam vorazmente, a bisbilhotice. Basta ver a série de revistas cor-de-rosa em qualquer escaparate para nos apercebermos da força desse fenómeno popular, manipulador de opiniões consoante as tiragens, criador de estereótipos de vida e personalidades, que fazem o leitor pensar que já sabe tudo sobre alguém só por ler umas linhas, não necessariamente verdadeiras e isentas mas que logo permitem amar ou odiar o visado.

No fundo, todos acabamos por involuntariamente praticar esses erros no dia a dia, onde olhamos, julgamos e condenamos, sem dar a mínima hipótese de defesa e compreensão ao arguido. Tudo em silêncio. E o silêncio corrói com a voracidade dum ácido.

Nem a propósito, passam dois funcionários de alguma empresa demarcada em departamentos, criticando sarcasticamente as outras áreas. Eis mais um característico erro de julgamento. Por não se ser o obreiro duma tarefa, pensa-se que essa é fácil e o trabalho duro e dificultado vem sempre para o nosso lado. Mais uma vez a falta de diálogo e a necessidade de julgar a ser o mote para o conflito.

Deste lado do banco mais parece que presencio uma passagem de modelos. Os próximos são dois betinhos que discutem estratégias e quejandos com o único fito da sua vida, subir, subir. Pode ser que assim, ao menos, ganhem mais corpo para não parecer tanto que os seus ricos fatos eram dos avós. Irritante é sem dúvida o seu constante ar vitorioso, estilo *como é que será possível que esta merda já existisse antes de eu aparecer?* Julgam-se muito inteligentes, mas não passam de estúpidos como nós.

Segue um... Espera aí Miguel! Mas o que fazes tu? A tentar ganhar ideias ou a também julgar os outros só por algum pormenor, provavelmente insignificante, no conteúdo? Tenho é que focar-me a idealizar a história atrás de cada pessoa que, conhecida, pode ser

muito rica. Os julgamentos que fiquem para o jogo da chamada justiça.

Toca o telemóvel, logo agora que me queria concentrar. É o Pedro.

- Tou! Tudo bem? – e sem me deixar responder, denotando pressa – Olha, o Vasconcelos está impedido, avisas que vou chegar um pouquinho mais tarde pois ontem esqueci-me de lhe dizer que tinha que ir às vacinas com a Inês?

- Pedro, esqueceste-te que hoje tenho o workshop na Amadora? Tenta o Cardoso.

- Eh pá tens razão, desculpa lá. Tchau.

Continuam a passar pessoas. Umas apressadas, outras vagarosas, outras estilo rolo compressor. Muitas, principalmente mais idosas, denotam a difícil vida que as martiriza, com pesos a pressionarem mais a sua já desequilibrada balança. Apesar disso, muitas vão buscar forças a reservas inimagináveis. Os verdadeiros heróis do dia a dia são ignorados, dado que não tiveram uma oportunidade para se darem a conhecer. Normalmente quem tem o estatuto de herói são aqueles que se depararam com um momento que os impeliu à acção. E não é herói quem quer, mas quem pode.

Um homem com os seus sessenta e cinco anos pede licença para se sentar. Pouco depois mete conversa. Das trivialidades do tempo fomos passando para outros assuntos, até chegar ao desabafo que necessitava expulsar. Perdeu recentemente o filho que, com trinta e oito anos, padeceu vitimado por aquela que se costuma apelidar de doença prolongada, mas que no seu caso foi bastante rápida. Enquanto falava, o seu olhar era vago. De repente disse que tinha que ir pagar a água e ainda pediu desculpa por me ter, na sua opinião, maçado. Mal tive tempo para negar, pois já tinha voltado ao seu passo arrastado, levando consigo a dor lancinante da situação anti-natura que o há-de consumir até desaparecer. Pior dor não deverá existir e reconheço isto apesar de ainda não ser pai. A Rita sempre considerou que haveria tempo para tal, mais parecendo que eu estava a propor um empecilho, mas sou novo e a esperança de

sentir a suprema alegria de ter alguém nos braços, saído do meu amor, mantém-se.

Olho para o caderno e noto que as anotações estão confusas. É muito complicado escrever sobre os outros quando se receia cometer injustiças. As pessoas não devem ser julgadas pela aparência. Quando as conhecemos a fundo é que constatamos o que são e porque é que o são, dado que a vida e diversos factores deturpam o ser que há em cada um e que acaba por sobressair em altura própria e extrema.

Pela aparência, dizia que quem passa neste momento à minha frente é um recém-desempregado que, devido à sua idade já avançada para os actuais cânones, foi dispensado de ter direito a trabalhar. Ainda não teve coragem de dizer à mulher, família e vizinhos, que é um dos recentes órfãos da geração global, por isso sai à mesma hora e, meio curvado, percorre a pé os caminhos e lugares que o hão-de levar à hora do regresso, esperançado de arranjar forças para contar tudo, sem ficar estigmatizado.

Passa um casal de estudantes bem apertadinhos entre si. Aproveitam o presente sem se preocuparem com o futuro. Uma frase que pode ser considerada por muitos como politicamente incorrecta e que levou a que, quando a pronunciei à Rita, se gerasse mais uma azeda troca de opiniões.

- Pareces um drogado a falar! – Foi a acusação que sofri.

- Não, os drogados vivem só para o presente (sem o aproveitar), porque para eles não existe futuro. O que quero dizer é que temos que aproveitar o presente se queremos ter futuro. Relaxar no momento e não o subjugar tanto ao que há-de vir. Relaxar! Aproveitar o que a vida tem para nos dar!

Como resposta, deu-me um encolher de ombros significativo de quem não percebeu o que ouviu, ou não quis. Eram os tais sinais que se formavam.

Uma acesa discussão é o que oiço a seguir, por causa do árbitro dum jogo qualquer deste fim-de-semana. Agora já se começa a acusar antes dos jogos. É curioso, se todos se queixam que os

árbitros os prejudicam, quem serão os beneficiados? E lá vão eles a defenderem a sua dama com unhas e dentes. Se fossem sempre tão aguerridos em tudo, como o são no futebol, isto deveria estar diferente!

Uma rapariga, jeitosa, tem que ouvir, dum bando de pretensos espertalhões, o que não deveria. «Eh lá!», «És pouco boa que é um gosto!», «Dava-te cá uma!», e outras frases nada consentâneas. Já lá ao fundo, estão uns quantos maduros que se entretêm a comer com os olhos o que vêm passar à frente. Pessoas que tratam o acto supremo do amor com ideias, actos, gestos e palavras inferiores.

Que não haja a menor dúvida, as mulheres são, geralmente, mal tratadas. Seja na rua, no emprego ou em casa. A maioria dos homens diz que gostam delas, mas apenas para proveito próprio. Defendem afincadamente uma série de bens, mas não aquele que poderá ser o seu maior tesouro. Aliás, haverá algo de mais encantador e belo que o sorriso franco e alegre duma mulher? Isso sim, quando recebo um, é o suficiente para fazer as pazes com o mundo.

É verdade, e é natural, que também gosto de ver, mas da mesma maneira como aprecio obras de arte, em respeito. Claro que, por vezes, sou abalado mais fortemente, como agora que passou uma bela moça com um vestido às flores, realçando as suas perfeitas curvas e com o seu cabelo louro a dançar soltamente ao ritmo do andar. Torno a pensar, haverá algo de mais perfeitamente belo que uma mulher? Então porque terão que viver da maneira como são tratadas?

O ritmo desenfreado de quem vai para o emprego ou para a escola tende a diminuir com a aproximação das nove e meia. Tempo para dar uma pequena volta pelo jardim e, tristemente, me aperceber da série de slogans racistas, dum lado e doutro, que por aí proliferam. Será tão difícil meter na cabeça das pessoas que raça há só uma, a humana?

Outro exemplo que encontro são os anúncios publicitários, cada vez mais em forma de, também, verdadeiros slogans. E, quando

visam as crianças, mais se nota o vale tudo. Os valores são constantemente postos em causa pela tal necessidade de vender a qualquer custo. A influência do sistema influenciador nesta sociedade influenciável.

Regresso ao carro para vir buscar o material para o workshop. Tempo para balanço. Vi muita gente frustrada por ter que aturar verdadeiros generais frustrados, licenciados na forma de humilhar a seu belo prazer. Fazem isso a indivíduos que tentam ser honrados pais e mães de família, mas que têm que se sujeitar por uma questão de sobrevivência.

Outro aspecto é que cada um tenta defender o mais que pode o seu mundo, mas está-se nas tintas para defender o Mundo em que vive. Principalmente numa altura perigosa para o planeta em que o nosso génio é que nos pode destruir. Por um génio bom que nasce, dois génios do mal aparecem.

Há uma série de problemas a dilacerar a sociedade, mas não ouvimos o estrondo à nossa volta, não vemos as estrelas no céu. Sobrevivemos em vez de vivermos. Não temos tempo para ver quem amamos, velhos amigos perdidos na voragem da vida remetidos, apenas, a uma doce recordação, mas com vontade de trocarmos desde uma série de agradáveis banalidades, a todas aquelas palavras que já deveríamos ter dito há muito, mas que só as pensaremos tardiamente no funeral.

Tudo isto vamos aprendendo, acumulando experiência que, no entanto, será desperdiçada, por só se viver uma vez. Lembro-me daquele velho amigo que referia que deveríamos viver duas vezes. A primeira para cometer todos os naturais e normais erros. A segunda para os evitar e corrigir.

Bom, está na hora do dever. A conclusão final é que foi um momento mais intenso e inquietante do que esperava, mas também de resultados mais vagos do que desejava. No fundo, a imaginação e a infância é o que mais me atrai para escrever neste momento. Quando tudo ainda é de esperar, quando não há a racionalidade a

comandar. Agora como vou fazer isso, é que tem que ser melhor maturado.

E mais uma vez apreendi, se tal fosse necessário, que não tenho tempo a perder. Não posso mais ocultar o que sinto pela Lúcia. Apesar de me ter sujeitado a uma concentração forte, tinha sempre a sua imagem bem nítida. Tudo me fazia lembrar a Lúcia. Olho para o relógio, desesperadamente controlado, esperando que cheguem as mágicas vinte horas. Estou a precisar do seu amor como um gato que procura o melhor local para se aquecer.

5

Flutuar na dimensão do amor

A água escorre pelo telhado em vidro, formando ondas e dando outro brilho aos tons da claridade que ainda perdura. O Porky Pig espreita-me por cima dum projector, só faltando ouvir o seu característico gaguejar. Estou no Vasco da Gama, à espera da Lúcia, no nosso habitual local de encontro sempre que vimos a um sítio como este, em frente ao cinema seja para ver alguma fita ou não, é o hábito. Faltam poucos minutos para as oito e já cheguei vai para meia hora. Nada me faria atrasar.

Aproveito para, mais uma vez, observar os cartazes. É o dia de estreia de dois bons filmes a não perder, mas de cariz antagónico. “A verdadeira história de Jack, o estripador” uma película para, no sentido mais literal, dar a volta às tripas e “Kate & Leopold” que parece ser uma comédia romântica bem gira, pelo menos tão gira como a Meg Ryan que aparece nos cartazes. Olhando para os outros, reconheço dois que vi nas últimas semanas, sempre ao lado da Lúcia, o “Monstros e Companhia” que nos fez rir e bem apreciar a arte, cada vez mais apurada, da animação e o muito bom “Gosford

Park” com todo o rico elenco a representar majestosamente a Inglaterra dos anos trinta.

Executo novo raid visual pelos corredores, na tentativa vã de descortinar a Lúcia.

Aprecio de novo o tecto, admirando os efeitos que a água adquire, quando se fazem ouvir os acordes da velhinha música dos sempre actuais Beatles, *Lucy in the sky with diamonds*. Claro está que personalizei o toque da Lúcia com esta música... Atendo um pouco receoso, será que houve algum problema?

- Estou?

- Olá! – O seu sempre doce tom quando pronuncia o olá ao telefone é o suficiente para mexer comigo – O meu peúgas está com um problema no motor de arranque, pelo menos acho que foi isso que o meu pai disse e estou a ir de metro. É só para te avisar que vou chegar uns vinte minutinhos mais tarde.

- Cá te esperarei...

- Promete que não vais embora? – Termina a frase a rir e comigo a imaginar a sua expressão. Não me poderei teletransportar para o metro?

Ok, quem já esperou tanto pode fazê-lo mais uns minutos. Rio da maneira como baptizou o seu carro, peúgas, não é difícil de perceber que é um Peugeot, um 106 branco que já pertenceu à mãe e que começa a acusar o peso dos anos.

Vou até à livraria enganar a ansiedade, desfolhando livros para calcular a média do número de linhas e caracteres por linha que têm, para servir de base a quando escrever o meu. Concluo que o mais usual, actualmente e pelo menos da meia dúzia que vi, é dumas trinta e duas linhas por página e quarenta e oito a cinquenta e cinco caracteres por linha. Uma boa base.

Regresso à entrada do cinema e agora espero apenas um par de minutos pois, quando estou uma vez mais de nariz para o ar a admirar o curioso percurso da água, oiço a voz que me preenche:

- É bonito, não?

Olho em frente e a minha espera é recompensada com um lindo sorriso.

Apetece-me abraçá-la, beijá-la, manifestar o meu amor. Ficamos pelos habituais dois beijinhos e a olhar um para o outro. Coloca um ar interrogativo.

- Então? Ficamos aqui?

- Vamos já jantar?

- Já comia qualquer coisita...

- A minha ideia era irmos ao rodízio do Buffalo Grill. O que achas?

Apetece-te?

Ri-se.

- Por mim, óptimo! Ainda não preciso de me meter em dietas...

Está, como sempre, simplesmente bela. Porque é linda e não precisa de se sofisticar, basta a maneira simples como se veste para transformar o quadro em arte. Apostou na ganga, calças e casaco a acompanhar uma camisola de lã azul, com as mangas compridas a taparem metade das mãos. Para o toque desportivo, ténis brancos com uma risca estilizada cor-de-rosa. O cabelo está liso, mas com uma pequena e trabalhada trança a cair para o lado esquerdo. Pormenor fatal, o seu perfume que me transporta para um mundo de suavidade.

- O que tens? – Pergunta-me enquanto deslizamos pelos corredores em direcção à saída.

- Por?

- Estás calado e enigmaticamente pensativo.

Respondo apenas com um sorriso.

Retribui-me com outro. O ambiente começa a formar-se. Algo de mágico se aproxima. Quando a hora chega, todos os factores se conjugam numa comunhão inevitável. A paixão tem forças que nos dominam e que não controlamos, basta segui-las.

Quando vamos descer as escadas rolantes que dão para a rua, em frente ao majestoso pavilhão Atlântico (pousado como uma nave alienígena em homenagem a outro tipo de descobridores, os

argonautas), a Lúcia reconhece uma amiga e fala-lhe, enquanto eu continuo pois estava já no tapete.

Espero um pouco cá em baixo, no passeio onde admirava a Peregrinação da sempre bem recordada Expo, até que, quando a Lúcia chega, estendo-lhe a mão e digo:

- Vamos então?

Não se fez rogada e deu-me a sua.

Atravessamos o largo passeio central em direcção ao Passeio das Bandeiras. De mão dada. De mãos orgulhosamente dadas como dois amantes. Que para o sermos completamente, apenas falta uma manifestação física que não mais podemos reprimir.

Seguimos entre as bandeiras e o estreito e comprido lago. Apenas se ouve o bater das cordas nos mastros. Olho para o lado. A Lúcia esboça um sorriso, mas diferente do habitual, emoldurado com um olhar apaixonado. Olho em frente, continuando a nossa passada que, quase imperceptivelmente, vai abrandando. Os nossos polegares começam vagarosamente a mexer-se, acariciando a outra mão.

Vamos entrando noutra dimensão. Não numa quarta ou quinta, mas numa dimensão a que só o amor nos transporta. Uma dimensão de paixão, de entrega, de ternura, onde todas as nossas funções afluem para o coração.

Com um entendimento preciso, as nossas mãos abriram-se o suficiente para os dedos se entrelaçarem, apertando-se novamente de forma firme e segura.

Paramos. Frente a frente. E com uma magnética aproximação, os nossos lábios finalmente se unem. Num filme o momento seria testemunhado com ângulos sugestivos acompanhado de fundos apelativos e música à medida. Se houve violinos não os ouvimos, desligámo-nos de tudo o que nos rodeava, flutuámos na dimensão do amor. À nossa volta, nada. A rodear-nos, tudo.

Olhámo-nos, depois do terno e sentido beijo, o suficiente para desenhar o sorriso que a nossa paixão permitia e, loucos de desejo, tornarmo-nos a beijar com toda a firmeza. O tempo parou, até à

nossa exaustão. Abri primeiro os olhos e pude admirar os seus, lentamente, a abrirem-se o quanto baste para ver. Balbuciu:

- Finalmente!

E deixou-se morrer nos meus braços.

Bem abraçados, a descobrir o aconchego do corpo de quem se ama.

- Meu amor! – Foram as minhas primeiras palavras, acariciando o seu cabelo.

O bater apressado e satisfeito dos nossos corações, misturava-se na sua ânsia de se fundirem num só.

Não foi fácil sairmos desta dimensão a que nos transportámos e regressar àquela a que fisicamente pertencemos. Foi como um despertar em que, prazenteiramente, nos espreguiçamos. Sonhar é belo, mas sentir e tocar o sonho é sublime.

Retomamos o nosso passo, mas agora apertadamente abraçados como dois verdadeiros apaixonados. Muito idealizei o que deveria dizer, já que queria levar tudo tão correctamente, para afinal sair da melhor maneira, sem palavras, mas com algo de mais expressivo. Aproveito para lhe dar um beijo na testa enquanto andamos, se é que estamos a andar, flutuar ou voar. Já não sei.

Passamos ao lado do restaurante e em unísono murmuramos:

- Vamos primeiro sentar ali.

Assim o fazemos. Junto ao rio existem uns bancos com riscas pintadas, que vêm mesmo a calhar a quem precisa de refazer o fôlego de tanta emoção.

De cabeça encostada, com apenas o bater da água na muralha a encher os nossos ouvidos. Atrás de nós as Tágides do Cutileiro extasiam-se ao sol, que se prepara para se despedir por hoje, indo para outras paragens iluminar outros seres em paixão. Acima de nós, apenas o teleférico corta a visão perfeita dum algodão encostado ao quadro azul. *Mãe, porque é que o céu é azul?* É curioso que me lembre tantas vezes desta pergunta. Será por ainda não ter a resposta?

Viramo-nos um para o outro e, depois de aproveitar para dar mais um beijo,

- És linda!

- Tu também!

- Já não aguentava mais não te dizer que estou perdido de amor por ti. Amo-te Lúcia!

- E eu amo-te, Miguel!

Abraçamo-nos, aliviados por termos finalmente dito o que nos coibia.

Agora sim, já podemos jantar.

*

* *

Acordar cedo para ir para a escola, tornou-se num agradável momento para o rapaz que, aos doze anos (mas a aproximar-se dos treze...), sentiu a primeira flecha do amor a trespassá-lo. Sentia-se bem, estranhamente bem, a observar a Lena, cuja beleza enfeitiçante e sorriso alegre lhe transmitia algo nunca antes conhecido. No entanto, apenas a via de longe. Era do mesmo ano mas de outra turma. Da sua era a irmã, a Cristina, um ano mais velha e que repetia o ano.

Lembrou-se de confidenciar ao Eduardo o que lhe ia na alma.

- Porque é que não vais falar com ela?

Como se soubesse o que haveria de dizer. Ele que descobria estas sensações sem saber o que fazer. A contentar-se com o que sonhava, pelo menos para já.

O Eduardo bufou à Cristina, que logo arranjou um plano para no intervalo o chamar e apresentar à irmã.

Assim o fez.

Em má hora!

O coitado do rapaz não esperava nada disto e ficou, em frente à Lena, sem conseguir articular mais nada de jeito que um desajeitado «olá», com uma cara exageradamente ruborizada.

A Lena, que até já tinha reparado nele, pura e simplesmente se desinteressou. Bonita como era, não faltavam rapazes atrás de si.

E o rapaz, arrependido e furioso consigo próprio, acabou de ter a sua primeira lição de amor.

*
* *

O ambiente no restaurante estava agradavelmente amplificado por uma adequada música ao vivo.

Sentámo-nos numa mesa mais recatada, a um canto.

Frente a frente, apreciando a cara de felicidade que cada um tinha estampada no rosto. Estendemos os braços de maneira a poder dar as mãos. Agora que nos agarrámos, não queremos estar sem sentir o outro.

- É curioso! A tua primeira palavra após o beijo foi *finalmente!* – Notei.

- E não achas que foi apropriada? – Responde, sorrindo com o óbvio.

- Acho que sim. Já há muito tempo que estou caidinho por ti...

- Eu também – Confessa, imitando uma pose meio envergonhada.

- Estava difícil alguém dar o primeiro passo...

- Mas assim foi mais bonito, demos os dois ao mesmo tempo!

Sorrimos, para a Lúcia confessar então:

- Tinha um pouco de receio.

- Porquê? Sou assim tão mau? – Parodio.

- Do que poderias pensar por eu ser ainda novinha – Confessa com uma expressão acanhada, fingindo morder os lábios. A Lúcia costuma acompanhar as frases com uma expressão facial condizente. E eu adoro apreciar isso! – No entanto via paixão em ti, mas tinha receio de estragar o que tínhamos e refugiei-me na espera de algum sinal teu. Só que não dava para aguentar mais!

Apoio a cabeça com o braço, abano-a e desabafo...

- Não acredito!

- Por?

- Porque tinha receio que me achasses velho. Não que o seja, sinto-me e sou jovem, mas conheço o que pensam os de vinte e pouco em relação aos de trinta e tal... No entanto via paixão em ti, mas tinha receio de estragar o que tínhamos e refugiei-me na espera de dares algum sinal. Só que não dava para aguentar mais... e tenho a impressão que ouvi mesmo agora estas palavras!

Ficámos como quem foi apanhado em flagrante, até rirmos da situação.

- É uma lição! – Falando mais para mim – Eu que sempre defendo que não devemos esconder os nossos sentimentos – e agora para os dois – e para nós que temos que ter consciência que não há barreiras no amor. Tens algum problema que eu seja treze anos mais velho?

- Não! - E não o poderia ter afirmado mais convictamente – E tu, tens algum problema por eu ser treze anos mais jovem?

- Nada! – E olhando-a bem nos olhos – Lúcia, eu adoro a pessoa que há em ti. Agora se essa pessoa tem vinte e três, trinta e dois ou quarenta e três, para mim é igual. Serias sempre a Lúcia que eu adoro!

Engole em seco.

- Uau! Fazes-me sentir embaraçada...

- É para que saibas o que gosto de ti. E não nos podemos esquecer desta lição. Preconceitos bacocos só estragam. E nós temos tudo para ter uma relação linda.

O rodízio começou a girar.

Começámo-nos a conhecer numa outra realidade. Estivemos, vezes sem conta, frente a frente numa mesa de restaurante, mas nunca como hoje, cumplicemente a demonstrarmos todo o nosso afecto em olhares, palavras e gestos.

A refeição estava bastante saborosa mas, com o astral bem em cima, qualquer coisa normal passaria por excelente.

O tema livro veio entretanto à baila.

- Como correu a tua acção de observação para o livro?

- Quando tentamos dissecar cada ser, no intuito de compreender o seu interior, vemos coisas muito interessantes e simultaneamente tocantes. É por isso que considero tão importante a beleza interior, cada vez mais subalternada em relação à exterior, maioria das vezes falsamente retocada. E foi muito positivo ter feito uma reciclagem sobre esses sentimentos, dado que no dia a dia tendemos a fazer julgamentos precipitados e, principalmente, injustos.

Quando me saem estes discursos em favor dos valores que prezo, a Lúcia coloca sempre um sorriso pela piada que acha às minhas análises, sem nunca perder o interesse, dado que admira estas tentativas de me manter fiel aos princípios que defendo.

- Mas ideias sobre o tema do livro – continuo – não apareceram muitas, embora comece a formar uma ainda nebulosa história sobre um rapaz (ainda não sei bem com que idade) e os seus sonhos e imaginação, contrastando com o que lhe impõe de realidade. Ainda está muito por definir, tudo muito vago. Lembrei-me disto ao ver como vive cada pessoa, tentando imaginar o que seriam os seus sonhos em criança. Tenho que deixar amadurecer.

Ajeita o cabelo, passando-o para trás da orelha esquerda, com os seus compridos dedos a actuarem de forma muito feminina. Gostei de ter apreciado esse gesto e deixei-o transparecer.

- Que ar embevecido é esse? – Pergunta-me.

- É o ar que tive que esconder durante muito tempo...

Dá uma das suas espontâneas gargalhadas.

- Esconder? Meu querido, é bom que sejas melhor escritor do que actor...

- Oops!

- Não o conseguias esconder no olhar. Mas era a tal coisa que já falámos, receava que fosse apenas uma atracção natural, mais nada.

O ambiente estava óptimo e divertimo-nos bastante, como seria lógico para o nosso estado emocional. O tempo voou, como sempre voa quando queremos agarrar o momento e não mais o largar. Mas

tínhamos que sair e demos conta que era melhor dar uma boa volta pois, quase sem notarmos, comemos bastante.

Ao chegarmos à rua, parei a olhar o céu.

- O que foi?

- Estava a apreciar as estrelas. Sabes há quanto tempo não olhava para elas, vendo-as?

Continuámos a passear bem agarradinhos. Apesar do dia ter estado quente, a noite fez-nos lembrar que ainda não é Verão.

- Namoradinho?

Que bom é ouvir estes carinhos, sempre com a sua tão peculiar forma de falar.

- Sim... namoradinha.

- Acho que estou a ficar com frio. Não é uma boa altura para irmos?

- Agora que falas, também começo a notar.

Dirigimo-nos para o parque, passando pelo mesmo sítio onde nos beijámos. Parece que foi mesmo agora e também há tanto tempo.

Arrisco:

- Não queres ir um pouco a minha casa?

Olhou para mim e,

- Um passo de cada vez – sorrindo.

Compreendo.

Uns passos em silêncio.

- Mas amanhã à noite gostava de experimentar os teus dotes culinários... – Desafia.

Beijo-a.

- E vais ver como o remediado cozinheiro se vai transformar num *chef de cuisine* afamado.

- Sempre quero ver essas habilidades! Não será melhor esperares por mim?

- Acho que não vai ser só o belo repasto que vais ter que engolir...

Divertidos, chegámos ao carro. Estranho! O caminho para Caxias pareceu mais curto.

- Venho-te buscar?

- Penso que não. O meu pai disse-me que ia amanhã à oficina dum conhecido dele. Acho que só está aberta aos sábados de manhã para desenrascar os amigos. Se não ficar pronto eu telefono-te, tá?

- E apareces a que horas?

- Amanhã tenho umas voltas a dar...humm...entre as seis e as seis e meia?

- Mal posso esperar... – e com mais um beijo apaixonado nos despedimos – Dorme bem!

- Sonha comigo, amor.

Primeira engatada, arranquei. À medida que o carro ia acelerando, a euforia ia-me dominando. Depois de ter vivido as últimas horas numa dimensão diferente, o despertar para a realidade exaltava-me. O prazer de ter atingido o sonho libertava-me numa satisfação orgulhosa.

Ao chegar a casa, fiquei um pouco encostado à porta. Olhando tudo e não vendo nada. Apenas assimilando a felicidade que me invadia.

Um sobressalto sacudiu-me. A Lúcia vem cá amanhã. Só poderá ter à sua espera uma casa imaculadamente limpa. À habitual limpeza de fim-de-semana, tenho que acrescentar um profundo cuidado com aqueles cantos mais esconsos. Nada pode ficar desleixado. Miguel, mãos à obra!

Esquecido das horas, do cansaço duma semana de trabalho, a energia catapultou-se na tarefa.

Aspirador ligado.

Móveis e cadeiras arredados.

Mangas arregaçadas.

A concentração, porém, foi abalada por um toc-toc estranho. Será que o aspirador tem algum problema? Não me lixes agora...

Desliguei-o, preparado para ir buscar a caixa de ferramentas, quando... toc-toc, novamente!

Mas, vem cá de baixo... De imediato reparo nas horas.

Ai meu Deus! Perdi a noção do tempo! Faltam vinte para as três e a desgraçada da D.Alzira está de vassoura na mão a bater no tecto, fazendo-me ver que não é altura para isto. Coitada!

Envergonhado, preparo-me para deitar. Amanhã também é dia. Que raio de ideia me foi dar!

Ao chegar à cama, respiro fundo e deito o ar todo para fora.

E é a rever o maravilhoso filme das últimas horas, que o sono me vai embalando.

Apesar da noite fria, passeava, bem aconchegado, pelas ruas desertas e com as espessas árvores como testemunhas. Uma brisa acariciou-me como um assobio em forma de flauta. Enchi o peito de ar, saboreando a alegria de uma vida feliz. Parei o tempo. Adormeci.

6

Amar

Deitado no mundo dos sonhos, em plena letargia. Ao longe, muito longe, os acordes de *Lucy in the sky with diamonds* baloiçam-me. O seu volume, porém, vai aumentando. Começo a dar sinais de despertar, quando repentinamente salto da cama. É o toque da Lúcia!

- Tou? – Dito tremulamente por quem ainda não acordou para o dia e sua acção.

- Bom dia namoradinho! Não me digas que ainda estavas a dormir...

Os olhos, semi-cerrados pela luz que irrompe pelas frestas dos estores, fazem-me sentir que já é dia avançado... e que o sonho não se desvaneceu com a claridade da manhã.

- Bom dia amor! Que horas são? – Acabando a frase já a bocejar. Há muito que não dormia tão profunda e calmamente. Um bom sono que me veio retemperar.

- Já são dez horas... ainda na cama?!

- Dez? – Ena! Com tanto que fazer e ainda aqui estou. E tu querida, dormiste bem?

- Estava excitada demais para adormecer, vá-se lá imaginar porquê...

Silêncio deste lado.

- Alô? Ainda estás aí?

Mais uma fracção de segundo e finalmente respondo.

- Tou! Estava a abrir a boca.

- Isso é que é soninho...

- Já há muito que não dormia tão bem. Parafraseando alguém que conheço, vá-se lá imaginar porquê...

- Olha, vou sair agora. Foi só para te dar os bons-dias. Um beijinho amor.

- Muitos para ti!

Recostei-me na almofada, apreciando a sensação de ser acordado carinhosamente. De sentir outra vez as chamas duma paixão correspondida a entrelaçarem-se.

O sono recomeçou a tentar-me como um canto de sereia.

Quando estava quase a deixar-me embarcar, fui buscar forças para, com um estremeção, resistir e levantar-me.

Na realidade, só despertei com o duche a afagar-me a cara.

Hora de balanço. Para o jantar vou fazer a minha especialidade, carne assada no forno com molho de cogumelos e natas, acompanhada por batatas salteadas. Preciso de ir ao talho buscar um belo naco. De seguida, vir a correr para casa de modo a fazer a limpeza do ano. Ai! Lembrei-me da D.Alzira. Que vergonha! Tenho que remediar a situação.

Como sempre acontece aos sábados, acabo por fazer o abastecimento geral da casa. O que resolvo com seis sacos que velozmente despejo, arrumando tudo num ápice e voltando a sair. Desta vez à florista. Tenho que amimar a minha amiga Alzira.

Se todas as pessoas fossem como ela, o mundo seria um lindo local de partilha. Tem uma colorida maneira de ser que entra em nítido contraste com a sua face enrugada e pálida, emoldurada por

um bem arranjado cabelo branco que não deixa esconder os seus sessenta e oito anos, dos quais a última dúzia vivida com o pesar da ausência do marido, vitimado por um fulminante ataque cardíaco. O filho é oficial da marinha e está nos Açores. O meu apartamento é exactamente por cima do seu e, já nem me lembro como, começámos a construir uma bonita amizade. Trata-me quase como filho, apesar de apenas me conhecer há pouco mais de dois anos. Se algo é necessário reparar em sua casa, lá vou eu munido com a caixa de ferramentas e boa vontade. Nem que seja para mudar uma lâmpada pois proibi-a de se armar em heroína desde que ia caindo de cima duma cadeira, devido à sua tensão irregular. Enche-me é de mimos, não há semana que não me venha dar um bolo, sempre saboroso e quase sempre diferente (deve ter uma notável colecção de receitas). A pergunta é habitual «gostaste do último?», tal como a resposta «foi o melhor que já comi!»

Toco à campainha e escondo, atrás das costas, meia dúzia das suas rosas preferidas, as amarelas.

Abre a porta com ar zangado.

- Tu endoideceste? Então vais-me fazer uma barulheira assim àquela hora?

Estendo-lhe as rosas.

- Com o meu maior pedido de desculpas!

- Oh Miguel! – A sua ira volatilizou-se – Que lindas!

Enquanto as apreciava, recordou-se do que se passou e forçou uma cara ainda ofendida.

- Mas não penses que te safas assim. – Parou a mirar-me bem – Mas que cara é essa hoje?

Sorrio, orgulhoso por as feições falarem por mim.

- Há aí qualquer coisa e boa. Vá, entra lá e conta-me tudo!

Sento-me, sorridente e a prolongar o prazer de ter algo de bom para repartir.

- Vais falar ainda hoje? É que tenho estas flores para tratar...

- Lembra-se de eu lhe falar na Lúcia?

- Se me lembro? Estás sempre a falar nela!

Faz uma súbita pausa, somando dois mais dois.

- Não me digas que?

Aceno a cabeça de maneira a não deixar dúvidas.

- Ah! Eu sabia! Eu sabia que ia dar certo convosco! Estavas mesmo de beicinho por ela!

- Mas... como é que sabia? Nunca lhe confidenciei nada...

- Oh Miguel! Eu já posso ser velhota mas parva é que não! Pensas que não via a maneira como os teus olhos brilhavam sempre que pronunciavas o seu nome?

Decididamente não sou bom a esconder sentimentos... e ainda bem!

- E não te esqueças que nós as mulheres temos um sexto sentido.

Será mesmo um sexto sentido ou o segredo estará em utilizar melhor os outros cinco?

- Minha querida amiga, estou a gostar muito de estar aqui mas tenho que ir. Vou pôr a casa num brinquinho porque hoje a Lúcia vem cá jantar!

- Então não faças sobremesa que eu arranjo-te aqui um bolinho de chorares por mais.

- Deixe estar, não se mace. – Temos sempre a mania da parte gaga quando só nos apetece gritar Sim! Sim! Sim!

- Não me quê? Até ficava mal comigo. Pode ser aquele de ananás que te fiz noutro dia? – Nota-se que está feliz por também poder colaborar.

- Se pode? Já estou a sentir água na boca!

- Então vai lá, não te prendas.

Vou a sair, hesito e viro-me.

- Teve a honra de ser a primeira pessoa a quem contei! – Afirmei com ar de reconhecimento.

- Ai de ti se não fosse! – Quando é algo que lhe toca, disfarça sempre com frases do género.

Atirei-me ao trabalho de tal maneira que só me recordei, perto das três, que também tinha que almoçar. Devo confessar que desde

ontem ainda não estou bem conectado à terra. Como dizia a Lúcia, vá-se lá imaginar porquê...

Outra chamada e a sua nova e linda frase,
- Olá namoradinho!

Confirmou-me que o seu peúgas já estava arranjado, que estaria cá à hora combinada e... que tinha uma surpresa! A criança que há dentro de mim ficou em pulgas! É bom que a nossa parte de criança nos visite regularmente, evitando que a esqueçamos e sejamos tomados por uma vida sombria. Lamentavelmente, utiliza-se a expressão “ser uma criança” para denegrir. Como se a progressão na idade nos fizesse despir momentos passados, por já não nos servirem, em vez de pertencerem a um caminho onde vamos somando todas as experiências que ficam bem agarradas à nossa pele e as usamos consoante a altura e o momento apropriado. Não é por acaso que as nossas recordações infantis nos são tão queridas. Porque não regressar a espaços?

Quase cinco e dou por terminada a minha tarefa. Hora de tomar outro duche. Depois, é só tratar do jantar. A sobremesa, em forma de bolo de ananás, é que já está no frigorífico, ansiosa por deleitar as nossas papilas gustativas.

Banho, secar, perfumar, vestir, limpar casa de banho. Último passo, ir pôr a carne no forno. Que não chego a efectuar, pois o habitual insonso ruído da campainha ecoou musicalmente pelas divisões. Espreito pelo óculo e a pulsação aumenta, chegou a Lúcia.

Abro a porta suavemente. Mas eis que entra de rompante, para se quedar a meio do hall, dando uma volta sobre si própria com os braços abertos. Questiona:

- Tou linda?

A diferença não está na roupa mas sim no cabelo, onde o negro deu lugar a acaju acobreado. Inclino um pouco a cara, como gostamos de fazer quando vemos algo que nos agrada. Pensava que o cabelo preto era a sua cor ideal mas concluo que em si tudo se conjuga.

- Linda! Estás maravilhosamente linda!

Salta, abraçando-me e com as pernas entrelaçadas na minha cintura, como se ficasse ao meu colo.

- Estava tão feliz que quis mudar algo em mim.

Beijamo-nos ternamente.

E mais uma vez.

E outra.

A respiração a ficar alterada.

A energia do amor começa-se a espalhar pelas profundezas mais recônditas dos nossos sentidos.

O que nos foi aflorando durante o dia, entrou na sua marcha sem retorno.

Sempre abraçados e deliciados com apaixonados beijos, fomos seguindo para o quarto, onde nos deixámos cair na cama, já a vestirmo-nos com a nossa pele.

Amámo-nos.

Numa imensa partilha de dar e receber.

Até à mais ínfima parte da nossa essência.

Dois corpos unidos num só.

Fizemos amor.

E nada pode ser mais puro.

*

* *

Era durante a noite que as dúvidas, que não dividia com mais alguém, o intrigavam.

O que será o namoro? Beijar? Sentir outros lábios nos seus? A paixão?

Ficava sempre sem resposta mas sentia uma estranha explosão de carinho e protecção. Como se quisesse colocar numa redoma quem viesse a amar, com medo que se ferisse.

Era a fase de sentimento de posse.

O rapaz ainda tinha que aprender que o amor não é uma prisão, mas para ser vivido como dois pássaros em alegre voo desfrutando

das asas de liberdade que o verdadeiro afecto proporciona, contrastando com imagens amarradas a dogmas.

*
* *

Ficámos a absorver cada momento tão intensamente vivido, deixando a respiração voltar ao seu ritmo habitual após a consagração de sentimentos que não podiam ser mais sustidos.

Aninhada em mim, aproveitando o ombro para almofada, a Lúcia quebrou o gostoso silêncio a que nos submetemos, olhando-me com uns deliciados olhos.

- Tão lentos e tão rápidos!

Não percebi, de imediato, o alcance da frase.

- Sim, andávamos tolos sem nenhum se decidir a dar o inevitável passo. Mas depois de ontem, chegarmos à cama foi um instantinho... – Finalizou a frase com um olhar divertido.

- E há altura adequada? – Faço uma pequena pausa para ordenar o pensamento – As coisas acontecem quando têm que acontecer. O declararmo-nos demorou? Pois demorou! Mas fez com que amadurecêssemos o amor de tal maneira que começámos plenamente convictos dos nossos sentimentos, o que terá, eventualmente, acelerado o que se deu hoje.

- E foi lindo! E o curioso da questão é que foi tão natural! Mas quem me diria há vinte e quatro horas atrás que tinha agora dormido contigo?

- E dormiste? Eu estive bem acordado... – Gracejo, para continuar com a inspiração da paixão – Amor! O que fizemos foi amor!

- Sim... – Hesitou um pouco nas palavras, tentando compreender o meu ponto de vista.

- Sabes, acho que devemos dar os nomes correctos aos actos. As pessoas tendem a esconder muito os sentimentos e, para tal, arranjam outros termos. É mais fácil ouvir alguém reconhecer que não gosta de algo, do que afirmar que gosta. Principalmente se isso

for contra a corrente, afirma-se essa escolha meio envergonhado, quase como pedindo desculpa de se ser assim.

A Lúcia ouve atenta, com o queixo apoiado no meu peito.

- É como com o fazer amor. A arte mais grandiosa do ser humano, fazer amor pelo desejo de dar e receber apaixonado prazer. O acto mais belo e puro, tratado muitas vezes como impuro, imoral, fazer *poucas-vergonhas* como se diz amiúde. Desprezando o que nos criou. E há a outra maneira, que é o tentar aligeirar a força das palavras com os termos *dormimos, passámos a noite, fomos para a cama*, etc. Será que custa tanto dar-lhe o verdadeiro nome de amor, fazer amor?

Depois de uns segundos pensativa, concordou.

- Realmente tens razão. Às vezes dizemos determinados termos sem medir bem o significado ou, como dizes, a força da palavra. Sabes o que te digo? Adorei ter feito amor contigo! E o mal, entre aspas, é começar! Vamos ter que o fazer muitas vezes! E isto é uma ameaça!

Acaba a frase apontando-me o dedo ao nariz, para de seguida nos abraçarmos transmitindo mutuamente toda a nossa força.

Ficamos mais um bocado a saborear o momento. Até que,

- Então e o jantar, seu afamado *chef de cuisine*, está feito?

O jantar? Ai que barraca! As mãos na cara indicam o que se passou.

- O que foi, namoradinho? Não me digas que te esqueceste que também janto...

- Oh Lúcia, ganda barraca!

- Esqueceste-te mesmo, não foi? – A sua inevitável e habitual bem disposta gargalhada não se fez rogada.

- Não, não me esqueci do jantar. Esqueci-me foi de pôr a carne a assar, ia pô-la no momento que chegaste. Agora demora para aí uma horita. Bom, e ainda tenho que fazer o molho e as batatas.

- E não te apetecia antes pedir uma pizza?

- E dou-te pizza no primeiro dia que te convido a jantares cá? – Pergunto mas questionando-me se não será mesmo a melhor saída.

- E eu sou de cerimónias? Vá lá, sê prático, sabes bem que não sou de reparar nessas coisas. Além de que ficamos com mais tempo para nós – Lança-me um tentador olhar que teve o condão de me fazer de imediato telefonar à pizzaria.

Enquanto comíamos a pizza, não deixava de ter um sorriso comprometedor, para satisfação da Lúcia que ria a bom rir da minha expressão.

- Afinal este afamado *chef de cuisine* não será mais italiano do que francês?

Estava vestida com o meu roupão branco. Das mangas largas surgiam os seus finos braços. A sua despenteada franja tornava-lhe o riso mais maroto e salientava o brilho dos seus olhos.

Adoro contemplar a sua genuína alegria. Uma mistura perfeita de maturidade e juvenil irrequietude.

Ainda me custa acreditar. Temo ser sacudido e acordar dum lindo sonho para a frustrante estrada do quotidiano. Mas sinto! Logo, estarei presente nesta realidade.

Uma mão agita-se à minha frente.

- Alô! Namoradinho? Está aí alguém?

Sorriso feliz.

- Está, está! Alguém tão feliz que ainda lhe custa a crer.

- E o que mais posso fazer para creres mesmo? – Abre os braços em forma de pergunta de resposta evidente.

Decido-me. É melhor enfrentarmos de caras os nossos fantasmas para os exorcizarmos de vez.

- Eu tenho de dizer isto! Sei que ainda ontem concluímos que para nenhum de nós a diferença de idade era problema. E, para mim, não o é seguramente. Acho a maior naturalidade apaixonar-me por alguém como tu pois a pessoa que há em ti não tem idade, é um ser a quem me entrego totalmente, passando a ser o Sol que rege a minha vida.

Faço uma pausa. O seu olhar está expectante do que virá.

- Porém, já acho menos natural ser correspondido por ti. És jovem, tens uma série de atraentes rapazes na plenitude da sua juventude e...

Interrompe-me bruscamente.

- E tu és parvo!

Foi extremamente rude. Principalmente no olhar.

- Não, o que eu queria dizer...

Outro áspero corte,

- O que tu querias dizer, não sei. Mas que é parvoíce é!

O seu olhar de gato furioso não se condeou do encolhido rato que estava à sua mercê.

- Miguel Nuno, pensei que ontem tínhamos enterrado essas histórias de bilhete de identidade. Mete isto na cabeça! Se tens a escolha de me amar, eu também a tenho e nunca estive tão convicta de um sentimento como agora e se há algo que não admito, é que seja posto em dúvida e muito menos por essas tretas de outros da minha idade. Sabes porque me apaixonei por ti? Aprendi a amar-te! Aprendi a apreciar a tua maneira de ser, a maneira como te dás desinteressadamente na amizade, a importância dessa mesma amizade, como te preocupas em tratar todos bem, o real significado de partilha, de tolerância, de compreensão. Esses tais que falaste são hoje na sua maioria, com honrosas excepções, um bando de egoístas que apenas têm como preocupação o seu umbigo. Mas mesmo que não fossem assim, quem o meu coração escolheu foi a ti! Tu que sabes ser tudo, ser amante e ser amigo, algo que parece estar imbuído, mas longe disso, tem que haver as duas componentes, e tu lidas ambas com mestria. Não queiras estragar tudo com dúvidas ridículas.

Fico uns instantes calado a digerir.

- Não quis pôr em dúvida os teus sentimentos, apenas achei sorte demais, não sei. Esquece... esquece!

- Não! Quem tem que esquecer esses macaquinhos és tu, ok?

Não resistimos a beijarmo-nos. Para acabar em riso, pois foi um beijo a saber meio a pizza.

A noite continuou de sonho. Até ao penoso momento da separação.

Deitado na minha cama. Apesar de só, estou acompanhado pelo seu cheiro, suavemente embebido nos lençóis. Faz-me suportar a solidão, tal como o facto de saber que há alguém lá fora que me ama.

O meu coração está unido a outro.

Bate só pelo outro.

Vale mais amar ou ser amado? Uma pergunta a que dava várias respostas, consoante o estado de espírito, mas que agora sei a solução. A igual partilha de sentimentos.

Sinto-me feliz!

E sinto-me feliz, não só porque as coisas estão a correr maravilhosamente bem, mas por ter a certeza que nunca senti o que sinto agora. Sei que é um lugar comum. O último parece ser sempre o melhor, dado que o fogo está no seu fulgor enquanto já se apagou nos anteriores. Mas agora é diferente. Sei!

Já passei por muitos cruzamentos na vida.

Já vivi outros amores.

Já senti o desejo embriagar-me.

Já tive certezas irrefutáveis.

Já fiz promessas eternas.

Mas, agora sei que é diferente.

Os outros também o seriam?

Eram... sem o ser.

Se a idade nos vai, dissimuladamente, retirando algumas faculdades, compensa com o acréscimo de outras. E uma é o conhecermos muito melhor aquilo que somos. Algo que não acreditamos nos outros, mas só em nós. E, firmemente, EU SEI que o que sinto é diferente.

Há trinta e seis anos que reconheço as batidas do meu coração e nunca foram assim.

Há coisas que não se consegue explicar, só sentir!

O amor é como os brinquedos de infância, o que mais se gosta não é aquele que terá mais razões (materiais ou outras), mas sim o que mais fundo nos toca. Tal como na música, a especial não será de certo a maior obra-prima, mas a que mais nos preenche os sentidos.

Os calejados da paixão (onde acabo também por ser associado), sorririam se ouvissem esta minha certeza, mas quem acaba por sorrir sou eu, porque não duvido.

Encontrei quem me preenche.

Amo-te Lúcia!

7

A menina dos Andes

Nada como estar de coração cheio de amor para tudo ser diferente, tal como a disposição e entusiasmo que apresento hoje no trabalho. Só lamento que os meus colegas de gabinete sejam tão sisudos, tão cinzentos.

Curioso o almoço hoje no Beirão. No último os receios de aproximação dominavam-me, hoje as certezas contemplam-me.

Como é distinto poder ir de mão dada e almoçar olhos nos olhos, sem reprimir o que se tem para confessar. Parecerei um adolescente a descobrir o fogo da paixão? Não! Um apaixonado, onde todos os pequenos e simples gestos são de uma importância vital. Talvez que para os vencidos da vida sejam tontices. Mas nada como entontecer de amor para nos tornar sãos de juízo. Sentir que vale a pena esta nossa cruzada pela vida.

- Vai um café?

Ergo os olhos do trabalho que preparo e vejo o Pedro com ar de quem quer saber coisas. Não me apetece mas faço o sacrifício, pois menos desejo entrar em conflitos.

- Ok! Vamos agora porque depois preciso de estar bem compenetrado neste trabalho.

Tudo está a correr tão bem que, inclusive, tive a sorte de me calhar um daqueles trabalhos que me empolga. Uma colagem de várias dezenas de imagens de meninos, em flashes rápidos, para uma apresentação da Unicef. Tenho que as ordenar segundo um padrão estético e significativo, no intuito de dar profundidade à mensagem.

- Então o fim-de-semana correu bem? – Começa o Pedro, para fazer conversa até chegar onde pretende. Porque não é logo directo?

- Sim, e o teu? – A chamada conversa da treta. O que irá sair daqui?

Hesita e

- Hum, ouvi dizer que agora andas com a Lúcia.

Ouviste dizer? Quando íamos almoçar vi-te do outro lado da rua observando surpreendido as nossas mãos entrelaçadas e agora dizes que ouviste? Se fosse uma outra pessoa, deixava exaltar toda a minha felicidade, mas sabendo como é este trio e principalmente o Pedro que aqui se faz de interessado para lá dentro se deixar ir atrás da mesquinhez, limito-me a responder um seco,

- Sim.

- E ela ainda não é muito miúda? Ok, já não gritará pela mãe, mas... sabes como é.

Sim, sei como é, anormal. Com outras pessoas poderia ter uma profícua conversa sobre o tema mas conheço os limites desta mentalidade machista, convencida que tudo sabe sobre mulheres e provando exactamente o inverso.

- Olha, tenho que fazer hoje aquele trabalho e não me apetece sair tarde, por isso tenho que me despachar.

Sentei-me, observando as imagens e ganhando inspiração, quando ouço o Pedro sussurrando para os outros «é verdade». Pelo reflexo do ecrã, noto o Cardoso a gesticular enquanto puxa o queixo para a frente, esticando o pescoço, como quem avisa que vai picar o visado. Não tenho que aturar isto! Faço um esforço para me concentrar.

- Vocês leram que uma das grandes redes de pedofilia internacional estava instalada cá em Portugal? – A voz canalha é do Cardoso.

- E o mais incrível – prossegue o Vasconcelos – é que às vezes são pessoas com quem contactamos e até púnhamos as mãos no fogo por elas.

- Põe tu, eu não! – Ajuda o Pedro.

Se é com esta parva fantochada que pensam que me irão atingir, bem podem ir de carrinho. Que ridículos!

- As miúdas é que, coitadas, são parvinhas e vão atrás das lérias desses sabidos. Como uma, que eu até conheço!

Mau! Se começam a querer atingir a Lúcia, vai haver merda e da grossa! Cabrões!

- Mas essa deve ser tótó! – O Pedro complementa a frase do Cardoso.

Pronto! Chega! Se querem merda, vai haver a sério.

Quando me preparo para virar, já com o estômago às voltas a pedir que expluda, uma fotografia capta-me duramente a atenção. Uma menina dos Andes. As vozes bestas começam a esbater-se, enquanto sou absorvido por esta imagem.

Olho fixamente, transportando-me para o seu local, esforçando-me por entender o que estará por detrás da sua expressão.

A menina parece ter entre onze a doze anos. Está com umas calças de algodão em xadrez, uma camisa verde, um também verde blusão com as mangas cortadas, tudo já muito coçado. Na cabeça, um gorro de lã donde caiem os seus compridos e negros cabelos de estilo tipicamente peruano. Às costas, carrega um cesto em verga que, pela inclinação, estará pesado. Em resumo, uma imagem que deveria ser igual a tantas outras, se não fosse a pose da menina. Olha direito para a câmara (mas sem o receio nem a raiva de Sharbat Gula), com os braços cruzados, o que lhe confere um ar conformado de mulher sofrida. A sua pose e expressão são duma adulta, num corpo ainda por moldar naturalmente mas que já ganha contornos apressados.

Que meninice teve?
Saberá o que é brincar?
Ser acarinhada no seu crescimento para a vida?
Ou pura e simplesmente lutar pelo direito à sobrevivência?
Que direito temos de permitir tamanha desigualdade neste mundo?
Mundo que tem recursos para todos mas cujo único recurso válido e que condiciona tudo é, sempre, o dinheiro.
Haverá alguma validade para obrigar jovens a perderem o fabuloso mundo da infância?
Será que ela imaginará, sequer, do que estou a falar?
Ou apenas conhece a luta quotidiana, dia após dia, mês após mês, ano após ano?
Fico fixado na fotografia, até olhar para trás. Os três estão embrenhados no seu trabalho. Sorrio interiormente. Com a minha indiferença, calaram-se. Desistiram. Ajudado pela menina, venci-os! Tinha rebentado, havia sarilho e nervos à mistura. Ignorei-os! Devem ter concluído que as suas tretas não valem a pena. Se é que aprendem algo.
Torno a olhar para a fotografia. Mergulho nela.

Mergulho nas nuvens que ensombram a nossa existência
Olho em redor procurando a solução
Pergunto às montanhas
Devolvem-me a pergunta
Deixo fluir a imaginação
Sonho
Sinto a felicidade acariciar-me
Sorrio
Concluindo que a sonhar também poderemos ser felizes
Devo sustar a lágrima que desponta
Ou correr livremente pelo rosto
Sangrando de desejo
Elegendo os sentimentos
Como o novo senhor que domina o universo

Colocando de parte
 Anteriores dogmas de fraqueza
 De quem o deixava aperceber
 Não vendo onde está a verdadeira força
 Mostra
 Sorri
 Ama
 Por todas as coisas
 Saberei ser
 Saberei ter
 Sê feliz
 Faz feliz

*
 * *

O cow-boy mau aproxima-se da menina indefesa.

- É o teu fim!

- Socorro! Socorro! Alguém me acuda!

E eis que chega o valente Zorro com o seu fiel Silver.

- Para trás, malandro!

E com um lançamento preciso, enlaça o fora da lei.

- Cuidado!

A mãe adverte o menino que, com o entusiasmo da brincadeira, ia entornando o café do pai.

Estava uma tarde quente de Agosto. Aquela esplanada, com as mesas debaixo das árvores, tornava-se num agradável espaço de lazer para os pais e brincadeira para o menino, entretido com os seus bonecos.

Aproximou-se da mesa uma pobre pedinte e o seu filho, que quase se escondia atrás das saias.

O pai do menino puxou da carteira e deu-lhe uma moeda.

As crianças entreolharam-se por breves instantes. O menino pobre tinha olhos negros, estava muito queimado pelo Sol, cabelo desalinhado, cara sem conhecer água, e o nariz com ranho.

A mãe pegou na moeda e logo se dirigiu a uma outra mesa, enquanto o filho se pendurou de novo nas suas saias.

Com os bonecos na mão, o menino ficou um pouco parado.

- Porque é que deste uma moeda à senhora?

- Porque é pobrezinha e não tem de comer para si e para o seu filho

- E vive onde?

- Olha, se calhar na rua.

O menino estremeceu a imaginar-se na mesma situação.

Observou o outro rapazinho que já ia longe.

Tornou a olhar para os bonecos e recomeçou a brincar, mas com uma sensação estranha. Sentia uma dor diferente que nunca tinha tido, não era nenhum dói-dói, era algo que lhe parecia ser uma dor no coração.

*

* *

Após o jantar, vou a casa dos meus grandes amigos Gaspar e Ana. Não sem antes passar num café para comprar umas guloseimas para a Sofia e o Jorge.

- Olá! – É sempre calorosa a maneira como o Gaspar me recebe – Oh Ana, vem ver quem está aqui!

Primeiro que a Ana, chegaram as crianças.

- Tio! Tio! – Já a olharem para o saco que transporto. Não os faço sofrer, que nesta idade um segundo de espera para uma satisfação é um desespero, e passo-lhes logo os doces.

- Não é para comer tudo duma vez – Digo, sabendo que é uma frase inútil.

- Olha uma visita do mano! – Exclama a Ana, antes de darmos um saboroso abraço.

É lindo ter e fazer perdurar uma amizade assim.

O Gaspar é da minha idade e somos amigos desde os catorze. É um arquitecto com ar aparentemente compenetrado em tudo o que o rodeia, os óculos também lhe dão mais profundidade no olhar, mas duma simplicidade e simpatia extrema. É curioso que nele já se nota aqui e além um ou outro cabelo branco, principalmente na barba, talvez por ter o cabelo mais escuro que o meu.

A Ana é três anos mais nova, tinha quinze quando a conheci. Foi um pouco tiro e queda o que lhes deu. O Gaspar ganhou uma mulher para toda a vida e eu uma amiga muito especial. Não sei se por sermos filhos únicos, cedo começámo-nos a tratar por manos (há muita gente que pensa que o somos na realidade). Casaram-se há dez anos e têm dois encantadores filhos, que gosto de lhes dizer que são o meu orgulho, a Sofia com oito e o Jorge que tem dois e meio (foi o jantar que quiseram oferecer, quando souberam da sua gravidez, que originou a liquidação total do meu casamento com a Rita). A Ana é uma linda estilista, sempre elegantemente preparada para o dia a dia. E como mulher atenta (além dessas coisas de sextos sentidos, intuições femininas, etc.) pergunta-me, denotando que existe algo que a intriga.

- Está tudo bem? – Franze um pouco a testa, tentando ver mais além.

- Está, está!

Reparo que ficou desconfiada mas deixo-me entrar em agradáveis conversas triviais, antes de irmos à ordem do dia.

A Sofia é que não descansou enquanto não fui ver a sua colecção de Barbies, já todas com as roupas trocadas, e de todos os inúmeros acessórios, alguns bem minúsculos, com direito a uma explicação detalhada! O Jorge rapidamente se deixou adormecer no sofá. Enquanto o Gaspar o levou para a cama, a Ana avisou-a:

- Sofia! Tens que te ir deitar que amanhã é dia de escola.

Ainda me olhou suplicante, mas tive que concordar.

- Já é um bocadinho tarde...

- Tá bem, tio – Resignada.

Voltei para a sala, para de imediato me levantar pois a Ana regressou com um recado.

- Ela quer que lhe vás dar um beijinho de boa-noite...

Aprecio estes preciosos momentos!

Como adoraria ser pai! Mas, por seu turno, conforto-me com o facto de não termos tido filhos, para não terem que sofrer vendo os pais seguirem caminhos separados. Tenho esperança de (ainda) concretizar essa ambição. Sempre foi meu desejo ter três, um casal biológico e uma criança adoptada. Como sempre disse, o casal seria para repor o nosso número na Terra, a criança adoptada para poder ajudar algum filho de infortúnio, independentemente de sexo, cor ou outras formas de discriminação, porque seria sempre um ser humano a necessitar de cuidados e amor. Ainda parece que oiço a Rita, escandalizada:

- E eu ia aturar filhos de outros?

Não lhe respondi, fiquei demasiado ferido para tal, apenas a fitei interrogando-me sobre quem teria à minha frente.

Passada a raiva, creio que ela não era como o estava a demonstrar, acabou por ser uma vítima de circunstância apanhada na máquina compressora do sistema. ...e lá está a minha parte mole, como alguns gostam de apelidar, a vir ao de cima. Penso que sejam apenas os meus valores, os tais que alguém me disse «são os teus valores morais que te impedem de teres mais valores económicos».

- E então, vais-nos dizer o que se passa? – A Ana desperta-me das minhas reflexões.

Sorrio.

- E porque é que pensas que se passa algo?

- Vejo na tua cara, que não engana ninguém!

Começo seriamente a duvidar se tenho uma cara ou um placard.

- Ok! O jantar da amizade é já de quinta a uma semana e este ano é aqui. Por isso – viro-me para o Gaspar – tenho que te informar, como responsável neste ano, que vou trazer uma pessoa.

A Ana dá um salto no sofá. Impacienta-se com a minha pequena pausa.

- Vá lá, continua!
- Divirto-me observando a expectativa que não consegue calar.
- E essa pessoa é...?
- A minha namorada!
- Yesss! Até que enfim que arranjas alguém! Já estava a ficar desesperada...
- É alguém que conheçamos? – Pergunta o Gaspar, satisfeito como ficam os bons amigos quando apercebem o outro feliz.
- Não.
- Conta-nos tudo! – Ordena a Ana
- É também uma separada? – Questiona o Gaspar.
- E porquê? Lá por eu o ser só poderei arranjar alguém também separado?
- Não, claro que não! Mas tens que concordar que com a nossa idade é o mais natural.
- Pois! Só que é mais novinha, tem vinte e três.
- Ah! Assim é normal que não o seja – Graceja o Gaspar.
- À Ana, porém, esmoreceu-se o entusiasmo.
- Já várias vezes lhes falei nela, a Lúcia.
- Eu bem que desconfiei da maneira como falavas dela! – Notou o Gaspar, que ficou impassível à diferença de idades. O mesmo não sucedeu à Ana.
- Então mana, perdeste o pio?
- Não. Ainda bem para ti. Espero que sejas muito feliz. Bem o mereces!
- Só que o seu tom não foi convincente.
- Recosto-me no sofá.
- Ana! Vá lá, deita cá para fora o que te ficou aí a embatucar.
- Respirou fundo, sinal de que tinha receio de me magoar.
- Miguel! Sabes bem que te adoro e que o que mais desejava era ver-te feliz. Não queria que sofresses mais, pois disso já tenho a conta exacta. Percebes?

- Não, não percebo. Dizes que queres a minha felicidade, pois bem, olha para mim e aprecia o quanto estou feliz! – Chego-me um pouco à frente como quem quer provar melhor o que afirmou.

- Mas queres ser feliz a curto ou a longo prazo?

- És animadora! Já estás a matar a relação? Porque é que será a curto prazo?

- Não me entendas mal, por favor, mas com vinte e três anos saberá bem o que quer?

- Por amor de Deus! Essa nem parece tua! – Admira-se o Gaspar.

Embora tenha ficado desiludido com a sua reacção, esboço um sorriso, pois sei que tenho um trunfo para lhe atirar.

- Não foi com vinte e três que te casaste? Ou estás a querer dizer que não sabias o que querias?

- Não é isso... não me expliquei bem.

- Então? – Interroga o Gaspar

- Claro que eu sabia o que pretendia, claro que não é pela idade, mas a diferença pode ser significativa. Pode ter ficado impressionada com a tua maturidade, pode estar a querer substituir o pai (há muitos casos típicos desses em mulheres que preferem homens mais velhos), pode não ser nada disso mas quando aprofundarem o dia a dia, as diferenças de gosto, até de energia, podem aniquilar essa vossa relação. E, repito uma vez mais e as que forem precisas, que tu precisas é de estabilidade, de alguém que te faça e a faças feliz. Tens um coração demasiado bom para passares por outra ruptura. Uma coisa é teres uma ferida, outra é abrires uma que já cicatrizou. E por favor não me olhes com essa cara! Já me sinto mal o suficiente por te estar a estragar a alegria.

- Querida mana, não me estás a estragar a alegria. Estou, isso sim, decepcionado com a tua reacção, mas a melhor resposta é a que se dá na prática. Façamos o seguinte, não argumentemos mais e aguardemos até à próxima semana, quando a irás conhecer. Depois disso, poderemos continuar a conversa, porque tenho a certeza que a partir dessa altura irás mudar radicalmente a tua opinião.

Prossigo.

- A nossa paixão nasceu de uma forma gira, fruto de uma amizade que foi florescendo e nos permitiu conhecer de tal maneira as virtudes e defeitos um do outro que, quando demos conta, estávamos perdidamente apaixonados. Talvez se tivéssemos a mesma idade, teríamos avançado muito mais cedo, mas assim foi tão bem meditado que dissipou toda e qualquer dúvida. Ok, tem vinte e três mas, tal como já lhe disse, poderia ter trinta e dois, quarenta e três, fosse que idade fosse, que eu não tenho dúvidas que encontrei a pessoa certa, aquela para quem nasci.

Acho que o meu tom foi mais evidente que as minhas palavras.

A Ana ficou uns segundos a olhar-me, o seu lindo sorriso foi aparecendo, aproximou-se de mim.

- Vá lá, dá aqui um abracinho à tua mana, que se preocupa desta maneira parva contigo!

Notei que estava um pouco emocionada, o quanto baste para um sensível como eu ter que disfarçar a emoção com um

- És uma tonta!

8

O doce sabor da amizade

- Estás deslumbrante!

Saiu-me mal a vi, numa exclamação que peca por defeito. A Lúcia embelezou-se com um vestido preto de alças finas, que dá um pouco acima do joelho. Como na rua ainda está um pouco fresco, usou um casaco de malha, também preto. Para quem é tão elegantemente bem feita, usar um vestido que ainda mais realça essa beleza só pode originar um resultado final realmente... deslumbrante.

- Achas que irão gostar de mim?

- !?

- É que sei o quanto são importantes para ti.

- E achas que alguém no seu perfeito juízo não simpatiza logo com uma pessoa como tu?

- Oh! Tou a falar a sério.

- E eu também! – Rio-me divertido – Ou estás com receio de ires encontrar uns cotas? Olha que eles acabam por ser uns putos como eu...

Amanhã faz duas semanas que namoramos mas parece que foi há muito mais tempo, tal o nosso entendimento perfeito. Tudo corre tão bem que até receio pensar nisso. Já me terei transformado em supersticioso?

Já estavam todos quando chegámos. O Gaspar, a Ana, o Leonel e a Vanda queriam cumprimentar naturalmente, mas era notório que estavam a morrer de curiosidade. Vou para a habitual apresentação de fulano tal, fulana tal, quando a Sofia irrompe.

- Tu é que és a tia nova?

Rasgou alegremente a cerimónia. Não há dúvida que as crianças são mais directas e sinceras.

- Então ó desaparecido! – Incrimina-me a Vanda.

- Então ó igualmente desaparecida? – Esta vida dá pouco tempo para passarmos com quem gostamos – A Sandra não veio?

- Sabes que dá sempre para tarde e amanhã há escola, por isso ficou na minha mãe.

A Vanda e o Leonel são outros bons amigos. A ela, conheço-a desde que fomos namorados... com cinco anos! Temos uma diferença de três dias apenas e mantivemos sempre o contacto. Nunca chegámos a namorar (a sério...) mas tivemos um pequeno flirt, devaneio ou o que quiserem chamar, aos dezanove. Já namorava a Rita e foi a única vez que a enganei. Nem sei bem como tudo aconteceu. Com os outros ocupados a prepararem-se para provas e como estávamos livres, fomos passear até ao jardim de Cascais, junto ao pavilhão. Acabámos por nos dirigir lá mais para trás, não me perguntem se levados por algum instinto ou se apenas pelo acaso. Quando nos apercebemos, trocávamos beijos e carícias. Deixámo-nos ir ao sabor do momento, até sairmos do jardim. Ambos ficámos calados o resto do tempo, com a sombra da Rita (minha namorada/sua grande amiga) a perseguir-nos. Nada mais houve e o curioso da questão é que nunca trocámos uma singela palavra sobre o sucedido. Aconteceu e pronto, os nossos lábios selaram-se perante tal. No ano seguinte conheceu o Leonel. Namoraram sete anos, até terem condições para celebrar o casamento que já lhes

prendou uma filha, a Sandra com seis anos. Ela tornou-se profissional de seguros, ele trabalha numa agência de contabilidade. Apesar de ser bom moço é um pouco desprendido de tudo. A última coisa que queria era especular sobre outras relações, mas penso que o Leonel não seja exactamente aquilo que a Vanda anseia. Digo-o porque me dá a sensação de debaixo daquele manto existir um fogo por atear. Pelo menos é o que depreendo do olhar que, muito de tempos a tempos, me deita, um olhar com falta de brilho. Por vezes também penso que entre nós ficou aquele melindre encravado que, se tivesse sido falado, talvez fosse enterrado.

Não apanhei a conversa, apenas ouvi o Gaspar dizer à Lúcia:

- Não nos trates por você! Estás a vê-lo? – Apontando para mim – Ele não passa dum puto e nós somos da idade dele. Aos putos tratamos por tu.

Aproximo-me, dou-lhe um toque cúmplice e digo:

- Eu não te disse que o éramos todos?

A Lúcia é como eu, não aprecia cerimónias bacocas e gosta de tratar todos livremente, por isso fica ainda mais à vontade. É, entretanto, confiscada pela Sofia para ir à obrigatória mostra da colecção de Barbies. Olho para a Ana, ela sorri-me, pisco-lhe o olho. Há pequenos gestos que substituem de forma mais eficaz as palavras.

Para preencher, o Leonel aproveitou a conversa anterior fazendo uma dissertação das vantagens do tratamento por tu e das facilidades das línguas que apenas o têm.

Ao jantar, todo preparado pelo Gaspar como mandam as regras, o ambiente era de sã alegria e boa disposição, como tem sido hábito. No meio da galhofa, o Gaspar sentiu-se na obrigatoriedade de botar discurso:

- Caros amigos! Hoje, como sabem, é um jantar com algo de inédito em todos os que já realizámos porque temos uma cara nova a quem dou, desde já, as boas-vindas do grupo, desejando que esta partilha de amizade perdure por muitos e bons anos. Sendo assim e porque sou o responsável deste ano, irei começar por fazer um breve

historial destes jantares, tão importantes para nós. Ou não sei se o Miguel já te explicou em pormenor?

- Muito vagamente. Disse-me que tu é que gostas de fazer as apresentações do grupo.

- Fez bem, fez bem. Tudo começou em 86 (parecendo que não, já lá vão dezasseis aninhos), os seis que formavam o nosso unido grupo, e que cinco ainda aqui estão faltando apenas a Rita, estávamos juntos e, por ser o feriado do 25 de Abril, discutíamos sobre a série de dias comemorativos que existem. Daí, nasceu a ideia de termos também o nosso dia, o dia da amizade. Ideia puxa ideia e ficou decidido que seria composto por um jantar, havendo um responsável que se encarregaria de o organizar. Inicialmente festejávamos num qualquer restaurante mas, à medida que fomos tendo habitação própria, tornou-se mais pessoal ser em casa desse mesmo responsável, ficando a seu cargo preparar a refeição. Como é que é nomeada essa pessoa, ficará a explicação para mais tarde, para a altura em que for decidido quem será o próximo.

- A propósito de responsável – interrompe a Vanda – fica a saber que já todos o fomos pelo menos uma vez, mas o recordista é o Gaspar, seguido do Miguel.

- Os criativos, não é Gaspar? – Pergunto imitando um ar de importante.

- Claro! É importante notar – continua o Gaspar – que nunca nestes anos falhámos um só que fosse, apesar das naturais limitações de tempo que todos sofremos. A única baixa que temos é a da Rita. Também já tinha falhado dois jantares antes do divórcio, para desespero do Miguel, e que não é por ter acontecido o que sucedeu que se afastou. Enfim, outras ambições.

- Mas, como sabem – esclarece a Vanda – tenho-lhe ligado todos os anos a relembrar. Invento sempre um pretexto qualquer, mas sou teimosa e no ano seguinte lá torno a falar. Só que desta vez foi diferente. Hesitou um pouco e disse «talvez para o ano». Parecia-me em baixo.

- Provavelmente não atingiu algum objectivo – Enveneno eu.

- Não, não me pareceu. Havia ali algo. E acho que a relação com o Amaro também se finou.

Olham todos para mim à espera que pronuncie a habitual palavra. Faço-lhes a vontade.

- Com quem? Com o marreco?

- Deu-me mesmo a sensação de estar a precisar de ajuda.

- Mas é uma chata! – Afirma a Ana – Mesmo que precise de ajuda, recusa-se a pedi-la. É demasiado orgulhosa para isso.

A Vanda virou-se então para a Lúcia.

- Desculpa estarmos a conversarmos sobre a Rita, espero que não leves a mal.

A Lúcia ergueu um pouco as sobrancelhas, como o costuma fazer quando algo lhe provoca admiração.

- Porquê? Não estão a falar duma vossa amiga?

- Nossa amiga, tudo bem – defende a Vanda – mas estamos a falar da ex mulher do teu namorado. Se fosse comigo, afinava!

A Lúcia sorriu serenamente e findou o hipotético melindre com uma resposta à altura.

- Faz parte do passado do Miguel e não pretendo, de modo algum, renegar ou apagar. Temos uma vida inteira à nossa espera. Para quê desperdiçar tempo, prendendo-nos ao passado, quando o futuro é aliciante?

Esta resposta caiu bem em todos, mas em mim tocou-me profundamente, em especial pela ideia do nosso futuro. A Vanda ergueu-lhe o copo, estilo touché, enquanto a Ana tornou a sorrir para mim. É curioso como a minha maninha está mais calada do que o habitual, numa clara acção de observação.

Apesar de ter ficado, aparentemente, no esquecimento e de não o ter demonstrado, fiquei um pouco apreensivo com a hipótese de poder existir algum problema com a Rita. Será real, alguma situação passageira ou um mero dia mau? A preocupação ficou um pouco adormecida pela continuação das várias conversas cruzadas, dos risos, das saudáveis brincadeiras trocistas com que brindamos cada um. A Lúcia estava bastante divertida e completamente integrada. A

fase inicial, da curiosidade em descobrir como ela seria (embora fazendo os possíveis por não o demonstrarem, sem o conseguirem), passou alegremente para um momento onde dá a sensação que já todos a conhecem, revelando bem as suas excelentes capacidades de bons amigos. É bom sentir o doce sabor da amizade, a união amigável de pessoas que não hesitam em dar, desinteressadamente, o que têm. Sabermos que temos uma mão para dar, um ombro para acolher, tal como receber sempre que precisamos, sem termos que dar justificações, sem termos que ser como nos idealizam mas aceites tal e qual como somos.

*

* *

Era um dia especial. Uma festa de anos! A excitação do dia já se reflectia, há uns tempos, nas várias conversas de brincadeiras idealizadas para aquele momento, como se as horas não estivessem limitadas. No fundo, nem metade se fazia mas bastava a alegria e excitação ao combinar os pormenores, que funcionava como se tivesse sido feito, ou melhor ainda! Ir a casa do amigo, levar uma prenda como se de um tesouro fosse, brincar com as suas coisas no seu quarto, mordiscar uns doces, mastigar muitos rebuçados, beber refrigerantes e cantar, em uníssonos, os parabéns. Um momento a abraçar.

Pena que nem todos os meninos continuem a brincar quando se tornam grandes.

*

* *

O Jorge há muito que adormeceu, para a Sofia chegou a hora. Despede-se de todos mas quando a mãe regressa vem, como sempre, com um recado. A novidade, desta feita, é quem foi escolhido.

- Lúcia, a Sofia quer que a tia nova lhe vá dar um beijinho.

Contente, de imediato se dirigiu ao quarto, o que foi logo aproveitado por todos para me darem a sua opinião, chegando-se um pouco para a frente para poderem falar mais discretamente.

- É amorosa! Está mesmo bem para ti! – Declarou a Vanda.

- É impecável, é! – Concordou o Leonel.

- Sem dúvida! Encantadora! – Acrescentou o Gaspar.

- Olha Miguel, em relação àquela nossa conversa noutra dia, só te posso dizer e apesar de apenas a conhecer há pouco, correndo o risco de juízos precipitados, que tinhas razão, é mesmo querida! – Confessou a Ana para logo desviar a conversa pois a Lúcia regressou – então fui à loja e encontrei o que pretendia e a bom preço!

Claro que a Lúcia entendeu que falavam dela mas, logicamente, fingiu que não percebeu.

Mais conversas, mais petiscos, mais risos, mais bebidas e eis que chega o momento sempre esperado da noite, a eleição do próximo responsável. Percebemos isso quando vimos o Gaspar ir buscar a célebre caixinha dos desafios.

- É agora! – Exulta o Leonel.

- Pôr a cabeça no lugar, a esta hora, já não é fácil – Reconhece a Ana.

O Gaspar apercebeu-se da curiosidade da Lúcia e gracejou:

- Isto não dói.

- Pouco...! – Acrescento.

- Ok! – Começa o Gaspar – Vou-te explicar as regras. A Ana, no nosso primeiro jantar e num claro acesso de demência...

- Obrigada, obrigada! – Agradece divertida, fazendo vénias.

- ... apareceu com esta caixinha, que tinha acabado de comprar, com nada mais nada menos do que cem cartões, todos com um tema. E para partir a cabeça de cada, lembrou-se que todos os anos tirávamos à sorte um, desenvolvíamos a frase e votávamos, no final, naquele que melhor se saiu.

- Já saíram desde temas fáceis a outros bem mais complicados – Reconheço.

- Por exemplo, o do ano passado – Interrompe o Leonel, já não conseguindo conter o riso o que logo contagiou os restantes, para embaraço do Gaspar.

- Se lhe contam isso, lá ficará com má ideia minha.

- O problema – digo eu – é que nem conseguimos reproduzir o que disseste! – Viro-me então para a Lúcia – A questão era um jogo de palavras entre o passado, presente e futuro. O bom do Gaspar começa então a dissertar sobre que não há presente, pois o actual já é passado mal se pensa nele e o futuro imediato seria presente se não passasse logo para o passado. Perante o nosso ar a tentar compreender tanta filosofia a hora tardia, começa a rebuscar exemplos, a meter as mãos pelos pés, a falar mais de cinco minutos sem ninguém, inclusive ele, perceber bem o que estava a dizer, que no final decidimos dar-lhe o voto pelo ridículo esforço.

A risada é geral, só pela recordação da cena. À Ana até lhe vêm as lágrimas aos olhos. O Gaspar finge seriedade.

- Mas valeu ou não?

Já que estou numa de saudável picanço, continuo.

- Para não falar da cara que o Leonel fez há dois anos...

- Agora é para o meu lado! – Simula que esconde a cabeça atrás do guardanapo.

- O tema – esclareço a Lúcia – era sobre o que mais admirava no sexo oposto. Imagina a Vanda a olhar para o marido e responder com ar muito sério «o que mais admiro no sexo oposto? O não fazer nada!». Só lamento é de não ter tido uma máquina fotográfica para apanhar a expressão do Leonel.

- Mas... – a Ana faz uma ligeira pausa para prender melhor a atenção de todos – ...nesse dia, eu e a Vanda ficámos de tal maneira agradadas contigo que tivemos que te dar logo a vitória!

- Não foi só a frase, mas o ar sincero, crente e romântico com que ele disse isso – Concordou a Vanda.

- Ao tema sobre o que mais admirava no sexo oposto, ficou com uma expressão sonhadora, um olhar flamejante e disse: – A Ana endireita-se como quem vai discursar – Haverá algo de mais encantador e belo que o sorriso franco e alegre duma mulher?

- E as tolas foram logo votar numa lamechice dessas! – Lamenta o Leonel, abanando a cabeça.

Fico a olhar para ele, pensativo, até concluir:

- O ser humano é muito curioso! Vive de e para o amor, mas quanto a palavras, actos ou histórias relacionadas, pensa logo em termos como piegas, lamechas, etc. Deve ser o eterno complexo do modelo masculino, um duro!

- Tu é que tens razão – aponta-me a Vanda – estamos contigo!

- Pudera! – Concorda o Leonel – Ele só defende as mulheres, não hão-de estar com ele... Não achas, Gaspar?

O Gaspar, a apreciar a conversa bem disposta, refugia-se no seu riso bonacheirão que contrasta em absoluto com o seu ar sério e compenetrado, exemplo vivo de como uma primeira impressão pode ser tão falsa.

- Estava aqui a pensar para os meus botões que – afagando a barba – para isto ter mais sal, temos que ponderar todos... – olha então para a Lúcia, simulando o olhar dum professor que quer amedrontar o aluno antes da pergunta que vai decidir a passagem, ou não, no exame – ...se vamos aceitar que a Lúcia passe a fazer parte da nossa, digamos, confederação, agora que já a conhecemos melhor.

Os claros e concertezas vêm apoiar a sua proposta pretendendo, com a brincadeira, demonstrar o quanto a estão a apreciar.

- Então, quem concorda na entrada deste novo elemento para o nosso grupo, erga o braço.

Quatro braços dispararam para o tecto.

- Só estou a contar quatro... – Admira-se o Gaspar.

Todos olham em redor tentando descortinar o braço em falta. Era eu! Fazendo ar de distraído, lá o levanto, exclamando:

- Estava mesmo na lua...

- Oh! – A Lúcia acompanha a sua interjeição com uma cotovelada no meu braço, para gozo geral.

- Cumpridas as formalidades, passemos à acção – O Gaspar baralha bem os cartões e retira um. Lê-o, olha para todos prolongando o suspense e retira o primeiro papel, pois a ordem pela qual cada um fala também é sorteada. – Tema: O que gostaria de manter ao longo da sua vida?

Faz-se silêncio pois cada um já está a estudar a sua resposta.

- E o primeiro é... o Leonel.

- Bom... o que gostaria de manter... era a minha cabeça! Ou seja, manter sempre a lucidez. Assusta-me ficar mentalmente afectado, sem controlo dos meus actos.

Um ar concordante voou pela mesa.

- Ana!

- Ai! Hoje não estou inspirada. – Decide-se então pela brincadeira – Olha, o desejo de qualquer mulher, gostaria de manter a minha beleza, a minha juventude, sem conhecer rugas e essas coisas horrorosas... Ah! E ter sempre saúde!

- Miguel...

Fico um pouco pensativo, o tema deu-me para a nostalgia.

- Vou aldrabar um pouco o tema e em vez de “manter” vou alterar para “ter mantido”. Porque o que gostaria efectivamente de ter mantido era o contacto com aqueles com que me cruzei na vida e me marcaram. Tanto na infância como, especialmente, na adolescência. Houve boas amizades, bons momentos, recordações ternas que partilhámos e, entretanto, nada mais se soube. Às vezes penso que gostaria de ter um qualquer computador com poderes de me elucidar o que tem sido a vida de cada um. Saber onde estão e vê-los, abraçá-los, trocarmos experiências de vida. Com alguns, provavelmente, já me cruzei sem nos reconhecermos, quando temos algo que nos ligou. Sei que a nossa memória pode ser falsa, valorizamos em demasia o bom ou o mau, alterando inconscientemente a verdade da situação e forçando algo que, pela acção de se acreditar, quase que transformamos em verdade. Não é

possível, especialmente numa altura em que o tempo livre é ouro, convivermos com todos mas... também não é este corte! E basta-me olhar à volta da mesa para saber que alguns se recordarão de nomes como a Júlia, Túlio, Isabel, Chico, Bela, Pacheco, Maria João, e muitos mais que não me vêm agora à cabeça. Com alguns, até poderia ser uma experiência frustrante, mas era isso que gostaria de ter mantido, ou melhor, não ter perdido.

O silêncio instalou-se por momentos, enquanto fervilhavam nomes e recordações que contagiei ao grupo. O primeiro a reagir foi o Gaspar.

- Sem dúvida um tema tocante que mexeu connosco mas que, lamento, foge do pretendido. Em todo o caso, excelente discurso! E agora, segue-se a estreia da Lúcia!

- Manter este momento! – O seu olhar percorre a mesa, descortinando se necessita de dar mais explicações, para acrescentar – Evitando estar daqui a uns anos a lamentar-me das relações que perdi. Além de que é uma altura muito especial para mim, namorando um homem tão querido como o Miguel. Feliz como estou, só pretendo manter este momento de sonho.

Arrancou aplausos dos restantes e um sentido beijo meu.

- Uau! Que estreia! – Lê outro papelinho – Agora sou eu! – Endireita-se melhor na cadeira, como quem vai receber mais inspiração por tal – Com a família que tenho, uma mulher adorável, umas crianças encantadoras, acompanhado de uns amigos como os que estão aqui, não é difícil imaginar que só quero ter a felicidade de manter esta situação.

Mais aplausos.

- Bom, fiquei para última, o que é uma dificuldade extra pois já se disse quase tudo e não seria muito correcto copiar alguns. Portanto, o que me resta? – Interroga-se a Vanda, denotando não estar com muitas opções – Já se falou em manter a saúde, os amigos, a família... olha, resta-me desejar manter a estabilidade económica, o que nesta altura de crise e falta de emprego, não é assim um desejo tão em vão.

Arranca também acenos concordantes. O Gaspar distribui então os papéis de voto. A sua rápida devolução faz supor que não houve grandes hesitações. Desdobra o primeiro voto e...

- É a chamada sorte de principiante! Primeiro voto para a Lúcia.

- Ah! Estão a ser simpáticos comigo!

- Sim quê? Olha que isto é demasiado importante para simpatias e favores! – Goza a Ana.

- E o segundo voto vai para...apesar de não ter cumprido as regras, ainda alguém lhe deu um voto, Miguel.

- Vai tudo para o casalinho? – Interroga-se a Vanda.

- Parece que sim – Responde o Gaspar já com o terceiro voto aberto – Lúcia! Neste momento, a meio da votação, Lúcia dois votos e Miguel um. Novo voto e agora o eleito é... olha, sou eu! Com isto, faltam apenas dois o que significa que se a Lúcia tiver um só voto a mais, vence.

É notório que uma onda de simpatia pela Lúcia baila pela mesa.

O Gaspar vai abrir o quinto papel e...

- Será a vitória da Lúcia? O voto vai para... mim outra vez.

- Reviravolta no marcador! A emoção ao rubro! – O Leonel arma-se em relator.

- Ponto da situação enquanto não abro o último papel, Lúcia e eu dois votos, Miguel um. Três hipóteses: ou o voto é para a Lúcia ou para mim e teremos já vencedor, ou, segunda hipótese, o voto é para quem ainda tem zero e eu e a Lúcia iremos a desempate, ou, terceira e mais complicada hipótese, o voto vai para o Miguel e teremos um inédito empate a três!

- Seria a primeira vez! – Aproveito para esclarecer a Lúcia – O desempate processa-se com novo tema para os primeiros, até se encontrar um vencedor. Uma vez foram necessários três cartões entre a Vanda e o Gaspar!

- Tam tam! And the winner is... – O Gaspar rasga um sorriso de orelha a orelha e anuncia – Lúcia!

As palmas ecoaram pela sala.

- Mais baixinho que ainda me acordam os miúdos! – Roga a Ana, já a imaginar as confusões que se armam quando uma criança pequena é interrompida no seu sono profundo.

- E daqui a um ano onde estaremos?

A questão lançada pela Vanda é boa. Os olhares convergem para a Lúcia que, por seu turno, se fixa em mim. Sorri, encolhe juvenilmente os ombros e responde:

- Temos um ano para decidir onde será, não é?

A nossa cúmplice troca de olhar não passou despercebida aos restantes.

Já sentados nos sofás, o serão continuou sem ninguém se querer lembrar que amanhã (já hoje...) é dia de trabalho. Mas também é só um dia. Pena que nenhum tivesse tirado esta sexta para ponte.

Enquanto discutia um filme com a Ana, sintonizei a conversa entre a Lúcia, a Vanda e o Gaspar. A Vanda perguntava à Lúcia se os seus pais não reagiam mal à diferença de idade. Porque haveriam de reagir, pensei para os meus botões. É curioso e por mais estranho que possa parecer, mas ainda não os conheço. Nunca calhou. A resposta da Lúcia deixou-me um pouco de sobreaviso.

- Ainda não o conhecem, mas isso ir-se-á resolver agora, por acaso ainda não o disse ao Miguel. Claro que ficaram um pouco preocupados, o eterno medo dos pais que alguém se esteja a aproveitar da filha querida. Mas a minha mãe, só pelo que lhe tenho contado, já gosta dele. Imagina quando o conhecer...

- O problema é o pai, não? – O Gaspar bem se esforçou por falar baixo mas, felizmente, tenho bons ouvidos e uma grande capacidade de estar numa conversa e captar outra.

- Sabes o que é? O meu pai gosta demasiado de mim, sou a sua menina, e fica receoso que me magoem.

- Eu posso compreender, apesar da Sofia ter apenas oito anos, mas imaginando-a com a tua idade e se me aparecesse com um que eu não conhecesse e fosse treze anos mais velho, naturalmente que me assustava! Mas vais ver que, quando conhecer o Miguel, muda logo.

- Esperemos.

Esta sua resposta ainda me deixou mais surpreendido. Estamos tão entretidos um com o outro que nem lembrei da família. Irão inventar problemas? Não estou para ser posto em dúvida, que raio! Já não sou nenhum menino para passar por essas tretas. Bom, como dizem os orientais, se o problema é para amanhã porquê preocupar-me hoje? Mas que fiquei com a pulga atrás da orelha, não posso desmentir.

Quinze tracinhos preenchidos em cima das três. Hora das despedidas. A Lúcia fala para a geral:

- Só vos consigo dizer que adorei! É lindo como mantêm há tantos anos esta bonita amizade.

- Como podes ver – responde o Gaspar – até temos muitas diferenças, mas o nosso segredo está exactamente em haver, além de uma profunda amizade, um grande respeito e admiração. Só assim se conseguem amizades duradouras.

Bonita a maneira como a Ana se despediu da Lúcia:

- Que continue tudo a correr bem convosco. Porque, minha querida, ele merece!

No caminho para sua casa, os seus elogios eram constantes. Aproveito para responder à sua dúvida na ida.

- Ouvi, há umas horas atrás, alguém perguntar «achas que irão gostar de mim?»...

Colocou a sua cara de lado, encostada ao apoio da cabeça, fitando-me docemente.

- Não me olhes assim que não quero contribuir para o aumento da sinistralidade. Nunca ouviste dizer “se conduzir não olhe para caras bonitas”? – Alerto.

Um apito abafado interrompe a conversa.

- Não acredito! – Exclama.

- O que foi?

- É este meu telelé que deve estar a dar as últimas. Ainda hoje à tarde o carreguei e já está com a bateria fraca.

- Deve estar viciada.
- Também, se der o berro, compro outro. A bateria custa quase o mesmo.

- Ganda louco! Viste o que aquele gajo fez?
- Mas que susto! Isto de noite está cada vez mais perigoso! Andam muito acompanhados...

Calámo-nos por um pouco para deixarmos as pulsações acalmarem. Até que a Lúcia interrompeu o silêncio.

- Namoradinho?
- Sim...
- Não tens nada para sábado ao jantar, pois não?
- Se tu o dizes, não tenho mesmo.
- É que a minha mãe – logo corrige – os meus pais, gostavam que fosses lá.

- Sim?
- É que, realmente, não tem lógica. Tu por um lado, os meus pais por outro, ou seja, as pessoas mais importantes da minha vida e não se conhecem.

- E tem que ser mesmo jantar? Não dará muita trabalhadeira?
- Como bons portugueses, tem que ser sempre à mesa! Estou a brincar, mas até tem lógica, temos que comer todos os dias...
- Podem contar comigo, claro.

Noutras circunstâncias, encararia melhor e pensaria que os pais da Lúcia só poderiam ser excelentes pessoas. Mas depois do que ouvi, fiquei um pouco desconfiado.

Não! Não posso cair em julgamentos antecipados. Para mais, seria injusto.

Chegámos. Um prolongado beijo marcou a nossa despedida.

Ainda com o seu sabor nos lábios, fiquei a admirá-la a dirigir-se para casa, dado que parei o carro mesmo em frente ao portão.

Como é possível que a perfeição dum corpo atinja um tal esplendor?

Cada curva sua é como uma fantasia tornada realidade.

Um sonho de mulher tanto exterior como interiormente.

Entrou em casa, mas a sua sombra ainda ficou a bailar nos meus olhos. Flutuo ao seu ondular.

Amo-te.

Amas-me.

Tudo é perfeito!

9

A culpa é sempre do mordomo

Cheguei à hora combinada. A Lúcia devia estar atenta pois mal saí do carro já estava no portão.

A família Ferreira vive em Caxias, numa moradia de aspecto exterior muito simpático. Desde o portão até à porta distam uma dúzia de metros por um caminho central, ligeiramente a subir, ladeado por pedras brancas que o separam duma relva bem cortada e com o verde em plena pujança. Junto aos muros laterais existe um espaço para flores que, pelo cuidado com que estão arranjadas, explicam que há alguém que lhes é dedicado. A porta está a meio da casa, tendo de cada lado janelas de corpo inteiro que a deverão tornar soalheira. O primeiro andar é mais recuado, pelo que há espaço para telhas negras até às suas varandas.

- Vais tocar num ponto sensível da minha mãe – Aponta para o bonito ramo que lhe trago.

Abre a porta e grita:

- Pai! Mãe! Já chegou.

Não deveria, nem é normal em mim, mas não me sinto à vontade. Não poderia ter ouvido aquela conversa, dado que me está a influenciar negativamente.

Chega o casal e as apresentações. O pai chama-se David Ferreira, tem cinquenta e dois anos, cabelo ondulado a querer esbranquiçar e devia ter estado a ler pois olha-me por cima dos seus óculos, presos na ponta do nariz. O cumprimento foi demasiado formal, pareceu-me mesmo descortinar um olhar desconfiado. Exactamente o oposto da afável reacção da mãe, Maria Luísa, uma senhora elegante e cheia de classe, bonita há cinquenta anos, cabelo acastanhado salpicado com madeixas, uma pele clara muito bem tratada e duma simpatia contagiante. Ficou notoriamente agradada quando lhe ofereci o que trazia com todo o cuidado, um ramo de flores tropicais composto fundamentalmente por orquídeas brancas e antúrios vermelhos, num arranjo simples e belo em perfeita harmonia com o seu ar sereno e elegante.

- Ora aí está algo que os jovens de hoje já não fazem, oferecer flores.

Será impressão minha ou o seu pai já começou a alfinetar? Reparo que a frase também não agradou à Lúcia, o que me indicia que não seja um tema novo.

De imediato, e numa perspicaz visão diplomática, a mãe sugere que entremos para a sala. Espaçosa, bem arranjada e funcional, com clara divisão entre uma área para usufruir confortavelmente a televisão, vídeo e DVD e outra onde predomina uma larga mesa, já com cinco lugares postos.

David, a tentar esforçar-se mas continuando com a cara fechada, dirige-se a um clássico carrinho com bebidas, oferecendo-me uma. Só que a bebida que encheu o copo não deu para quebrar o gelo que se criou entre nós.

Um puto de roupas largas, boné NY, ténis pretos, de calças quase a cair e rodeadas de largos bolsos (dread, segundo julgo saber), irrompe pela sala disparando com um à-vontade semelhante à irmã:

- Oi! Tu é que és o meu cunhado?

É o seu irmão Carlos, mais novo quatro anos. Apesar de ser a primeira vez que o vejo, já é velho conhecido pois a irmã gosta imenso de falar dele, dado terem uma relação muito especial de dois verdadeiros compinchas. Aparenta ser aquilo que tenho ouvido, um rapaz impecável.

O olhar contrariado do pai, demonstrou que não apreciou o tratamento amigável com que o filho me presenteou. Creio que por ter utilizado a palavra cunhado.

Como chefe de família lá se sentiu na obrigação de fazer as honras da casa. A espécie de interrogatório começou.

- Então o Miguel faz o quê?

Como se não soubesse já mas, tudo bem, é só para fazer conversa. Lá expliquei as minhas funções. Fingiu-se interessado e fez algumas perguntas amadoras. A Lúcia regressou e encostou-se a mim. Normalmente colocaria o braço sobre os seus ombros, mas sentia-me preso. O que também me incomodava, pois este não estava a ser o habitual Miguel. E de quem a culpa? David, pela frieza e desconfiança? Ou minha, que também não estarei a reagir da melhor maneira e não conseguindo dar a volta à situação? No cinema, entre a dificuldade de escolher um culpado, por falta dele ou por excesso, a saída é fácil, a culpa é sempre do mordomo. Mas aqui, ou atinamos os dois ou a coisa fica desnecessariamente difícil. E a prejudicada será só uma. Faço um esforço para ser mais colaborante.

A mãe chamou-nos para a mesa, oferecendo-me um rasgado e lindo sorriso. Algo que em mim funciona como um poderoso relaxante e indutor de energia positiva.

O David coloca-se à cabeça da mesa, ladeado pela Luísa e pela Lúcia, esta do seu lado esquerdo e comigo a seu lado. À minha frente senta-se o Carlos. Pisca-me o olho.

- Nem com visitas tiras o boné à mesa? – Recrimina o pai.

- Não tens ar de quem se importa, pois não?

Simulo um ar sério, para depois com um riso confirmar que não. Estou a começar a ser eu. Já me sinto à vontade para fazer uma

festa na Lúcia quando olhou para mim. O que não quer dizer que o ar fechado do David não se mantenha.

A Luísa traz, como entrada, algo parecido com aquilo em que os ingleses comem os ovos cozidos (será que se chamam copos de ovos? Não sei, mas tem bom aspecto).

- Boa, mãe! Fizeste caixinhas de ovos com camarão – Contenta-se o Carlos e esclareço-me eu.

Estava excelente e transmito-o à Luísa que, diga-se de passagem e correndo o risco de me repetir, é uma mulher muito interessante. Já descobri onde a filha foi buscar tal beleza.

- Quer que lhe explique como se faz? É fácil, cozem-se os ovos, partindo-se ao meio no sentido da largura, retirando-lhes as gemas, que são amassadas, juntando-lhes manteiga fresca, camarões cozidos aos bocadinhos e salsa picada. Tem é que se tirar um bocadinho à parte inferior dos ovos para se poderem colocar direitos. Enchem-se as cavidades com a massa dos camarões, sendo os intervalos preenchidos com molho tártaro. Fácil!

- Cozinha é?

Lá fazer perguntas, faz, mas que o David podia esforçar-se por colocar um ar minimamente simpático, podia.

- Que remédio tenho! Mas nunca a conseguir fazer delícias destas.

- Pois, tem que se desenrascar. Recorde-me, é divorciado ou viúvo?

Porra! Até nisto teve que ser sarcástico. A filha responde-lhe de forma contrariada, por ser um dado já conhecido e não entender o porquê da provocação.

- Divorciado, andas muito esquecido...

A força que fui buscar para fazer frente a esta provação, vai-me abandonando. Olho em frente, evitando morder os lábios. O olhar cruza-se com o Carlos que esboça solidariedade, desculpando-se, à sua maneira, da atitude do pai, que é a excepção à regra de simpatia desta família.

*
* *

O eterno julgamento. A escola, o estudo. O menino feito rapaz. O rapaz ainda menino. Bem ou mal? Esforço ou brincadeira? Aperta ou larga? Insiste ou cede? Ri ou chora? Ama ou odeia? As tentações a cercarem. O sentido de justiça a impor-se. A sensação de observação sempre a atacar. A cabeça cheia mas continuamente posta à prova. A pressão do resultado. Ai! O medo, as dúvidas, a inevitável queda.

*
* *

A Lúcia já me tinha falado nesta especialidade da mãe e tinha toda a razão, dado que o bacalhau com natas está divinal. Mais uma vez elogio a cozinheira. O sacana limitou-se a um «não está mau». A Lúcia olha para a mãe que, com o olhar, lhe suplica calma. Entendo que ele não costumará ser assim, mas não poderei ter uma chance?

Disfarçadamente, a Luísa dá-lhe um toque com a perna. Entreolham-se e compreende que terá de fazer mais conversa. Nesta, não teve culpa mas infelicidade por desconhecimento do tema que escolheu.

- E os seus pais? Moram ao pé de si?

- Oh pai! – Lamenta-se a Lúcia.

O seu semblante altera-se.

- Não me diga que já pus a pata na poça...

- Não, não sabia, mas os meus pais já faleceram.

- Lamento.

Depois duma pequena pausa, a Luísa questiona:

- Já foi há muito, Miguel?

- Fez em Janeiro dois anos.

- O pai ou a mãe?

- Os dois – Ajuda-me a Lúcia.

Perante o ar interrogativo da Luísa, relato o drama. Antes de poderem pronunciar palavras de circunstância, remato com o que me conforta.

- No fundo, cumpriu-se o desejo do meu pai, só que demasiado cedo. Formaram um casal inseparável e eternamente apaixonado. O meu pai sempre afirmou que só pedia que desaparecessem os dois em simultâneo, já que seria insuportável a vida de cada um sem a presença do outro. Não imaginaria era que sucedesse quando ainda tinham tanto para dar, tanto para viver. Tinha sessenta e dois anos e a minha mãe sessenta. Fazem-me muita falta!

Pela primeira vez, vi um rasgo de simpatia por parte do David. Porque será que só na inevitabilidade as pessoas condescendem?

A Lúcia levanta-se dizendo que agora é a vez dela, dado que foi quem fez a sobremesa.

- Tem jeito para isso – confia, orgulhosa, a mãe – e hoje fez questão de se esmerar.

Regressa com uma vistosa tarte de ananás coberta com morangos e kiwis.

- Hum, que aspecto querida!

- Feita com muito amor!

- Serves todos? – Corta rente o pai, que não consegue esconder o desagrado pelos mimos trocados.

Mais do que a comida, vou-me enchendo de contrariedade, frustração, raiva. Tento a enésima tática para me acalmar. A imaginação começa a dar as últimas. Mais um esforço. Olho para a Lúcia na ânsia de me abrigar num porto que me salve da tormenta. O que vejo é outro alguém à deriva. Tinha esperança que, à medida que me fosse conhecendo, o seu pai começasse a renunciar às desconfianças. Porém, o inverso vai reinando. Porquê? Não consigo encontrar uma explicação lógica. A Lúcia sempre me deu a conhecer um pai coerente, racional, amigo, que acompanhou o seu crescimento sem ficar preso a idades passadas. Se a trata como adulta que é, porquê recuar agora? Já passei por essa fase de melindres e cuidados envergonhados. Já dei para esse peditório e

não tenciono recuar no tempo, quando tenho a minha personalidade noutra estádio de desenvolvimento.

Com o ar a querer atraíçoar-me, recebi uma lufada fresca com mais um belo sorriso dado pela mãe. A Luísa é a única, neste momento, a dar bom uso à inteligência emocional. Nada lhe está a escapar e tudo faz para remediar.

Fazendo o inventário daquilo que guarda negativamente na sua memória, David lança um tema enterrado para agredir a Lúcia.

- Sabe uma coisa que nunca compreendi? O facto da minha filha não ter escolhido ir para a universidade, preferindo começar logo a trabalhar.

- E isso vem a propósito de quê, pai?

- Quero saber a opinião do Miguel, só isso.

- Bom, foi uma opção sua, numa altura em que ainda não a conhecia, mas que posso compreender, tal como se tivesse sido a inversa. À partida, ter um canudo pode ser benéfico, mas também não querer significar nada, dado que há muito boa gente diplomada sentada na caixa dum qualquer supermercado, sem algum menosprezo por essa profissão, muito longe disso. Hoje ainda estaria a estudar, quando neste momento já é detentora dum boa experiência e dum lugar efectivo. Tudo tem o seu lado positivo e negativo. No entanto, será sempre de sublinhar um aspecto a louvar, o facto de querer ter a sua vida, lutando por isso, quando a moda actualmente é o arrastar na universidade, às custas dos pais, onde permanecem letargicamente sem sentido de responsabilidade e capacidade lutadora. Uma razão, entre muitas, para ficar orgulhoso da filha que tem, como tão bem sabe e se nota.

Esta foi bem metida.

Mas insiste na defesa da sua dama.

- Não estou assim tão convencido que não seja fundamental o canudo, como disse. Recordo-me, algo que a Lúcia não viveu mas que o Miguel também se lembrará perfeitamente pois é mais do meu tempo – mais uma... – que após o 25 de Abril o descrédito das

faculdades foi total. Hoje é diferente, para se ser alguém tem que se ser dono dum.

O meu silêncio não foi concordante, mas sim de quem já proferiu a sua opinião e de não ver necessidade de prolongar esta inútil conversa. O mesmo não se passou com o David, que aproveitou o balanço para aquilo que pensou ser a estocada final na sua solitária luta.

- Lembro-me de tudo como se tivesse sido ontem e já passaram quase trinta anos! Quase tudo mudou. Tanto de positivo, como de negativo. Algumas coisas em simultâneo, como por exemplo o divórcio. Se não fazia sentido a sua não autorização, hoje em dia também é incompreensível o seu disparo, onde quase que se casa à experiência pois, se não der, divorciam-se. Fácil! Exageradamente fácil!

Que tem razão, tem, o que não faz sentido é ser apenas para me atingir. O que o leva a poder pensar isso de mim? O que conhece da minha vida?

- E sabe que mais? – Ainda não se calou... – Quem cai num, tem grandes hipóteses de recair.

Felizmente que a Lúcia não ouviu esta última, tinha ido buscar o casaco. Não sei se com esta gota não explodiria. O meu copo já extravasou há muito, mas também entrei numa de “Queres bater? Força! É fartar, vilanagem!”.

Evitando que se faça mais sala, a Lúcia informou que íamos sair. Nada temos combinado, mas algo se arranjará. Já será tarde para uma sessão cinematográfica e o tempo também está incerto para passearmos por aí. Ou iremos a algum bar ou a minha casa.

Felizmente que a Lúcia, embora por uma má experiência, não gosta de ir a discotecas. Isso poderia ser uma hipotética diferença entre nós, pois já não tenho paciência para o exagerado barulho e confusão, preferindo bares sossegados e acolhedores. Acontece que a Lúcia recusa-se a entrar numa discoteca desde que há uns três ou quatro anos, e sem saber porquê, deflagrou junto a ela uma zaragata. Uma sua amiga, que estava mesmo ao seu lado e também

não tinha nada a ver com o assunto, levou com uma garrafa na cabeça, sofrendo uma recuperação problemática. Só por acaso não foi a Lúcia.

Hora da despedida.

O pai foi frio.

A mãe muito querida.

Como sempre, entendo-me melhor com as mulheres. Bom... dizer isto é não estar a ser justo com o irmão que se despede de forma divertida:

- Gostei de ti, pareces-me um tipo bacano!

- Eu já gostava de ti, graças à tua mana.

Ao transpor a porta, senti como se despisse um colete-de-forças. Mas tal não me trouxe liberdade. Continuei preso à raiva, sem me aperceber que quem estava ao meu lado esperava uma reacção ternurenta e não este silêncio sorumbático. E nunca por nunca que fosse vítima da minha explosão.

O estrondo da porta do carro detonou a minha ira.

- Mas que merda foi esta?

Para a Lúcia, a hora era de receber carinho e compreensão (algo que até faço bastante bem) e não este tom severo e magoado.

- Calma, amor. Não tenho culpa!

- Olha, quem não tem culpa sou eu! Já não tenho idade nem paciência para estas fantochadas!

- O que é isso de não teres idade? – Lógica e naturalmente, a sua voz também ganhou outras proporções.

- Não admito ser posto em dúvida! Já não sou nenhum menino para ter que passar por um exame paternal!

- Ah não? – A sua voz tornou-se ameaçadora – Quer queiras ou não, ele é o meu pai. Que hoje se portou muito mal, é verdade não nego, mas agora quem está a ser infantil és tu!

- Ah! Eu é que estou a ser infantil?

- Claro que sim! A idade não te dá nenhum estatuto que te ilibe de lutas por mim.

A sua voz demonstra toda a injustiça que as minhas palavras lhe provocaram.

- Sabes que mais? Não sou fácil! Se à primeira contrariedade que te aparece reages assim...

Começo a cair em mim e no que o descontrole provocado pelo exagerado controle me causou.

- Se não sabes lutar por mim, esquece-me!

Sai, fechando com violência a porta.

- Lúcia! – Mal consegui balbuciar o seu nome.

Fui esmagado por todo o peso do mundo, num estrondo insuportável.

10

Já não devia chover nesta altura

Não sei como cheguei a casa.

Nem me lembro do caminho.

Guiei como um autómato.

Todos os meus sentidos afluíam para a frase

“Se não sabes lutar por mim, esquece-me!”

Deixei a ira possuir-me.

Fui injusto, tremendamente injusto para a Lúcia.

A sua reacção terá sido uma estalada que se dá a quem tem que sacudir o histerismo, ou foi plenamente convencida e terminal? Não! Não acredito! Não se estragaria uma relação assim por isto... mas não posso omitir a palavra *esquece-me*. Claro que a frase começou com se, mas... não estou com capacidade analítica.

Telefone-lhe?

Será melhor não?

Pego no telemóvel. Parece que me queima a mão, tal a hesitação e o receio.

“Se não sabes lutar por mim...”

Claro que sei!

Ligo.

Estava desligado!

Sou obrigado a deitar-me sem lhe poder dar uma palavra, sem poder exprimir o que o meu apertado coração anseia.

As horas passam.

O sono não me faz a sua visita diária.

Só visualizo uma bola branca à minha frente.

Estou em choque.

Estarei a exagerar?

Não passou de uma mera discussão, não foi?

Isso acontece!

Estou demasiado confuso para entender o que quer que seja.

As horas passam.

A manhã trouxe-me alguma luminosidade.

Ando demasiado sensível a discussões pelo que me recordam da relação com a Rita, mas agora é diferente. Houve uma azeda e desnecessária troca de palavras em virtude do estado de nervosismo a que nos deixámos entregar. Mas nada de tão trágico como ontem desenhava.

Para me reorganizar, irei tomar um relaxante banho e de seguida ligarei à Lúcia. Tudo se resolverá com umas apaixonadas palavras, como só poderá acontecer numa relação tão bonita como a que temos.

Deixo-me tentar por um banho de imersão para melhor libertar a tensão, fazendo flutuar os membros como se estivesse a voar. Se de seguida não fosse obrigado a limpar, até chapinharia um pouco. A ordem é ver-me livre de toda a força negativa que me tomou ontem, transformando-a em sinal contrário. *May the force be with me!*

Consideravelmente mais calmo, telefono para a Lúcia.

Imediatamente foi para o voice mail.

Estranho! Muito estranho!

Já são dez e vinte e ainda não ligou o telemóvel?

la, com o Carlos, passar o dia a casa duma amiga, para a ajudarem na mudança de apartamento. Liga o telemóvel assim que se levanta, como boa filha desta geração, e, tanto quanto me lembro, iria logo às nove.

Mau! Retrocedo na minha recuperação anímica.

Até pode ser que esteja num sítio sem rede. Já tentarei mais logo.

Como hoje iria estar sozinho, pensava começar a definir melhor o meu livro. Tenho elaborado um esboço mental que começa a tomar forma, faltando apenas um pequeno clique para preencher de caracteres negros as folhas em branco. Só que não será neste dia, porquanto tenho a cabeça cheia de nada e vazia de tudo.

O melhor será arrumar a casa.

Ponho no leitor um CD do Vangelis.

Onze e meia, nova chamada. Voice mail a responder.

A sala já está, vou para o quarto.

Doze e quarenta. Mesmo resultado.

Não tenho apetite mas vou cozinhar algo, pois a nossa rotina diária assim o obriga.

Duas da tarde. Já céptico e a medo, teclo o seu número. Mal ouvi a mensagem de voice mail, desliguei frustrado.

Pensei melhor e tornei a ligar para deixar mensagem.

- Querida, quando puderes liga-me. Um beijinho.

Bah! Nunca gostei de falar para máquinas.

Não é normal que esteja este tempo todo sem rede.

E se estivesse sem bateria, já o teria carregado.

Não quero pensar mais, pois tudo aponta para, deliberadamente, querer ficar incontactável.

Resta-me esperar se responde à mensagem.

Altura para terminar a lida da casa. Até essa não tem sido perfeita.

Toca o telefone. Quase que voo.

- Estou?

- Olá maninho!

Frustração! É certo que não era o *Lucy in the sky with diamonds*, mas poderia estar a ligar doutro número. Sempre adorei falar com a Ana, mas desta vez tenho que forçar.

- Tudo bem?

- Tudo! E a Lúcia está boa?

Como gostaria de saber!

- Sim, tudo bem.

- Que voz é essa?

Não quero contar. Talvez me ajudasse, mas não quero.

- Estou aqui com um problemazito a arranjar uma coisa em casa.

- Estás sozinho?

- Sim, hoje a Lúcia ia ajudar uma amiga a mudar-se e estou a aproveitar para pôr a casa em dia.

- Como eu. Com o dia que está nem dá para sair. Já não devia chover nesta altura...

- É!

- Bom, era só para saber como estavas. Um beijinho.

- Muitos!

Parei um pouco a olhar para o telemóvel.

A Ana tinha razão.

Já não devia chover nesta altura!

*

* *

Enquanto o avô dormia na varanda, o menino brincava com a Isabel e o Júlio. São filhos da sua tia, irmã do pai, mas o menino nunca se lembra bem se se diz que são sobrinhos, primos ou qualquer outra coisa. São é uns amigos danados para a brincadeira.

Tinham ido passar o sábado a casa do avô, a recuperar duma operação e que, em virtude disso, usava umas muletas.

Com a avó a arranjar o lanche, lembraram-se de ir esconder as muletas do avô, que a ressonar como estava, não iria dar por nada.

Operação executada na perfeição, apesar dos risinhos nervosos.

O problema foi que o avô teve uma aflição, enquanto todos estavam na outra ponta da casa, comprida como só as antigas eram.

Finalmente a avó ouviu os seus berros.

Depois de resolvido o problema, foi o bom e o bonito.

Quem foi, quem não foi?

O Júlio logo se descartou, a Isabel a seguir, e o menino, apercebendo-se que afinal a brincadeira tinha um reverso para o qual não estavam preparados, fixou no chão os olhos, já lacrimejados, e assumiu as culpas. A avó só exclamava “Valha-me Deus!”.

O avô, com voz de zangado, explicou porque é que a brincadeira tinha sido a parvoíce que foi e que consequências nefastas poderia ter provocado.

A bola na garganta ia aumentando. Mesmo assim, ainda conseguiu balbuciar um sentido pedido de desculpas. Com o exagero típico da infância, perpassou-lhe que nunca se iria libertar desta vergonha, nem ter vontade de se rir mais.

Estranhamente, o avô deu-lhe uma certa atenção durante o resto da tarde e quando o pai o veio buscar, em vez das queixas que esperava, ainda recebeu um velho carrinho de bombeiros que os três gostavam muito de admirar.

O Júlio indignou-se.

- Ele portou-se mal e leva uma prenda! E nós?

- Se alguma coisa a minha idade me deu, é não me deixar enganar assim tão facilmente! É verdade que se portou mal comigo, mas foi um homenzinho a reconhecer e a não trair os seus amigos. É nestas ocasiões que se cresce um pouco!

No carro, o menino apertou bem na mão a prenda que tinha recebido, enquanto se recordava das palavras do avô dizendo-lhe que tinha crescido. Com orgulho, conseguiu mesmo sentir esse facto dentro de si.

Desconhecia que o crescimento, até ao nosso último suspiro, tem sempre por base contrariedades e desgostos.

*
* *

Cinco da tarde e... nada!

Cansado pela noite clara, deito-me no sofá, olhando para a televisão, sem a ver.

Entro naquele estado que se convencionou chamar de *meio cá, meio lá*.

Os meus fantasmas revisitam-me.

Soltem as amarras. Pelo canal da solidão, em direcção ao mar do sofrimento.

Estou sozinho. Ouço o som das minhas lágrimas. É quando mais preciso que me beijes, abraces, toques, ou simplesmente estejas presente.

O que será de mim, quando deixar de ser eu?

Morrerei sem saberem que existo?

Sentirão a falta?

Terão consciência das minhas capacidades?

Acordo sobressaltado.

A dúvida do exagero.

A pressão das perguntas em catadupa esmaga-me as têmporas.

Sem dúvida que é estranho este silêncio, mas poderá haver uma explicação simples para tal.

Se ao menos soubesse onde mora a sua amiga...

Claro que não irei telefonar para casa indagando. Só se tivesse a certeza que era a sua mãe que atendia... apesar de ser castrante, e não levar a lado algum, o orgulho desnecessário.

Já experimentei a música, agora vou tentar que seja o cinema a desviar as minhas atenções. O que é que a Telecine irá transmitir

hoje? Boa! “Amar em Nova Iorque”. Sempre desejei ver este filme, mas estava fora quando circulou pelas salas. Arranjo uma sandes para me enganar e sento-me em frente ao televisor, esperando ser absorvido pelo enredo, apesar de alertado que irá acabar mal. Nem a propósito, trata-se dum romance entre duas pessoas com uma acentuada diferença de idade, embora bastante maior que a nossa. Ele é Richard Gere, a utilizar todo o seu charme na execução de um papel de eterno sedutor, incapaz de qualquer tipo de compromisso (a história poderia mesmo começar com a frase «Era uma vez um homem que não acreditava no amor») mas que irá sentir pela primeira vez o que é esse sentimento, pela mão da personagem de Winona Ryder, no apogeu de todos os seus incontáveis dotes de expressão terna, querida e duma beleza que beija com doçura os nossos olhos. É costume afirmar-se que não há bela sem senão e o cinema gosta de aproveitar qualquer cliché. É que Charlotte (a personagem de Winona) tem uma doença rara e fatal!

Duas horas se passaram entre jogos de sentimentos e sensibilidade humana e amorosa. Como sabia, o filme não acaba em tons rosa, mas sim a libertar as lágrimas que esperam uma ordem do coração para se soltarem. A quem inventou a frase “real man don’t cry”, contraponho com “real man cry”. Só demonstra que temos sentimentos. Emociono-me, logo existo!

Fez-me bem, muito bem mesmo, ter visto este romance, durante o qual descansei esta ansiedade que me consome. Em que pude pensar em algo mais.

Mas agora, a doce imagem da Lúcia não me larga.

O seu sorriso, a sua alegria, a sua maneira de ser.

Ser parte da sua vida, dos seus sonhos e anseios.

Queria beijar os teus suaves lábios, acariciar os teus cabelos, sentir a tua pele na minha, o teu cheiro a inebriar-me, a nossa compassada respiração aumentando de ritmo e amar-nos, como se todo o tempo do mundo fosse nosso, como se a realidade fosse a eternidade.

Deito-me.

Os lençóis estão frios. Como hoje irão continuar, sem ninguém que os aqueça.

Pego no telemóvel para a última tentativa.

O resultado... é o mesmo.

Precisava de falar contigo.

Não consigo.

Amanhã irei mais cedo, para falarmos antes de entrarmos.

Não quero pensar mais em dificuldades.

Só descansar hoje, para amanhã... só enfrentar... e lutar!

Pai, mãe, onde estão?

Esta ausência antes de tempo penaliza-me duramente.

Precisava de vos ouvir!

Toda a vida careci do vosso apoio. Para nascer, para crescer e, quando pensava que já estava independente, continuar a necessitar do vosso refúgio e dos vossos conselhos.

11

Segue em frente!

Segunda-feira, 3 de Janeiro de 2000.

É o regresso ao trabalho depois da passagem para os anos dois mil.

Passei-a com a Ana e o Gaspar numa noite de muito sossego, não fosse o Jorge ter nascido o mês passado. É giro, agora a Sofia parece mais crescida pela comparação com o irmão. Pensar que já irá para a escola em Setembro!

Ontem estive com os meus pais, que partiram hoje para o Algarve. Para o meu pai foi um acto marcante ter entrado no ano 2000. Não se calava que, em média, entre cada quarenta gerações, só três é que assistem a este facto. Quiseram festejar, mas fugindo à confusão e excessos que a comemoração sempre provoca, por isso decidiram tirar uma semana de férias e ir agora para Lagos para casa dos primos Rodrigues que, por sua vez, vieram cá acima passar o Natal e ano novo e vão todos juntos para baixo.

É curioso como os papéis se invertem. Ontem, eram eles que me alertavam para a precaução, hoje sou eu, mas também costumo

avisar qualquer um que vá por essa estrada. Não é que já lá tenha tido algum problema, felizmente não, mas tenho assistido aí a verdadeiros ensaios de loucura. Sejam ultrapassagens em curvas cegas, seja em recta com carros em sentido contrário que devem à atenção a possibilidade de terem abrandado, travado ou, pura e simplesmente, desviado dum encontro frontal. Nunca mais está completa a auto-estrada que, ao menos, evitaria os embates de duas forças contrárias.

Entro no gabinete. Seja anos mil ou dois mil, nada difere. Nem as pessoas, que costumam fazer promessas ao melhor estilo de “ano novo/vida nova”, para a dois de Janeiro tudo esquecerem... até ao próximo réveillon, num ritual batido.

- Funciona tudo? – Pergunto-lhes, ao notar que estão de volta das máquinas.

- Parece que sim.

A propósito da minha pergunta, o Cardoso enceta com o Pedro uma troca de opiniões cujo tema é o dizer mal de outros sectores, terceiro e último motivo de conversa que possui, para além das de futebol e engate.

- Isto foi tudo para os informáticos se fazerem notar e ganharem uns cobres extras. Sabes que passaram cá o fim-de-semana?

- Também não deve ser agradável. Logo neste...

- Mas a fazer o quê? Estiveram aqui foi a gozar com as nossas caras. Compraram máquinas novas para evitar problemas e ainda quiseram ver se eram mesmo viáveis? Por amor de Deus Pedro, ainda tens pena desses gajos que se vêm na net as mamas a uma gaja, só se preocupam é de quantos pixels tem?

Não há dúvida de que tudo está igual, mas seria de esperar alguma diferença?

- Bom milénio! – Cumprimenta a Rosa das relações públicas, espreitando para o nosso cubículo.

- Estúpida! Não sabes que o milénio só começa para o ano?

- Oh Vasconcelos... hoje, ao menos, podias não ser tão indelicado, ela só quis ser simpática! – Chamo a atenção, em vão.

- Eu sei de que é que ela precisava...

Não há dúvida! Depois destes dias tão descansados, regressei ao reino machão.

Toca o telemóvel.

- Estou?

Estou, alô, sim, tudo serve para atender. Nunca sabemos é o que nos pode esperar.

- Miguel?

Não percebo de quem é a voz, entendo é que é de alguém aflito, assustado, o que faz o meu coração entrar num ritmo de sobreaviso.

- Sim?

- Sou eu, o Vicente Rodrigues.

Ele iria para o Algarve com os meus pais, embora cada um no seu carro. O que faz ao telefone, principalmente com a voz afogueada?

- Passa-se alguma coisa?

- Oh Miguel... tens que vir! Os teus pais tiveram um acidente!

Uma explosão mista de emoções, ansiedade, terror, assalta-me.

- Acidente? Mas estão bem?

- Oh Miguel... é melhor vires!

- Mas posso falar com eles? Estão aí?

Informou-me que tinham ido para o hospital e explicou-me onde era. Mal desliguei, já estava a vestir o casaco. Os três olhavam para mim com ar preocupado.

- Vasconcelos, preciso de me ir embora.

- Oh pá, vai lá.

Com uma passada quase de corrida, saí. Um doloroso pico de tensão tolhe-me os músculos, tolda-me o cérebro. Aliás, nem consigo perceber o que penso, tal a enxurrada de pensamentos que, de seguida, são afunilados num aperto sombrio.

Voei na estrada, pedindo todos os esforços possíveis à mecânica do carro, também ele com um trabalhar nervoso.

Estranhamente, só via era ambulâncias num sentido e noutro. Nos outros dias será assim ou estarei influenciável?

Estou quase lá. À ansiedade de chegar, segue-se o medo do que me possa esperar.

Na volta, tudo não passa dum susto, uns arranhões e uma história para estar sempre a repetir por cada pessoa que encontrarem. Oxalá seja isso!

Ceguei.

Onde são as urgências?

Vejo o Vicente. Atrás a Conceição enxuga os olhos num lenço branco. Quando me vê, irrompe em pranto.

Paro.

Perscruto quem passa à minha volta, como pedindo ajuda, solicitando apoio, para que me digam que isto não está a acontecer, que seja algo onde basta um botão *undo* ou *backward* para tudo voltar atrás e se corrigir o que está mal.

O Vicente aproxima-se.

Apela a todas as suas forças para me comunicar o sucedido.

Não precisou.

O tempo parou.

*

* *

Bem aconchegado nos seus lençóis, que estamos no Inverno e hoje é domingo, o menino adia o ligar a luz, como se ainda estivesse a dormir. Na sua mente de criança vão desfilando uma variedade de pensamentos. De simples brincadeiras a alguns receios seus. Pensa então nesse misterioso desconhecido que dá pelo nome de morte.

O que é? O que irá acontecer se morro?

Um tremor frio percorre-lhe a coluna, quase que o paralisando. Uma sensação insuportavelmente desagradável toma-lhe o corpo e o espírito.

Anos mais tarde ainda recordará o quanto lhe doía nessas alturas, reconhecendo os primórdios de ataques de pânico.

*
* *

Sentado.

Uma dor tão forte que não me deixa chorar.

O Vicente e a Conceição, inconsoláveis, dizem qualquer coisa inaudível, numa tentativa vã de me consolarem.

Alguém do hospital pede-me para identificar os corpos.

Inertes. Ontem cheios de alegria de vida.

Brusco, demasiado brusco para não ser apenas um terrível pesadelo, que apenas espera a hora do despertar para ver que o Sol ainda reina, que os pássaros ainda cantam.

Não pode ser assim! A vida não pode ser algo que se desligue, como quem puxa uma ficha da tomada. Não tem significado, não faz sentido. Um segundo não pode finir mais de sessenta anos.

O ambiente está frio e escuro. Cumpro as formalidades.

O Vicente oferece-me ajuda para tratar do funeral. Com a cabeça parada, estagnada no choque, e ainda ter que discernir do que tem que ser tratado.

Antes, porém, peço-lhe algo estranho. Algo que poderia ser considerado mórbido mas que tenho de fazer. Não ficava bem comigo se não o fizesse. Peço para me levar ao local do acidente.

- Mas para quê?

A Conceição arrasta a frase para me demover, mas o Vicente compreende que tenho que ir lá, nem que seja para acreditar.

Foi seis quilómetros depois de Ourique. Felizmente os carros já tinham sido retirados. No chão, uma marcada travagem no alcatrão aparece aos meus olhos como o rasgar que sinto no coração.

- Era importante para ti vires aqui?

- Não me pergunte porquê! – Respondo depois de alguns segundos de silêncio à procura das palavras que me fugiam. O choque está a inibir-me de libertar a dor – Como foi?

- Não sei bem, apenas o que me contaram. A passar por Ourique atrasei-me um pouco e quando cheguei aqui o desastre tinha-se

acabado de dar. O que ia atrás deles, disse que foi um que seguia sozinho num BMW que saiu detrás duma camioneta, para a ultrapassar, no momento exacto que se cruzava com os teus pais. Acho que também faleceu.

O fatídico choque frontal.

- Vamos Miguel?

- Sim.

Quando vou entrar no carro, volto atrás ao aperceber-me de uma peça nas ervas que delimitam a estrada.

Era um bocado da matrícula do carro dos meus pais.

A mente humana é muito estranha e reage de maneira imprevisível nos momentos extremos. Apesar de ter visto o corpo de ambos, continuei a querer-me convencer que tudo não passava de irrealidade. Foi preciso uma banal peça para me fazer crer que estava consumado.

Dobrado e com a matrícula apertada no peito, desfiz-me, finalmente, num choro convulsivo. Libertei em lágrimas a dor que me consumia.

Muita gente participou no funeral.

Todos me quiseram dizer alguma coisa, quando apenas queria era fugir.

Não me recordo do que disseram. Só poderão ter sido as sempre tradicionais frases feitas.

Não me recordo do que lhes respondi. Só deverá ter sido algo sem o mínimo sentido.

Nem me recordo de quem eram! Apesar de serem pessoas que têm lugar cativo no meu coração.

Os funerais prolongam demasiado o sofrimento. Teremos que ser assim tão castigados por estarmos em dor?

Dois caixões, lado a lado.

Sempre que olhava, sentia o negativo da situação. Logo os dois!

Uma suave corrente de ar fez-me, entretanto, aperceber o outro lado da questão. Temos que ir buscar força, motivação e razão para

continuarmos com brilho a nossa passagem nesta vida sem um segundo fim. Senti um aconchego no coração quando pensei que continuavam juntos e unidos. Recordei então a frase que um dia o meu pai pronunciou «Se fosse possível escolher a nossa hora, só desejava que fosse conjunta com a tua mãe. Para ti, seria duplamente penoso, mas poderias sempre alegrar-te com o facto de que nenhum de nós ter que suportar a vida sem a presença do outro».

Conseguiste! Foi demasiado cedo, mas ao menos viveram com paixão.

O descer à terra foi um momento demasiado penoso para poder ser descrito. Acrescido do facto de ter demasiados olhos postos em mim. Demasiados abraços. Demasiadas frases. Só me apetecia gritar «larguem-me!», mas compreendo que era a vontade de me ajudarem.

Regressei à sua casa, que tantas vezes me acolheu e acariciou. Estava fria e silenciosa.

Terei que tratar agora das suas coisas, como se despojos o fossem. Cada objecto oferece-me uma miríade de doces recordações. Os olhos já estão a ficar habituados à humidade.

Uma semana depois, regresso ao cemitério. Um lugar calmo, sossegado, que nos faz pensar no real significado dumas coisas e da inutilidade doutras.

Tento arranjar respostas às minhas perguntas.

Que sentido faz a vida?

Porquê esta provação?

O meu olhar ergue-se. As nuvens que centram os ciprestes fazem lembrar a figura sentada da minha mãe, com o meu pai atrás.

Oiço, interiormente, a voz dele.

“Foi melhor assim.

Estamos juntos!

Se queres respeitar a nossa memória, aproveita a vida. Tira partido de tudo o que te ensinámos.

Não caias...

Deixa-nos descansar em paz, vendo que o nosso filho não desperdiça a única oportunidade que tem.

Segue em frente!”

Juro que vi a nuvem com a forma da minha mãe a sorrir-me.

Toda a minha vida recebi os seus ensinamentos, inclusive agora. E mais será quando for pai e colocar todas essas lições em prática.

Levantei o queixo e parti.

A meio, ainda esbocei olhar para trás.

Ouvi então a voz da minha mãe a acariciar-me o ouvido:

“O teu pai disse para seguires em frente...”

12

Pôr os is debaixo dos pontos

Acordo com o relógio a piscar flashes vermelhos, enquanto a claridade irrompe pelos estores. Atabalhoadamente, procuro o relógio, vejo as horas e... merda! Merda! Merda! Porque é que não há uma porra que me corra bem? Logo hoje que queria ir muito cedo, para podermos conversar antes de entrarmos, e tinha que faltar a luz!

Ligo para o telemóvel e o resultado é o que tem sido desde sábado à noite.

Lavar, vestir e comer num ápice, para ficar parado no trânsito.

Ligo para o seu directo e... será possível? Dá sinal de avariado! Pode ser que internamente funcione.

É logo a primeira coisa que faço quando chego.

- Escusas de telefonar para onde quer que seja. Estamos sem central e parece que só à tarde é que haverá fumo branco.

O Vasconcelos não poderia dar-me pior novidade. Tal como o Veloso, desconfio que o mundo se uniu para me tramar.

Com o meu, tento o seu. Mais uma vez o telemóvel vai directo para o voice mail. Parece que a única hipótese é ir lá, o que queria evitar. Ah! Ainda tenho uma última tentativa, o e-mail. Quase à espera que me rebente nas mãos, sou surpreendido pelo facto de estar a funcionar. Só espero é que esteja no seu posto e me queira responder, por isso selecciono a opção de aviso de recepção, ao menos saberei se está. O que irei escrever? Quero esclarecer as coisas, mas não aqui. Podemos estar no século vinte e um, mas reconciliação por e-mail não faz o meu género. Redijo:

“Não te consigo contactar. Almoçamos?”

Miguel! Mas o que é isto? Não parece nada meu. Que segura! Vamos lá rectificar:

“Querida, não te consigo contactar. Vamos almoçar à hora do costume?
Beijinhos”

Assim está melhor. Não tão inspirado como habitualmente, mas serve.

Os escassos segundos que decorreram até aparecer o aviso de que tinha entrado na mensagem, duraram horas. Estar cá, está. Será que vai responder? Porque é que não liga o telemóvel? Novos segundos, que agora foram dias, e aparece a resposta. Suspenso na expectativa, clico e aparece:

“Seu disere canã, estou:
a) a desconversare
b) a escrevere male
c) a mentire porque qero disere casim?”

Claro que vamos, namoradinho ☺
Uma infinidade de beijinhos”

O eclipse deu lugar a uma explosão de luz!
Brincou com a escrita, chamou-me namoradinho, mandou muitos beijinhos, tudo parece estar bem! Tempo para respirar fundo.
Mas porquê este silêncio?

“Querida, o que se passa com o teu telemóvel que desde sábado à noite que te estou a tentar ligar?”

A sua resposta fez-me sentir as orelhas a crescer!

“Lembras-te de te dizer que a bateria estava a dar o berro? Sábado à noite foi-se de vez! Mas já falamos melhor, tá?”

O raio da bateria! Que mal terei feito à tecnologia para me trair num fim-de-semana desastroso como este?

Devo confessar que pouco produzi nesta manhã. Não só por ter chegado tarde, mas também por estar difuso, ansiando pela interrupção da hora do almoço para matar a fome de conversa.

Custou, mas as doze e trinta chegaram. A Lúcia ainda conseguiu sair primeiro e, mal me vê, aproxima-se com a sua bonita cara a resplandecer em sorriso. Um terno beijo faz-me tornar a sentir o seu sabor, parecendo demasiado distante a última vez, tendo apenas decorrido um dia e pouco.

- Estás com muita fome ou podemos antes ir ao jardim falar um pouco?

- Estou com fome de ti! – Solta uma das suas agradáveis gargalhadas – Anda lá falar. Tens ar de quem precisa.

Duas ruas atrás das nossas instalações fica um pequeno e simpático jardim, com um lago central onde dois cisnes passeiam a sua elegância. É à sua frente que nos sentamos, num banco às tiras verdes.

Olho nos seus olhos que, em simultâneo, me interrogam e convidam a falar. Num assomo da mais sentida sinceridade, digo o que tenho atravessado desde sábado.

- Desculpa, querida. Nunca poderia ter falado assim cont...

Interrompe-me, colocando o seu dedo nos meus lábios como a querer fazer chiu.

- Quando alguém é vítima e não culpado, não deve pedir desculpa.

- Não só deve, como tem! É imperdoável ter descarregado em ti.

- E eu não devia pedir também por me ter vindo embora?

- Depois de como te falei...

- Depois do que passaste... Ouve Miguel, estávamos todos muito nervosos. Menosprezámos a nossa resistência ao calcular que ouvíamos e calávamo-nos, evitando confrontos. O que aconteceu foi uma lição para ambos, para não tornarmos a cair no mesmo. Não foste tu que, um dia, me disseste que se aprende a andar de bicicleta caindo?

- Sim, mas...

- Mas o quê? – Acompanha com uma saborosa festinha – Não quero essa cara de quem não dorme há dois dias...

Faço um sorriso amarelo, relembrando o fim-de-semana.

- Sabes o que passei? O que sofri? O que chorei, mesmo sem lágrimas? – Faço uma pausa, ganhando alento para a pergunta que me consome – Porque é que não me ligaste? Eu não o podia fazer, mas tu sim.

- Medo!

- Medo?

- De duas maneiras: a que ainda estivesses zangado comigo, pelo modo como falaste e foste tratado, mas principalmente por outra razão.

- ?

- Desde o nosso primeiro beijo, tudo tem sido tão rápido e bonito que receio acordar e ver que não passa dum sonho. É como se fizesse parte de um outro universo, temendo que a realidade esteja neste. Sinto o que nunca senti e isso pode ser assustador. No

sábado fiquei muito confusa e apreensiva com os acontecimentos. Ainda tentei ligar-te, mas foi quando me apercebi que estava sem telemóvel. Aproveitei essa situação para fazer um pequeno balanço, para ter a certeza que tudo é real. Forcei-me mesmo a não te ligar no domingo e, tirando partido do facto de estar ocupada com a mudança da Alice, deixar a cabeça pensar noutras coisas. Só te posso dizer que se houvesse algumas dúvidas, não, dúvidas não é o termo correcto pois isso não tinha, medo é que é a palavra indicada, ou seja, se houvesse algum medo que tudo não passasse dum sonho, a conclusão a que chego é que na realidade é um sonho, mas um sonho bem real. E só quero é estar ao pé de ti, amando-te com todo o meu coração. Foi exactamente isso que te quis dizer quando cheguei e fui ao teu sítio. Infelizmente não estavas, tentei-te ligar mas não havia telefones. Deixei-te então o papelinho para, mal chegares, mandares um mail. E agora, namoradinho, está na hora de te dar o beijo que mereces.

Com as suas duas mãos na minha cara, trocamos um apaixonado beijo.

- Mas espera aí! – Lembro-me repentinamente – Que papel foi esse que me deixaste?

- O papel para me mandares um e-mail, para eu saber que já tinhas chegado. Aquele que tem muitos corações desenhados.

- Não vi papel nenhum! Se o tivesse visto teria sossegado, mas não.

- Deixei-o mesmo a meio da secretária.

- Só estava lá um memo que ainda nem li.

- Então foi isso! Não estava lá memo nenhum. Devem ter posto por cima do meu papel.

- Telemóvel, falta de luz (por isso é que cheguei tarde, por o despertador não ter tocado), central telefónica, memo em cima do teu papel. Sim senhor, tudo ajudou à festa! Mas já não interessa, o que conta é que estamos aqui os dois. E de mãos dadas, nada temos a recear!

- Queria era pedir-te uma coisa...

- Só se não puder.
 - Não, não é nada para fazer. Era pedir-te que não pensasses mal do meu pai. Não sei o que lhe deu! Ele não é aquilo que viste.
 - Com os outros namorados também foi sempre assim?
 - Nada!
 - Só estou a ver que seja algum preconceito relativo à idade. No fundo, deve-lhe ter despoletado o sentido de defesa da filha.
 - Nem calculas o berro que lhe dei! Nunca, nem lá perto, lhe tinha falado assim. Entrei, a minha mãe perguntou se me tinha esquecido de alguma coisa e respondi, ou melhor, berrei «alguém se esqueceu que sempre disse que só me queria ver feliz. Estás contente, pai?». Sei, pela minha mãe, que ele sentiu muito a minha frase. Ela é que lhe tem feito a cabeça em água. Ganhaste ali uma admiradora.
 - E ela também. É uma mulher encantadora! Custa-me é estar a ser motivo de discórdia entre os três.
 - E tens culpa? Não!
- Resignadamente encolho os ombros. O que conta é que estando unidos tudo se consegue superar.
- Namoradinho, o melhor é passarmos ali na pastelaria para comermos uma sandes, senão passamos a tarde a seco.
 - Anda, já me voltou o apetite.
 - Não tens nada para logo, pois não?
 - Se tu o dizes, não tenho mesmo...
 - A minha ideia era vires ajudar-me a escolher um telemóvel novo. Depois íamos para tua casa. Estou com ganas de te esfancar.
 - Esfa quê? – Pergunto, mal conseguindo conter o desejo.

Assim o fizemos. Comprou um telemóvel que, apesar de barato, incorpora uma série de funcionalidades que há dois anos atrás o faria ser algum topo de gama e custar os olhos da cara.

Fomos então para minha casa, o nosso ninho.

Ao fecharmos a porta ficámos desligados do mundo exterior, lançando os nossos corações para um mundo paralelo onde apenas nós e só nós cabemos.

O nosso olhar ficou preso no do outro, como se nos fundíssemos num só.

Com todo o amor, sem nenhum preconceito, entregámo-nos completamente. Devaneámos os portões do delírio, acabando por fazer amor em perfeito êxtase.

*
* *

Se o menino já tinha medo das sombras no seu, o facto de estar num quarto diferente aumentava esses receios.

Para piorar as coisas, este hotel não tinha estores e os reposteiros não eram suficientes para obstar que passasse alguma claridade, que mais sombras produzia.

Era certo que estava no mesmo quarto que os pais, bastando um chamamento para os acordar. O pior era ter força para falar quando via projectado na parede o corpo de alguém, com os braços e a cabeça a moverem-se mas parecendo nunca sair do mesmo sítio.

Momentos de terror para alguém não preparado para vencê-los.

Mais forte foi o sono, depois dos suores frios.

De manhã, o menino descobriu que o corpo projectado na parede era a sombra da árvore que se erguia junto à janela, e os movimentos de braços e cabeça eram os ramos ao sabor do vento.

Ontem como hoje, as sombras podem esconder uma outra realidade.

*
* *

A tarde já vai a meio quando o toque do telemóvel interrompe a concentração no trabalho que estou a efectuar.

Não reconheço o número, mas logo sou informado de quem fala:

- É David Ferreira, espero não estar a ligar em má altura.

Ai! O que será agora?

- De modo algum. Como está?

- Miguel, queria-lhe pedir um favor. Será que dava para se encontrar hoje comigo? Gostaria que pudéssemos conversar um pouco.

Cinco dias após aquela noite, o seu tom é conciliador. As suas intenções também o serão?

- Terei todo o prazer. E pretendia onde e a que horas?

- Se não se importasse de vir até Caxias, poderia ser na pastelaria Natalino. Conhece?

- É a das janelas amarelas?

- Exactamente. Sete está bem para si?

- Pode contar comigo.

- Então, só lhe peço outro favor. Poderia ocultar da Lúcia este nosso encontro?

Mau! Não gosto de mentiras, mas acho que não terei outra solução, na esperança que seja para o nosso bem.

Esta chamada surpreendeu-me, mas penso que poderá abrir caminho a um, mais que desejável, entendimento.

À saída e para meu desconforto, sou obrigado a dizer à Lúcia que tenho que ir ajudar um amigo que está atrapalhado com um problema qualquer.

- Então querido, vemo-nos amanhã. Não te esqueças que é sexta, vamos ao cinema?

- Óptima ideia!

Vou de imediato para Caxias para não chegar atrasado.

O David também foi pontual e escolhemos uma mesa que nos permite falar à vontade.

Depois do pedido, David toma a iniciativa:

- Miguel, no sábado não começámos muito bem...

Com um sorriso, esboço a minha concordância.

- Reconheço que, principalmente como anfitrião, não estive no meu melhor, mas... – estuda por breves segundos as melhores palavras – decerto compreenderá que, como pai, terei os meus receios. E o maior é, sem dúvida, que a minha filha sofra, fazendo tudo por a

defender mesmo que isso implique eventuais erros de julgamento. E...

Está a escolher demasiado as palavras, passo importante para não espelhar o que lhe vai, realmente, na alma. Dou uma ajuda:

- David, entendo o que me está a querer transmitir e que temos algo muito importante em comum, ambos só queremos a felicidade da Lúcia. Para tal, proponho-lhe o seguinte “jogo” - com os dedos de ambas as mãos faço o sinal de aspas, reforçando o carácter simbólico da palavra – a verdade arrasante. Só conseguiremos sair satisfeitos desta conversa se tivermos dito tudo o que temos dentro de nós. É notório que tem uma série de dúvidas e receios em relação a mim. Exponha tudo, sem medo de ser indelicado ou de me magoar. Não se preocupe com o facto da verdade doer bastante mais que qualquer mentira. Eu responderei da mesma maneira.

Com o queixo amparado no braço esquerdo, estuda a proposta, fitando-me fixamente. Reforço:

- Se fizermos isso, e seja qual for o resultado final, a conversa foi profícua. Caso contrário, arriscamo-nos a uma perda de tempo.

- Concordo!

- Dado que é inegável que o David está de pé atrás comigo, confesse-me o que o preocupa – Dou o exemplo na “sinceridade arrasante”.

- Não me interprete mal, mas...

Chamo-lhe a atenção com a minha expressão.

- Tem razão, não há dessas coisas. Ora bem, a verdade é que não me agrada que namore a minha filha. Nada irei fazer que contrarie isso, nem posso, a Lúcia é maior e vacinada, mas tenho direito à minha indignação. Sou pai, compreende?

- E essa indignação é fruto de?

- Miguel, tenho que apelar ao seu bom senso? Já reparou na diferença de idade entre os dois?

- Tenho consciência que temos treze anos a separar-nos, mas com uma paixão a unir-nos. A idade é factor proibitivo?

- Sei que hoje em dia não se dá tanto valor a isso mas, depois duma relação assim, a Lúcia poderá ficar estigmatizada.

- Isso pressupõe que a relação seja breve?

- Quanto breve, não sei. Tudo depende de si.

- ?

- Sim, até olhar para uma miúda mais nova.

- Não estou a entender bem onde pretende chegar.

- Penso que não necessito de fazer nenhum desenho. Eu também sou homem e, com cinquenta e dois anos, sei melhor que o Miguel como é. Apesar de ser cem por cento fiel à Luísa, também gosto de olhar para miúdas. Só que é apenas atracção, não tenho espírito, nem vontade, para enganar a minha mulher. Claro que consigo é diferente, está sozinho. Porque não dar umas voltas com uma miúda? Aproveitar enquanto tem tudo no lugar, para amanhã trocar por outra. Nós homens somos assim. Não quero é que isso aconteça com quem criei.

- Nós homens somos assim como descreveu? Isso não será colocar amarras? Estereótipos? O mundo não pode ser só a preto e branco! – Apesar das palavras, o tom de ambos está apropriado a uma conversa de esclarecimento. Chegará a um fim positivo?

- Sim, mas o Miguel responde-me com filosofias e eu com factos. E o facto é... por exemplo, porque não começar uma relação com uma mulher da sua idade? Eu digo-lhe porquê, porque normalmente as que estão disponíveis já são separadas e mães. E isso é um encargo, um trabalho e uma responsabilidade a que quer fugir.

Interrompo com a mão em sinal de stop.

- Essa é forte e magoa-me profundamente. Se a Lúcia já fosse mãe, o amor que lhe nutro seria rigorosamente o mesmo, tal como a criança seria para mim como minha. Tocou-me num ponto sensível, da maneira como adoro crianças. Mas é assim mesmo, diga tudo o que sente dentro de si.

Noto que começa a ter dificuldades em continuar na sua argumentação. Esforça-se para prosseguir, apesar de menos convicto.

- A Lúcia está muito empenhada nesta vossa relação. Apesar de já ter tido outros namoros, noto que este é o seu primeiro grande amor. Sofrerá bastante se algo correr mal. O que para o Miguel não será assim, dado que já falhou um casamento, logo, já não terá a importância que se dá ao primeiro.

Os seus argumentos estão nitidamente a perder fulgor.

- E por ter tido um falhanço, como apelidou, não será o mote para reforçar mais os cuidados necessários? Mais uma vez, não nos pudemos prender a hipotéticas verdades.

- Sabe o que já me passou pela cabeça? Se o Miguel ainda não estará apaixonado pela imagem da sua mulher em noiva.

- Não entendo onde pretende chegar.

- A Lúcia deve ter, mais ou menos, a idade da sua mulher quando se casaram. Não pretenderá recuar no tempo chegando à altura em que divergiram, como uma segunda oportunidade para corrigir os erros cometidos?

Deixo escapar um riso.

- Como argumento literário ou cinematográfico, não estaria mal... agora, para a vida real... É que não temos uma segunda oportunidade para corrigir os mesmos erros, adquirimos é os ensinamentos necessários para não os repetir.

O *Lucy in the sky with diamonds* corta-nos a conversa.

- Tou, namoradinho, não interrompo nada?

- Não querida – o David alerta-me para o secretismo desta operação – estou só aqui num café a falar com um amigo.

- Era só para te mandar um beijinho. Aceitas?

- E retribuo a dobrar!

- Até amanhã!

- Tchau!

Desligo o telemóvel e faço uma expressão contrariada.

- Detesto ocultar a verdade.

- Considere um favor que me faz.

- Estávamos então a dizer...

O David hesita no que se há-de seguir. Aproveito a deixa para tomar o controle da situação.

- David! Acho que é louvável e meritório o seu esforço em manter a Lúcia protegida das armadilhas da vida. Mas isso não nos pode deixar ver apenas um lado. Quando as coisas correm mal, costumamos atirar aos quatro ventos razões que constam dum qualquer manual de desculpas feitas. Porém, nem tudo é quantificável, nem tudo é explicável. E algo que não entra, garantidamente, nesses conceitos predefinidos, são os sentimentos que vêm do mais profundo do nosso ser. Exactamente como o meu amor pela sua filha.

Olha-me sem mexer um músculo da cara, como quem se sente prestes a aderir, custando-lhe ainda admitir.

- Rondam-me várias frases feitas, estilo «in dubio pro reo» ou «o ideal será dar-me tempo para lhe provar a verdade». Não sei qual lha devo pedir, ou se deverei pedir alguma. Acredite em mim e na sua filha que já lhe deu tantas provas da sua coerência e maturidade.

- Sei que pouco adianta concordar ou não. Como já disse, são maiores e vacinados.

- Mas para a Lúcia é bastante importante, em virtude da maneira como gosta de si.

Durante uns segundos imperou o silêncio, enquanto mantinha o seu olhar bem fixo no meu.

Finalmente reconheceu.

- Começo a acreditar que as suas intenções sejam boas. Por favor, acredite-me que não foi nada pessoal – Seria desnecessária aqui esta frase top dos filmes de acção.

- Fazia falta uma conversa assim...

- Não foi só isso, porque podia ter a lábia suficiente para me aldrabar com as mesmas frases. Acho que a grande diferença de hoje em relação ao sábado passado, é que estou a olhar para os seus olhos. E eles estão a ser sinceros.

Estendo a mão.

Apertamos as mãos sem reservas nem recolhimentos.

- Foi bom termos posto os pontos nos is.
- Acho que foi mais do que isso – acrescento – pusemos foi os is debaixo dos pontos.

Primeiro estranhou a observação, mas de seguida entendeu-a e deu uma gargalhada.

Foi a primeira vez que o vi rir de cara aberta.

- Vai outro cafezinho?
- Vai sim senhor. Deixe-me é avisar a minha mulher que vou jantar um pouco mais tarde. Digo-lhe que ainda estou com um cliente.
- Sem indiscrição, porque é que quer ocultar esta nossa conversa?
- Todos temos o nosso orgulho... e depois do que ouvi desde sábado... – Pisca-me o olho cumplicemente.

No dia a seguir, a Lúcia estranhou quando lhe disse que a ia buscar a sua casa para irmos ao cinema.

- Não queres antes que vá ter à tua?
- Porquê?
- Podes não querer encontros.
- Porquê?
- Não me digas que entraste na idade dos porquês?
- Porquê?

Faz uma expressão enfadada.

- Estou a brincar! Mas porque é que não havia de querer ir a tua casa?

- Assim mesmo, acho que fazes bem!

Não gosto de jogar com cartas debaixo da manga, mas sendo para uma boa surpresa...

Cheguei uns dez minutos adiantado. A Luísa avisa-me que a Lúcia está a acabar de se arranjar.

- Entre aqui para a sala.

Aparece então o David.

- Olá Miguel! Sente-se aqui um pouco.

Estende-me uma bebida e, como estava com o jornal na mão, começamos a discutir as primeiras que fazem as últimas.

A Luísa bem tenta ocultar a sua admiração.

Noto então que a Lúcia está à entrada da sala. Directa, logo exclama:

- Uau! Que bom ver os dois homens da minha vida a conversarem!

- Não entendo essa... – Disfarça o pai.

Mal acabámos de sair, a Lúcia agarra-me o braço e, cheia de curiosidade, pergunta:

- O que se passou ali?

- Nada de especial, porquê? – Acompanho a frase com um sorriso satisfeito, o que mais espantou a Lúcia.

Fomos assistir ao “Kate & Leopold”, filme que já perseguíamos desde a estreia, há umas três semanas.

Uma enternecedora comédia romântica que deu azo, no final, a uma das habituais “marotices” da Lúcia.

- Sabes que me sinto um pouco como a Kate?

Ingénuo, ainda pensei no sentido filosófico da personagem e da ambiguidade da sua acção no trabalho, em casa e no amor. Como não vi relação,

- Em que aspecto?

- Também me apaixonei por um homem de quem tenho quase um século de diferença!

É tramada! Finge que vai fugir nos corredores do cinema, mas fico parado de braços cruzados observando-a, simulando uma postura de quem ficou escandalosamente ofendido. Voltou, perdida de riso.

- Vá, vamos lá, meu velhinho.

Abraçamo-nos e seguimos divertidos.

Tudo está bem. Tudo está muito bem, depois do terramoto que foi o fim-de-semana. Que só veio reforçar, ainda mais, a nossa paixão. No fundo, não passou de algo que, passados cinco dias e já com tudo devidamente esclarecido, faz parte dum passado longínquo.

Há quem defenda que gato escaldado de água fria tem medo. É bem provável. Mas o que se passa comigo é que me dou completamente em tudo o que faço. Com toda a sinceridade, toda a vontade, todo o empenho. Por vezes, nesta sociedade interesseira e movida em exclusivo pelo lucro, poderei ser confundido e mal interpretado. Mas sou assim, daí o que sofro no trabalho, nalgumas amizades permanentes ou temporárias, o que sofri com a Rita... e o que sofri neste fim-de-semana.

Dou tudo o que tenho. É a minha maneira de ser.

E orgulha-me... além de me recompensar com este amor lindo que partilho com a Lúcia.

Tal como no cinema, contos de fadas existem, se quisermos... e se soubermos compreender o significado de “conto de fadas”. Para nos ajudar, temos um instrumento fabuloso à nossa disposição, a imaginação, que permite vivermos os nossos sonhos na vida real.

13

A fantasia da lógica

Passaram-se dois meses.

Maio foi fazendo perder, gradualmente, a pujança à Primavera.

Junho confirmou-o com a chegada do calor que, para o final, já se estava a tornar insuportável. Há quem lhe chame o “bom tempo”, mas para o aturarmos, rodeamo-nos de aparelhos de ar condicionado que nos potenciam problemas respiratórios e vão estufando o ar cá fora. O problema agudiza-se quando saímos, ao sentirmos as veias dilatarem e a respiração a dificultar. Depois de três passos, encharcados é o nosso apelido, mas enfim, é o chamado bom tempo ou o albardar o burro à vontade do dono. O agradável nos dias de calor eram aquelas noites convidativas a vegetar no exterior, mas essas, misteriosamente, tendem a entrar em vias de extinção. Altero a letra à canção e canto «Eu gosto é da Primavera» e até se pode passear de prancha na mão e ser patrocinado por uma bebida qualquer! Anda-se à vontade, sem calor nem frio, somos prendados com o cantar matinal dos passarinhos, as flores a tomarem formas cada vez mais vistosas, um aroma fresco

seduz-nos e... está bem, já perceberam... continuo muito bem apaixonado!

É que a nossa relação vai amadurecendo, tornando-se mais forte e imprescindível como o ar que nos rodeia. Já a realizadora do “Amar em Nova Iorque” afirmava que para vivermos necessitamos de duas coisas, «temos de alimentar o estômago e precisamos de amor». Amor verdadeiro e correspondido, prolongando-se com os anos que o vão fortalecendo. Sempre que afirmo isto aos desencantados da vida, logo sugerem que é pirosice e treta. O não lhes ter acontecido (ou terem deixado escapar), impede-os de ver que as regras não são fixas e há lugar para encontrarmos o nosso *Graal*. Necessitamos é de estar atentos e de mente e coração abertos, não deixando que um insucesso seja o fechar de portas à vida e ao amor, custe o que custar a recuperar.

Chegou o primeiro dia de Julho. Encontro-me dividido entre a alegria de saber que vai hoje para umas férias de sonho e o ter que me mentalizar que vamos ficar separados três semanas. Mas, paciência, é por uma boa causa. São poucas as pessoas que têm o prazer de dispor desse tempo para conhecer a Austrália.

Já há muito que perseguiam esse objectivo, pois o irmão do David vive em Melbourne e estadia não é, portanto, problema. Alugam duas auto-caravanas e vão à descoberta de todo o imenso país, saltando de cidade para cidade como verdadeiros cangurus.

Curiosa foi a frase que a Luísa pronunciou à filha, ao afirmar, por entre um piscar de olhos, que suspeitava que seriam as últimas férias em conjunto e que eram uma espécie de despedida em beleza.

Há três dias atrás é que ouvi uma “boca”:

- Então que história era essa de me contares sempre a verdade?

Levar com uma pergunta destas, no meio da mais banal conversa, surpreende.

- E não conto sempre?

- Tal como aquela ajuda a um amigo?

- Que amigo?

- Quando foste ter com o meu pai!
- Ah, isso! – Estava mesmo a leste.
- Pois, foi por isso que depois já estavam muito bem...
- Lúcia, deves compreender, foi um pedido expresso do teu pai, não me competia ir contra.

Tentou manter uma cara zangada mas um sorriso traiu-a.

- Mas como é que soubeste agora, passados dois meses?
- O meu pai descaiu-se com a minha mãe – Volta novamente à carga, prolongando o gozo que lhe deu ter-me apanhado em suposta falta – Negociações nas minhas costas... quem diria!

Vim acompanhá-los ao aeroporto, local onde as emoções estão sempre presentes, repartidas por dois sectores antagónicos, a da despedida e a do reencontro.

O Carlos já vai devidamente equipado, só lhe faltando ter no chapéu rolhas penduradas. O David faz o *check-list* de tudo pela enésima vez, enquanto a Luísa, com a sua característica calma, o acompanha a percorrer mentalmente todos os pontos, só para ver se ele sossega. A Lúcia, linda como sempre (ou será ainda mais?) só se preocupa com uma coisa:

- Tens tudo bem instalado?
- Sim!
- E procedo da mesma maneira como aqui?
- Iguazinho. Mas não te preocupes, o teu primo percebe disso.

O assunto é sobre computadores. Há dois dias atrás fui comprar uma *webcam* que, em companhia do *messenger*, irá permitir que nos possamos falar e ver. Coisas do progresso. Se falássemos por telemóvel em *roaming*, ficaria estupidamente caro, assim, o seu primo leva o computador portátil, faz uma mera chamada local para acesso à internet, ligamos o *netmeeting*, falamos e vemo-nos, matando saudades. Engenhoso, não? Para não prejudicar o plano de passeio, a Lúcia liga ao acordar, quando cá forem umas nove ou dez da noite.

Recombinamos esses pormenores e depois de me despedir dos restantes, abraçamo-nos e beijamo-nos como se quiséssemos compensar as três semanas.

- Diverte-te. Aproveita ao máximo!

- Podes crer que sim.

E seguiram...

É sempre mais fácil ir do que ficar, mas estou feliz, bastante mesmo, por saber que vai conhecer outros locais, outros povos, outras realidades, outras belezas.

*

* *

A coisa está preta! Os índios têm a situação controlada e vão iniciar a matança dos inocentes, queimando-os num ritual de festa e dança. Que maus!

O chefe tribal, cara mais fechada não pode haver, faz sinal ao feiticeiro, cujo olhar odioso e malévolo provoca pesadelos ao menino, que assiste com o olhar preso no ecrã.

Tudo está perdido!

Mas eis que se houve uma corneta! O cow-boy bom, sentado no seu cavalo imaculadamente branco, lidera a cavalaria. Boa!

Num instante, tudo se resolve. Com uma série de tiros precisos, matam os índios e salvam os desgraçados do fogo. O herói olha para a rapariga que, depois de ter estado quase a desmaiar pelas labaredas, quase que desmaia pelo fogo do seu olhar. Caem nos braços um do outro, beijam-se e “The End”, para este filme de domingo à tarde.

O menino corre para a cozinha e pega num dos paus que a mãe utiliza para impedir que a roupa, quando estendida, bata na parede. Mete-o ao ombro, fingindo que é uma espingarda e começa a gritar pela casa:

- Sou o Buffalo Bill e vou matar os índios todos!

Depois de muita gritaria, tiros e mortes, a mãe chama-o para o jantar.

Aí, o pai pergunta-lhe se ele acredita mesmo que os índios tivessem sido maus. Claro! Poderá haver alguma dúvida? É então que o pai lhe faz ver que as histórias poderão ter outro lado, muitos anos antes da “Dança com lobos”. Que os selvagens e os civilizados podem trocar de campo. Não serão os civilizados maiores selvagens?

O menino começou a pensar e a aprender a não dar por certo tudo o que lhe estendem com selo de garantia.

Foi uma poderosa lição que muito o moldou.

E que lhe permitiu entender e sentir muitas outras questões. Como quando ia fazer quinze anos e se pôs a ouvir um disco que o pai tinha do John Lennon, movido pela curiosidade de ter ouvido nas notícias de última hora o seu assassinato. Deixou-se seduzir pelo “Imagine”, autêntico hino de ideal humano, mas o que lhe tocou profundo foi o “Woman is the nigger of the world” e as suas frases como “Woman is the slaves of the slaves” ou “When she’s young we kill her will to be free”, que lhe fez entender o que tem sido o papel a que a sociedade tem sujeitado as mulheres ao longo de toda a história, com principal ênfase na obrigatoriedade que têm de sempre respeitar e honrar o homem, sem haver a necessária correspondência inversa.

*

* *

Por coincidência, dado que as marcações foram logo em Fevereiro, também entrei de férias, permitindo assim que os meus colegas possam usufruir do Agosto, não os prejudicando com as férias escolares. Tenho três semanas (as que a Lúcia está fora, no que foi uma má e involuntária escolha), enquanto ela ainda continua por mais uma quando chegar (e bem vai precisar de descansar!). Os

meus últimos sete dias ainda estão por decidir. Como serão depois de Agosto, não haverá problema.

Sempre gostei de passear, mas este ano vou só uma semana para Lagos. Para o ano as coisas hão-de ser diferentes. Então se forem como estou a pensar... Com a idade vamos perdendo algumas faculdades, mas adquirimos muitas mais e uma é, sem dúvida, o ter mais paciência para esperar, desde que saibamos que o prémio recompensa a espera.

Estas férias vieram mesmo a calhar para o meu livro. Está na hora de começar a sério, ou seja, a parte da escrita. Já tenho os personagens idealizados, tal como o fio da história. Tudo se baseia à volta de Tiago, um rapaz de doze anos com uma imaginação muito fértil que o faz querer viver, nesta fase tão importante da vida, num mundo mágico e ideal. Muito dotado, limita-se a expressar esse dom em resultados escolares normais, para desespero do pai, típico classe média com o sonho de se colar à classe dominante. Como não o conseguiu, anseia que seja através do filho. Para tal, está constantemente a pressioná-lo, tentando agarrá-lo às realidades da vida, ao que conta realmente, como sempre repete. Quanto mais teia lhe mostra, mais o Tiago deseja a liberdade de utilizar todo o seu intelecto para voar ao sabor da imaginação. O que poderá criar uma clivagem nas suas relações, algo que ele também não pretende, principalmente ao ter bem presente o exemplo da irmã. Esta, mais velha sete anos, já fugiu de casa atrás duma droga de miragem. A última vez que Tiago a viu, completamente agarrada, provocou-lhe um choque terrível, que mais o fez solicitar toda a sua capacidade imaginativa para ganhar algum conforto na alma. Alma torturada, sempre que ouve o pai dizer que para ele, ela morreu. E quem morre mais um bocado com isso, é a mãe. Pessoa boa e amiga, mas conformada e derrotada pela vida e pelo domínio do marido que não lhe dá espaço para respirar.

Penso que seja uma história com potencial, com assuntos que me são caros, como os sonhos ambicionados duma criança, os sonhos perdidos duma mulher, os sonhos tornados pesadelos duma rapariga

e um homem sem sonhos, preso a uma sociedade castradora. Pretendo escrever sobre a pressão que as crianças vivem, no período que deveria ser de maior despreocupação. Igualmente pretendo escrever sobre a condição feminina, constantemente massacrada ao longo de todo o sempre, através do retrato da mãe. Um retrato inicial aparente e propositadamente desfocado e fraco, mas que durante o desenrolar da trama irá deixar transparecer toda a força e beleza interiores que as mulheres guardam e alimentam.

Está na altura de deixar fluir para o papel a improvisação da minha imaginação.

Sinto é que ainda falta um pequeno toque de nada, que fará toda a diferença, tal como daquelas vezes em que temos uma palavra debaixo da língua, mas que tarda em aparecer.

Para ganhar inspiração, nada como a música, amiga dos meus sentidos. Enquanto escolho os cêdês apropriados, ligo a rádio, como de costume na Nostalgia, a rádio das músicas que perduram no tempo. Está a acabar o *Hotel California* dos Eagles, para logo de seguida começar o *The logical song* dos Supertramp.

*When I was young it seemed that life was so wonderful,
a miracle, oh it was beautiful, magical.*

A vantagem destas músicas é que não se limitam a uma agradável parte instrumental. A letra também tem significado, não servindo só para acompanhar.

*And all the birds in the trees, well they'd be singing so happily
joyfully, playfully watching me.*

Acompanho a letra, imaginando a cena.

*But then they send me away to teach me how to be sensible,
logical, responsible, practical.*

Espera aí!

*And they showed me a world where I could be so dependable
clinical, intellectual, cynical.*

É isso aí! Encontrei o que me escapava! Por um lado, temos o Tiago a querer viver o agradável mundo da fantasia, por outro, é-lhe imposto o chamado mundo da lógica. Fantasia e lógica. A fantasia da

lógica! Duas palavras inimigas, mas que a fantasia se encarregará de se complementarem. O Tiago cumprirá as regras aplicando a fantasia, dando a chamada volta ao texto.

A fantasia da lógica! Quanto mais pronuncio, mais me agrada a sua sonoridade. Já tenho o título e o tema do livro! Sem dúvida que será algo que muito exigirá de mim, mas esse é o maior aliciante. E tenho vantagens que muitos bons escritores não se podem dar ao luxo, não tenho prazos, não tenho pressão de editoras, não tenho contas à espera.

Está na hora de começar e não posso estar mais entusiasmado e satisfeito!

14

A proximidade da distância, o afastamento da proximidade

Repito o ritual dos últimos dias. Depois de jantar, ligo o portátil, chamo o *messenger* e aguardo a mensagem que indique que a Lúcia está on-line. Esperei apenas uns dois minutos e lá estamos frente a frente, com meio mundo de distância.

- Oi namoradinho!

- Então querida, dormiste bem?

Nos primeiros dias estranhei o eco da minha voz. Numa frase mais comprida tinha a sensação de estar a falar por cima de alguém, mas com o hábito tudo se controla. Gira foi a primeira vez, a Lúcia vinha numa viagem de longas horas enfiada num avião, acompanhada por aquele típico barulho persistentemente embrulhado, e chegou a um local com uma diferença de onze horas e o seu ritmo diário virado do avesso. Não dizia coisa com coisa e eu ria-me que nem um perdido enquanto apreciava a sua patusca figura. Ao fim de quase duas semanas já está ambientada, até voltar e poder divertir-me novamente, agora in loco.

- Ontem delirei em Alice Springs!

Têm uma viagem bem planeada, ajudada pelo facto de irem acompanhados por alguém que conhece bem o terreno. Partiram de Melbourne, passaram por Canberra e Sydney até à Gold Coast, onde se deslocaram ao paraíso dos surfistas. Aí, jantaram em Brisbane a bordo dum barco que descia o rio, comendo uma saborosa série de diferentes espécies de peixe, não imaginando de que tipo. De seguida, atravessaram a vasta área de Queensland até Alice Springs, de que irei saber pormenores. Estou a tirar um verdadeiro curso acelerado de Austrália.

- Fica mesmo a meio do país – Confirmei no mapa que retirei da net.

- No início do deserto, com canyons espectaculares. Estás a ver, para uma portuguesinha desertos e canyons não são locais que se vejam todos os dias. Comemos num restaurante aborígene, com uns quantos pratos esquisitos mas deliciosos. Tenho que ter cuidado para não te aparecer com uns quilinhos a mais...

Narra-me então algo que desconhecia. Nos anos trinta, com o receio que a cultura aborígene viesse a asfixiar a cultura branca, puseram em prática um programa que deslocava as crianças aborígenes para centros de reeducação, donde saíam preparadas (igual a despersonalizadas) para se casarem com brancos, cujos filhos eram orientados para o mesmo fim, até o sangue aborígene desaparecer! Isto sucedeu a milhares de crianças, quase sempre filhas de mães aborígenes e pais brancos incógnitos, até ao início dos anos setenta. Claro que os tais centros não passavam de trabalho duro em casa de patrões brancos.

- Não fazia a mínima ideia!

- É impressionante, não?

- E já nada nos devia espantar depois da série de limpezas raciais, imposições de culturas e quejandos que envergonham os compêndios de história. Desde cruzadas, inquisições, até ao apogeu do terror que foi o nazismo, tudo tem valido. Até quando?

- E para quê?

Há perguntas que, por mais que se procure, nunca terão resposta.

- E qual o plano agora? – É melhor regressarmos à viagem.
- Imagina que vamos atravessar um deserto que acaba num lago! Depois, descemos até Adelaide, voltamos à base em Melbourne e, se der tempo, Deus queira que sim, iremos à ilha da Tasmânia, a Hobart.

- Deve ser bem bonito! Estás a enriquecer imenso o teu baú das recordações inesquecíveis.

- Sim, mas está incompleto.

- Então, ainda tens uma semana.

- Não é isso, tolinho! Está incompleto porque me fazes falta aqui! Quanto mais bonita a paisagem que vejo, mais desejava que a estivesse a apreciar comigo. Dou por mim, mentalmente, a discuti-la contigo, sentindo o teu braço nos meus ombros – Faz uma pausa, que eu mantenho, para concluir – Não sei o que me fizeste, mas que foi forte foi!

- E o que me fizeste tu? Há uma série de tempo que estou com uma doença rara e sem cura!

- Coitadinho! E essa doença tem nome?

- Luciopatite! Como ainda não havia casos registados, andam uma série de médicos a estudar-me e a promover congressos.

- Tá bem, tá! Utiliza é a tua imaginação para a escrita. A propósito, como é que vai o livro do meu escritor preferido?

- Correção: não sou escritor, sou alguém que está a escrever um livro.

- Ok! Como é que vai o livro do escritor que diz que não é escritor mas que só está a escrever um livro?

Rio-me e não chego a responder, pois o primo apareceu e avisou-a «prima, está na horra de irmos». Como filho de portugueses, falar sabe falar, dá é uma entoação muito “erre”. Aproveita para se colocar à frente da câmara e dar-me um alô.

- Alô namorado da Lúcia!

Retribuí, mas já tinha desaparecido.

- Namoradinho, já estão à minha espera. Até amanhã e não deixes de pensar em mim, tá?

- Ainda mais? – Abro a boca de espanto – Ah! Amanhã quando falarmos já estarei outra vez em casa.

- Já passou uma semana?

Às vezes a noção de tempo pode ser muito díspar.

Encostou-se à câmara, depois de se certificar que estava sozinha e, falando baixinho:

- Vai-te preparando! Quando chegar ao pé de ti, vais ver o que te espera... – Juntando o seu tão peculiar e encantador sorriso maroto.

Dou uma última volta por Lagos, pois amanhã partirei cedo. O centro pulsa de entusiasmo à medida que a noite avança. Uns quantos turistas menos endinheirados arranjam patrocínios dos de carteira mais robusta. Fazem-lhes a sua caricatura, vendem missangas ou outras obras, tudo como se de típico made in Algarve fosse. O comércio e o turismo são cada vez mais explorados por estrangeiros que vieram descobrir esta costa benzida pelo Sol.

Depois de confraternizar com uns finlandeses que queriam saber tudo sobre Portugal e que, tanto eles como elas, tinham uma resistência enorme ao álcool, pois cada copo era logo seguido doutro, regresso ao quarto e deito-me com a imagem da Lúcia.

Sinto cada vez mais a falta da sua presença, da sua voz, do seu silêncio, do seu riso, da sua ternura, do seu cheiro, da sua pele, da maneira apaixonada como fazemos amor. Um delicioso vaivém num ritmo propositadamente lento prolongando o prazer.

Cada vez estamos mais unidos, mais interligados por uma sucessão de nós impossíveis de desfazer.

Neste momento podemos estar fisicamente distantes, mas nunca estivemos tão próximos. O coração gosta de contrariar a física e promover a proximidade da distância.

Ah! Que se lixe! Estou inspirado e não me vou ralar por ter que acordar cedo amanhã. Ligo o portátil e começo a teclar uma série de letras, que se transformam em palavras, que passam a frases, parágrafos e que, com a emoção em cada tecla premida, dão corpo ao livro.

A Lúcia gostou muito da sinopse e do título. Com a força que me dá, tenho tudo para deixar fluir ao sabor das páginas a minha arte e engenho.

*

* *

- Isto é demais! Devem pensar que somos cientistas, mas só temos catorze anos!

- Para isso, já é só ter catorze anos... – Ironiza a mãe, habituada a ouvir «já tenho catorze anos...» como se passaporte para precocidades fosse.

O rapaz preferiu ignorar a observação para não ficar mal. Para mal, já lhe estavam a correr estes exercícios de sistemas de equações matemáticas.

- Concentra-te e tenta fazer o melhor possível. O teu pai quando chegar ajuda-te.

Quem chegou foi a vizinha Violante. Podia ser sua avó, tal a idade, e gosta de aproveitar a simpatia e paciência da mãe para trocar dois dedos de conversa. Parece que está sempre à espera que chegue do emprego.

O rapaz sempre se habituou a que falassem baixinho em determinados assuntos, convencidas que não as ouvia, concentrado que estava na brincadeira ou no estudo. Mas sempre captou tudo e já não estranha as constantes infidelidades do marido da vizinha que, conformadamente, termina o assunto com «mas o que posso fazer? É homem, é assim mesmo!»

Hoje, depois da vizinha se ter despedido, o rapaz decidiu discutir o assunto com a mãe.

- Ó mãe, como é que a vizinha desculpa isto tudo?

Primeiro fez um ar de repreensão, ao aperceber-se que a atenção ao caderno era nula, mas logo corrigiu ao entender que o filho estava necessitado duma conversa adulta, numa idade onde os momentos adultos e infantis entram em constante conflito.

- Sabes que não é fácil. A vizinha é dos anos vinte, doutros conceitos que se enraizaram tão fortemente que dificilmente mudam.

- Mas essa de dizer que o marido pode fazer tudo só por ser homem... E se fosse ela?

- Havia de ser bonito! Sabes que estamos num mundo de homens e o respeito que o teu pai tem por mim, não é, infelizmente, usual. Se todos fossem como ele, poderíamos falar do sonho de igualdade. Assim...

- Mas a culpa também é das mulheres, ao defenderem assim os actos dos maridos.

- Sim e não. E digo também não, em virtude das verdadeiras lavagens de cérebro que as diversas educações e religiões incutem nas mulheres.

- E porque é que não lhe tentas abrir os olhos, para pôr o marido na linha?

- Tens que ver uma coisa, será mais fácil para ela a situação actual ou entrar em guerra com o marido, dono e senhor de todos os bens e dinheiro lá em casa?

- Mas se ela falasse com ele...

- Já te disse que ele não é o teu pai. Se for preciso, bate-lhe!

- Bate na mulher?!

- É a vida que muitas mulheres têm.

- E não lhe dizes nada, para a obrigar a mudar?

- Por mais que me entristeça a situação, não posso obrigá-la a mudar. Nunca te esqueças, podemos aconselhar e opinar, mas nunca forçar os outros a fazerem o que achamos correcto.

*

* *

Quando me preparo para aprontar qualquer coisa para o jantar, toca a campainha.

- Olá Leonel! Entra – Espreito para o corredor – Vens sozinho?
Meio atrapalhado, confirma.

- Queres beber alguma coisa?

- Não.

Tem as mãos nos bolsos das calças, com os ombros chegados à frente. Dá pequenos passos laterais para ambos os lados. A sua postura indicia algum problema que quer expor, sem saber como o há-de começar.

- Senta-te.

O que fez, excessivamente rápido. Começa a rebuscar conversas de ocasião.

- Estás de férias, não é?

Acho melhor aguardar um pouco, antes da sacramental pergunta sobre o que tem atravessado.

- Acabam no domingo, dia que a Lúcia chega da Austrália.

- E então, está-se a dar bem?

É notório que a resposta não terá interesse, pois a sua cabeça está noutra onda, mas deixo-me ir ao sabor. Provavelmente por estar sempre fechado num gabinete com a única companhia dos números, o Leonel nunca me pareceu muito arejado e desinibido, estando hoje a apresentar-me nova prova.

Ao esgotar as trivialidades que lhe vieram à cabeça, percebo que chegou a altura de começarmos a falar.

- E como é que estás?

Um vago tudo bem foi a resposta.

- Não, Leonel. Eu não perguntei se estava tudo bem, perguntei como estavas...

Foi mudando de feições enquanto me encarava. Finalmente chegou onde pretendia desde que cruzou a porta.

- Ando a ter problemas com a Vanda.

- Que tipo de problemas? – Agora é a minha vez de me preocupar.

- Sei lá! Anda esquisita...

- Mas esquisita como? Alguma questão de saúde?

- Não. Começou com umas manias de que eu teria uma amante.

- E porquê?!

- Como é que posso saber? Deve ser dessas merdas que as mulheres têm de intuições...

Oh porra! Com a minha amiga Vanda não! Dá-me uma súbita vontade de o descompor mas arrefeço a tempo, pois deduzo que não sejam críticas que espera mas de alguém que o oiça.

- Foi algo ocasional ou é mais permanente?

Custa-lhe falar. Não é pessoa para se abrir, pelo menos comigo. Mas como estou sozinho, devo ser a melhor opção.

- Agora já aceito a tal bebida.

- Serve-te à vontade.

Não o vou pressionar, mas dar-lhe espaço para tomar a iniciativa. Recuso-me é pensar na imagem da Vanda como mulher traída, pois nutrimos uma bela amizade de mais de trinta anos e receio que comece a disparatar com este cabrão.

Copo na mão, senta-se, hesita e

- Posso confiar em ti, para que isto não saia daqui... – O final não deu para entender se era afirmação ou interrogação.

- Se achares que sim, continua. Se duvidares, cala-te.

A resposta baralhou-o, mas acabou por compreender que era afirmativo.

- Oh pá... – como um motor que arranca numa mudança acima e finalmente começa a desenvolver – isto já dura vai para uns dois meses. – Sacana do caraças! – Costumo ir almoçar ao pé da agência e, sabes como é, cai tudo à mesma hora.

Ganha (mais) uma nova posição no sofá, dado que vai tocar no fulcro da questão.

- Estava a comer sozinho. Como a mesa era de dois, e com o restaurante cheio, uma gaja, podre de boa, perguntou-me se podia partilhar a mesa. Claro que diria sempre que sim, mais a mais a um naco daqueles...

Entrou nas comparações gastronómicas.

- Engraçou comigo e estivemos a falar animadamente. No dia a seguir, e apesar de haver outras mesas vagas, tornou a perguntar o

mesmo. Oh pá, tás a ver! Comecei a ficar entusiasmado, uma gaja com um body daqueles a dar-me trela...

Já vamos nos animais.

- O que é certo é que nesse mesmo dia e quando estava a sair, vejo-a passar à porta da agência, carregada de sacos. Eu tinha deixado escapar que saía às seis e a essa hora vendo-a ali em frente a necessitar de ajuda, penso logo “é agora, que ela quer festa”!

Passar-se por inocente vai ser o seu último passo depois de me contar tudo em pormenor. E só o está a fazer porque vai querer a minha ajuda. Já vi o filme todo.

- Ofereci-lhe boleia para não ir tão pesada nos transportes e, quando chegámos, perguntou-me se queria beber alguma coisa – Faz uma ligeira pausa como quem revê a encenação – Subi e, cum caraças, foi como nunca imaginei! Parecia que o mundo ia acabar ali...

Ainda hesito em pedir-lhe para deixar os pormenores na sua intimidade, mas estou surpreso demais. Enganou a Vanda e vangloria-se gloriosamente.

- O pior foi quando saí. Comecei a pensar na Vanda – quem diria! – e os remorsos a fazerem das suas. Imaginei o que seria se ela descobrisse – seriam os remorsos ou o medo? – e prometi a mim próprio que não ia arriscar mais. Principalmente porque durante o resto da noite tive sempre a sensação que me olhava desconfiada. Não faço ideia se era sugestão ou não, mas mais reforçou a ideia que tinha que ser algo passageiro.

Calou-se, pensativo, como quem espera uma deixa. Faço-lhe a vontade.

- Mas?

- E dizes bem, mas! A São não apareceu no almoço seguinte, logo quando eu queria pôr um travão. Passei o raio da refeição sempre a olhar para a porta! Concluí que ela também queria que fosse uma só vez, como aquelas bandas cujo disco de lançamento é um enorme sucesso e depois não editam mais para não ofuscarem a

glória. O problema foi a explosiva mistura que tomou conta de mim. Aliviado por ter acabado, mas frustrado por ter acabado. Percebes?

Não me obrigues a responder quando já estou a ver o resto do filme, que vai recomeçar com “mas no dia seguinte, lá estava ela...”. Faço um aceno de mão para continuar, que também serviu para pensar que tinha percebido tudo. Perceber, percebi, compreender é que não. Gosto demasiado da Vanda para ser imparcial, principalmente por ela estar no papel da injustiçada.

- Mas no dia seguinte, lá estava ela... – que surpresa... – insinua-se e, fresco dos momentos que passei, recuperei logo o entusiasmo. Entusiasmo que refreou quando pensei novamente no que a Vanda poderia fazer se descobrisse – Ah! O problema não é ser enganada, é descobrir! – Mas sabes o que a São me propôs?

Deve ter sido algo de muito bom, para os olhos dele brilharem como quem ainda vive esse momento.

- Que nesse dia tinha uma amiga lá em casa e que podia ser um ménage à trois!

A sua cabeça abana como quem espera que eu salte de entusiasmo. Pouco lhe importou a minha passividade, pois prosseguiu no relato da sua nova faceta de D.Juan da Moita, acabado de descobrir que afinal o sexo existe, mas a quem o perigo dá outro sabor à adrenalina.

- Nunca imaginei ser possível uma coisa daquelas! As duas fizeram-me um show que eu me ia passando! A São então, é uma gaja mesmo desinibida que trata o sexo por tu.

Dá outro gole no copo.

- Infelizmente, a amiga nunca mais apareceu. Imagina que nem sei o nome dela! – Larga um daqueles risos porcos, típicos de alguém que se acha dono de algum pertence. Só lhe falta a barriga – E o que é certo é que não tenho conseguido largar a São. Nem sei se quero! O que não quero é ter a mínima chatice com a Vanda. Então com a Sandra metida no meio, estás a ver o meu problema!

Finalmente chegámos à altura do debate, depois de ter gramado os seus jogos olímpicos sexuais.

- Estou a ver o teu problema, estou. Mas e o problema da Vanda?
- Se ela não desconfiasse, seria tudo perfeito.

Porco de merda!

- Queres então dizer que o mal está nela.
- Foda-se, eu sabia! Sou mesmo um estúpido do caraças! Nunca devia ter falado disto contigo! Tu só sabes defender as mulheres. És homem, não tens nada de maricas, mas só defendes as mulheres e o sentido de justiça em vez de te preocupares com a nossa cumplicidade masculina. Porquê?

Sobrevivi às catacumbas do comodismo.

- Talvez por isso mesmo é que defendo as mulheres, porque gosto delas e...

- E estás a insinuar que eu não? – Adquire a feição de quem supõe que foi beliscado na sua honra.

- O que te estou a dizer não é o que pensas. Há muitas maneiras de gostar. Há quem tenha animais simplesmente para ser dono, para mandar, para obrigar com o seu pulso o animal a fazer aquilo que ele pretende e há quem tenha animais porque gosta deles e os estima. Há quem goste de mulheres não as respeitando e há quem realmente goste de mulheres e as trata como merecem ser tratadas.

- Mas tu dando exemplos com animais não vais contra os teus princípios de defesa das mulheres? – Ironias baratas que lhe fazem pensar que chegará a algum lado.

- O exemplo é perfeito, talvez pecando por defeito, pois muito homem trata melhor os animais do que trata as mulheres. E não será necessário dar exemplos de certas regiões do globo pois, infelizmente, cada uma tem o seu estilo peculiar. O que ninguém me tira da cabeça é que nós, como homens, deveríamos ser os primeiros a defender aquelas que tanto dizemos que gostamos e que, supostamente, protegemos.

- Falas das mulheres como se fossem perfeitas...

- E tens razão, são perfeitas! Aliás, são tão perfeitas que até têm as suas imperfeições!

Frase excessivamente elaborada e de significado ao nível da nossa melhor percepção, que o confunde e lhe abre a porta para argumentos patetas.

- Tratas tão bem que até te separaste duma...

- Sempre a respeitei e o divórcio não tem nada a ver com isso, mas com opções pessoais de parte a parte.

- Mas vais-me dizer que nunca a enganaste?

- Tive apenas um dia de devaneio, onde troquei beijos com uma conhecida durante o namoro, mas foi daquelas coisas que se fazem quando ainda nem vinte anos temos – Logicamente não digo que foi a Vanda, não há necessidade e nem se conheciam ainda.

- Oh pá, refiro-me é a quecas, não a beijos de merda!

- Não. Quando comecei a pensar nisso, foi quando nos decidimos separar.

- Tá bem santinho! Vais-me dizer que aparecia agora uma gaja toda descascada à tua frente e viravas os olhos e não lhe saltavas para a espinha.

O eterno mito do sempre disponível.

- Estou plenamente satisfeito com o que tenho, mas a tua frase significará que também compreenderias que a tua mulher não desviasse os olhos se aparecesse um gajo todo descascado à frente dela?

Apetece-me picá-lo, o que consigo na perfeição, pois os olhos quase lhe saltam das órbitas.

- E achas que é a mesma coisa? – Está a apenas dois tracinhos de gritar, tal a sua macho-fúria versão três.

- Esta discussão não valerá muito a pena quando ambos sabemos que defendemos posições enraizadas e culturalmente antagónicas. Só estamos é a desviarmo-nos do assunto. O que pretendes fazer?

- Não sei! – A frase serviu para cair novamente em si e no seu dilema – Por isso é que te vim pedir ajuda.

- Ajuda queres. A questão é saber se te queres ajudar.

- Não me confundas que já tenho a cabeça feita em água!

- Então que ajuda pretendes?

- O que fazer? O meu dilema é: Querer continuar a viver com a Vanda, mas continuar a ter sexo com a São.

- Queres continuar a gozar e a Vanda não descobrir? Não tens forma.

- A vida é complicada!

Está quase a pronunciar-se como a vítima.

- Não me sinto bem a fazer esta pergunta mas, como se pretende que seja uma conversa aberta, tenho que ta fazer. Porque é que te faz tanta falta a componente sexual, quando tens a Vanda em casa?

Quase que adivinho a resposta. Sempre achei a Vanda um fogo por atear.

- Oh pá! – Está nitidamente atrapalhado – Sabes como é...

- Se não me disseres, não sei.

- Oh pá! – Procura as palavras menos penosas – Como ela é a minha mulher, inibo-me de muita coisa e limito-me a praticar o normal.

Só não adivinho o totoloto!

- Não compreendo. Um casal deve deixar voar a sua imaginação e fantasia no sentido de se amarem da maneira que mais anseiam. Inibição não rima com casal.

- Podes ter razão, mas não é fácil.

- O que querem fazer, não o fazem por inibição. Mas tu, pelo menos, chegas ao pé duma desconhecida e abres o livro. Aonde é que essa tal de inibição vos leva? Ao que estão, ou vão, agora passar?

- E de repente mudo e passo a ser mais desinibido? E se leva a mal? E se não gostamos?

- Pensa como funcionam os caleidoscópios.

- O quê?!

- Sempre que o rodamos, nunca sabemos que efeitos irá produzir, mas são sempre belos. É como fazer amor ao sabor dos sentidos.

- Essa é bonita, mas estamos casados há nove anos, nunca iremos conseguir dar a volta à nossa estafada relação.

- Nunca, é uma palavra muito forte.

- Porra, falas tudo por códigos!

- Queres outro? Cá vai – Quando a coisa muda para a maré da ofensiva, é aproveitar – A São é um trailer, a Vanda é o filme.

A sua resposta é um abrir de boca na mais completa perdição.

- Eu explico. Um trailer tem cerca de dois minutos, uma pequena amostra do filme onde se colocam os melhores momentos, ordenados e misturados de maneira a tornar a obra apetecível. Quase todos nos dão a sensação que não o podemos perder. Chegamos ao filme e temos uma média de duas horas, obra completa com todas as suas perfeições e imperfeições que a farão pender para um lado. Estás entusiasmado com a São porque estás só a ver o trailer. Pensa nisso e pensa na mulher que tens. Cabe-te a ti, e só a ti, decidir o que é melhor, tendo consciência que as duas situações são inaceitáveis. Não posso fazer mais, não te posso obrigar a fazeres aquilo que na minha posição de outsider considero o correcto, só posso opinar se tal for pedido. Foi o que fiz, agora é contigo. Pensa! Com a cabeça e o coração.

Durante um certo tempo o silêncio imperou. Até que agradeceu e se retirou de postura derrotada. Quando estamos perdidos pedimos ajuda, convencidos que nos vão oferecê-la em bandeja de ouro. O choque é apercebermo-nos que está numa caixa da qual só nós possuímos a chave.

Fiquei perturbado ao imaginar no que a minha amiga Vanda estará a passar, apetecendo-me ir falar com ela, ajudá-la, apoiá-la, dar-lhe carinho, mas tendo que ficar quieto pois nada sei, nada se passa até ter uma palavra sua, um chamamento, se precisar de o efectuar.

Juro que houve alturas em que tive ganas de pespegar um murro ao Leonel, para o despertar. Mas não o posso fazer, pois a vida do casal está nas mãos deles. Só eles saberão o rumo a tomar, consoante as suas (certas ou erradas) decisões.

Ao deitar-me, visualizo-os no seu leito. Juntos fisicamente, mas a caminharem para lados opostos. O afastamento da proximidade.

O sono demora a chegar. Passam-me todas as frases ditas nesta conversa que não me deixou bem. É curioso que a grande maioria de homens que conheço, gostam é da companhia de outros iguais, de trabalharem entre eles, enquanto eu prefiro a companhia, no lazer e no trabalho, das mulheres. Eles estão sempre a falar nelas, mas parecem que apenas as querem para o que é que é. Tenho uma teoria, muito pessoal e que se chegasse aos ouvidos de muito boa gente provocaria revolta, mas penso que os homens têm medo das mulheres. Ter medo no sentido de se recear aquilo que não se compreende e em vez de se efectuar um esforço para tentar entender, o refúgio é o afastamento. Adoro as mulheres. A beleza da sua maneira de ser alia-se à beleza das suas linhas. Alguém me disse uma vez que o homem era o rascunho e a mulher a obra de arte. Não sei se se referia apenas ao exterior, se o foi, acrescento o interior. As mulheres conseguem ser gente quando sozinhas. Nós não somos nada.

De repente entendo tudo quando penso no exemplo dos animais. A maioria dos homens prefere cães, eu adoro gatos. O cão é masculino, o gato é feminino. O cão ladra como se mandasse, mas é cegamente obediente ao dono. O gato, fisicamente mais frágil, acaba por impor a sua vontade pela força do seu carácter. O cão na sua ânsia para comer, brincar ou aliviar-se, leva tudo à sua frente. O gato faz-se esperar, vincando o seu andar femininamente felino. O cão tem que ser mandado, o gato compreendido. O cão é dependente na sua higiene, o gato tem essa constante e obsessiva preocupação. Ao cão ensina-se o argumento da força, o gato ensina-nos a força do argumento. O cão é masculino, o gato é feminino. Vivó gato!

Domingo chegou! Domingo chegou! Domingo chegou!

O amor é sempre juvenil e carregado de entusiasmo.

Se fosse um filme, era a altura da música explodir, dos pássaros voarem, do Sol resplandecer no seu trono. Nada é necessário, pois tudo isso já me domina a mente.

Cheguei bem cedo ao aeroporto. Sento-me na sala de espera. Levanto-me e dou uma volta. Olho para as televisões. Sento-me. Levanto-me e vou à papelaria. Para não perder a prática, torno-me a sentar. Levanto-me, olho para as televisões que continuam a manter a mesma hora prevista. Dá tempo de ir à casa de banho. Volto e já não me consigo sentar. Fico com os olhos presos na televisão até aparecer a indicação que aterrou. O ritmo cardíaco dá um pulo. Se alguém desconfiar que estou nervoso, pode passar a status de certeza. Sabia que ia estar expectante, não imaginava é que estivesse tão impaciente! Mas o local também é propício à não clareza de espírito.

Pelos meus olhos, e nos últimos minutos, já passearam uns quantos fragmentos de emoções. Desde a frieza de hábito adquirido com que se recebe um homem de negócios em mais uma viagem atrás do sucesso, ao choro incontido de familiares separados por largos anos de saudade, ou ao entusiasmo de quem chega para conhecer mais uma aldeia deste mundo global, além de outros inúmeros exemplos provando que cada caso é o seu caso e não pode ser menos importante.

Coloquei-me mesmo em frente à saída, com os tapumes atrás de mim. No dia que vier a este aeroporto e não hajam obras ou alterações é porque me enganei.

Estranho a demora, até a luzinha da pouca clarividência que me resta, acender. Não é uma viagem dentro da comunidade, logo, a carga burocrática é maior.

Pode parecer que o tempo não passa, mas a vantagem deste tipo de espera é de ser recompensado por aquilo que nos move. Finalmente descortino a Lúcia, como se de repente todos ficassem na penumbra e os holofotes só incidissem nela. Quando me vê, a sua cara abre-se em contagiante alegria e, como uma boa profissional de marcha, acelera a raiar a corrida. Um nó atacou-me a garganta e os olhos humedeceram. Abraçamo-nos com a força que nos é dada pela saudade de sentir o outro bem chegado a nós. Beijamo-nos. Chegam os pais e o irmão. Se houvesse um concurso

para eleger o que tem o aspecto mais cansado, a escolha seria difícil.

Pego nas suas malas com o braço direito e com o esquerdo abraço-a. Encosta a cabeça ao meu ombro e olha-me cansada mas feliz, esboçando um sorriso encantador. Com os olhos, tiro-lhe uma fotografia que irá ficar patente na minha exposição permanente de imagens inesquecíveis como um perfeito quadro dum qualquer museu de felicidade.

15

Dar as mãos

Hoje a Lúcia demora-se um pouco mais. Aproveito e vou para casa adiantar o jantar. O mês de Agosto, período privilegiado de férias, é ótimo para quem as desfruta, mas para quem fica significa trabalho a dobrar. Verdade seja dita, possui a enorme vantagem de entrarmos no carro e interrogarmo-nos para onde terá ido o trânsito, e nos almoços até temos o luxo de escolher a mesa.

Readquiri prazer ao jantar caseiro. Da solidão, passei para a companhia constante da Lúcia. É rara a noite que não passamos juntos até... lá para a meia-noite. Segue-se um incomodativo corte e o esfriar dos lençóis. Enquanto viver em casa dos pais, considera incorrecto não aparecer. Por mais que me custe, respeito. Tenho é uns planos... Estamos a meio de Agosto, esperemos mais três semanas.

Ao estacionar, torno a sentir o bónus anual do oitavo mês, pois arrumo em frente à porta do prédio. No outro lado da rua, um vendedor da Cais tenta vender a sua revista, perante o agrado de quem a conhece e a desconfiança de quem ignora a intenção.

Atravesso e compro-a. Ajudo uma instituição que merece e sou prendado com páginas de qualidade fotográfica acima da média. Quando torno a cruzar a rua, noto que alguém vem ao meu encontro.

- Que coincidência!

- Rita! – Foi o que pronunciei, mas tendo soado interiormente como «Rita?», tal a admiração que me provocou o seu aspecto. Não estava a Rita hiper-produzida dos últimos tempos. A Vanda já me tinha avisado, acho que no jantar de Abril, que ela não estaria bem. Tenho agora a confirmação.

- Fui ali tratar duns assuntos, nem me lembrei que moravas para aqui. Já não nos víamos há uns tempos...

- É verdade!

Dou razão à Margarida Rebelo Pinto quando escreve que não há coincidências. Conheço-a bem de mais para notar que é propositado. Faço-lhe a vontade e convido-a a entrar.

- Se calhar vou incomodar...

- Francamente Rita! Achas que és um incómodo? Sobe lá...

Entra, remira a casa e elogia-a.

Está diferente! Falta-lhe aquilo que sempre lhe deveria ter faltado, arrogância, cinismo e forma interesseira de encarar a vida. Está mais... não me ocorre bem a palavra. Mulher! É isso, está mais mulher. Consegue ser mais feminina assim, mesmo com as suas madeixas a perderem qualidade e os olhos com papos. Parece mais pequena, talvez por não estar tão altiva. A Vanda tinha razão, aqui há coisa.

- Então como vais?

- Bem!

Ergo o sobrolho direito. Não ofereceu resistência.

- Ok! Não muito bem. Mas são fases e esta há-de passar. Nem sempre podemos estar a cem por cento.

Frases feitas que escondem algo.

- O que te corre mal?

- Emprego, pessoas, de tudo um pouco – Diz, vagamente, enquanto diverge a atenção para uma fotografia que tenho em destaque na mesa – Quem é?

Curiosidade e fuga. É evidente que precisa de desabafar, mas não está preparada.

- Lúcia, a minha namorada – Afirmo com orgulho.

Chega-se à frente para apreciar melhor, readquirindo o instintivamente feminino sentido de crítica.

- É bonita. E está bem conservada, parece muito novinha.

Não poderia ter sido directa e perguntado a idade?

- É natural, tem vinte e três anos.

- A sério? E... é só... para passar o tempo?

As ideias preconcebidas são assim mesmo, temos que levar com elas regularmente se saímos do que se considera estandardizado.

- Muito pelo contrário, é bastante sério.

Mantêm um ar que conheço bem.

- Não fiques com essa cara, diz lá o que tens para dizer.

- Não me leves a mal, mas estava aqui observar a fotografia e, ao vê-la tão jovem, a divagar comigo própria se não querias recuperar a partir do ponto que divergimos – Também? Muita gente lê a mesma cartilha – Ou então o teu ideal será alguém que não cresça...

Nem precisou de olhar para mim, pois mal acabou de pronunciar a frase fez um esgar de arrependimento.

- Oh Miguel, desculpa! Não deveria ter dito isto. Desculpa-me que não ando bem.

- Isso estou eu a notar – Até pede desculpa!

- O importante é saber se se dão bem e são felizes um com o outro.

- Podes ter a certeza que sim.

Aperta-me o braço.

- Fico feliz por ti!

As surpresas são tantas que até lhe sinto sinceridade neste seu volte-face.

- E o... – Habitado a apelidá-lo de marreco, nem me lembro do nome.

- Amaro?

- Sim.

- Faz parte do passado. Parafraseando alguém, é mesmo um marreco!

- Já me apercebi que não acabou bem.

- Nunca mais o quero ver! O que mais me chateia num homem é a falta de carácter. Podemos mudar de assunto?

Ali houve coisa. E não é a única, mas entendo que apenas pretenda falar para não pensar no que a apoquento, por isso começo a puxar toda uma panóplia de conversas que nos vão entretendo. Falamos também da Lúcia e, palavra de honra, noto os seus olhos brilharem por se aperceber que estou bem. Deixa-me feliz! E, quando dou por mim, recordo nostalgicamente os agradáveis momentos que nos enchiam a alma, das alturas que falávamos e tínhamos prazer nisso. Neste momento estou a ter prazer ao falar com a Rita, algo que, com ela, já não sentia há muito. O que se passou depois não poderá fazer esquecer o que construímos, não podemos fechar a porta ao passado. Não que queira regressar, nunca, mas é saudável que duas pessoas civilizadas saibam entender-se e mantenham a chama da amizade. Será que estamos a chegar a esse ponto onde poucos, infelizmente, chegam?

Mas esta alegria que sinto está enevoada por algo latente na Rita. Algo forte que a abanou a ponto de ter deixado cair as máscaras que a tornaram indesejável. Provisório, permanente? Por vezes temos que ser violentados nas nossas convicções para nos apercebermos que lados há muitos, tantos como no mundo, que redondo como é, acabam todos por se unir num só.

Com os olhos perscruto-lhe a alma e sinto-a triste, abandonada, revoltada, receosa. Algo de muito forte lhe está a consumir a energia. É curioso, mas recordo novamente a sua beleza. Apesar do ar cansado e magoado, dos olhos tristes mas conformados, a Rita mantêm-se bela, ou melhor dizendo, recuperou a beleza que

escondeu atrás da arrogância que não deixava respirar a mulher que transporta consigo. Os seus braços estão novamente soltos. Sou um apaixonado apreciador de braços femininos, membro geralmente pouco considerado pelos homens, habituados a observar mais o evidente do que o subtil. E como diferem os braços dos homens e das mulheres! Em nós, algo de estático, controlado, ícone de força. Nas mulheres, os braços e seus movimentos reflectem toda a feminilidade interior, ondulam graciosamente ao sabor das emoções fazendo par com as linhas do corpo e sendo elemento primordial na maneira elegante ou simples de vestir e estar, culminando nas mãos que melodiosamente se mexem como quem toca harpa. Um homem arregaça as mangas porque tem calor ou para facilidade de movimento. Nas mulheres, as mangas são um elemento fundamental de elegância, ou por não estarem lá, ou por colocadas milimetricamente a meio do braço, ou por taparem metade da mão, mas sempre realçando a beleza.

Não tivemos noção do tempo, embrenhados na conversa como dois adultos que se recordam de agradáveis momentos do passado, que não volta mas está sempre presente. Ouviu-se então uma chave a rodar na fechadura.

- Ah! Chegou a Lúcia.

Notei no seu olhar que terá pensado “deve ser mesmo sério para já ter a chave”. Conhece-me bem.

Faço as apresentações.

A Lúcia, apanhada de surpresa, disfarçou a sua admiração pela presença da Rita.

- Ainda te deu um bocadinho para tarde... – constato à Lúcia.

A Rita olha para o relógio e,

- Ai meu Deus, oito e quarenta! A Lúcia não me leve a mal, acabou de chegar, mas tenho mesmo que ir. Não me podia ter demorado tanto!

- Não vais não! Jantas connosco – Convido, ainda agradado pela conversa.

A Lúcia forçou com o aceno afirmativo.

- Fica para outra altura, tenho mesmo que ir, ainda tenho uma série de coisas a tratar, mas agradeço a vossa simpatia.

Deu-me dois beijos, fazendo o mesmo à Lúcia a quem manifestou o prazer de a ter conhecido. Após um passo em direcção à porta, parou, hesitou, virou-se, segurou o braço da Lúcia e aconselhou aquilo que nunca imaginei ouvir, por mais anos que viva. Uma orgulhosa a retratar-se.

- Lúcia, não me interprete mal, mas entenda como um conselho amigo. Não faça os mesmos disparates que eu fiz!

Virou-se, escondendo a emoção, e saiu.

Fiquei estarecido! Esta não é a Rita, não pode ser! Ou então... ou então passou-se qualquer coisa de muito forte que a marcou implacavelmente. A Rita não reconhecia erros, a Rita não se desculpava, a Rita não se emocionava, a Rita não permitia o que chamava de fraquezas. Estou confuso e preocupado, quando deveria estar contente. Sei, sinto, que há algo. Ainda o hei-de descobrir.

Olho para a Lúcia e o seu semblante não só reflecte admiração como desconfiança. Está em pé, parada no mesmo sítio, à espera de compreender.

- Podes-me explicar o que se passou aqui?

- Não! Não sei o que te dizer. Deves pensar que te enganei quando acusei a Rita de cobras e lagartos e vês uma pessoa bem diferente. Não percebo o que se passou, mas que deve ter ou teve um problema grande que a marcou, não há dúvida. Esta não é no que a Rita se transformou.

- Mas tu não percebes? És bom demais com as pessoas, queres acreditar nelas e depois não vês o que escondem. Deixa-me adivinhar, sempre é verdade que acabou com o outro?

- Sim – Respondo maquinalmente, sem pensar no que pretende concluir.

- Devias conhecer melhor as mulheres. Ela quer é reconquistar-te e veio disfarçada, escondendo aquilo que te afastou. Não podes ser tão ingénuo com as pessoas!

- Ouve Lúcia, viste-a dois minutos e fizeste esse enredo, mas eu conheço-a há dezoito anos, vivemos oito anos de casamento e posso-te garantir que alguma coisa penosa e grave a abanou.

- Até poderia ser mas... repito, parece mesmo que não nos conheces! Isto é um jogo dela – Reafirma.

Começo a brincar.

- Tu estás é ciumenta...

- Não estou nada!

- Estás, estás!

- E se estivesse? – Já meia a sorrir.

Depois de saciar o riso, falo mais convincentemente.

- Achas que possa existir o mínimo risco de eu cair, caso seja algum jogo? Tens dúvidas do que sinto por ti? Não há nada nem ninguém que pudesse pôr em perigo o nosso amor, não acreditas?

- Não é isso, amor! É que...

- É que, o quê?

Encolhe os ombros e faz um tique à coelho com o nariz.

- Olha, vamos é fazer o jantar – Perdeu os inexistentes argumentos.

Estendo-lhe a mão e, ao agarrá-la, puxo-a para o sofá.

- Há tempo! – Enquanto a vou beijando e acariciando.

Começamos a abandonar este mundo e entrar num só nosso e onde só nós cabemos e temos lugar. Apelidamos de mentira à lei da física que alega que dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço, pois fundimo-nos num só penetrando na alma de cada. Amamo-nos, voando ao sabor da nossa paixão que nos move para sítios nunca visitados, alimentado os nossos sentidos com uma beleza paradisíaca.

*

* *

Só, triste, abandonado, magoado, desanimado, tudo ocorre e corre na cabeça do rapaz ao ver a Manuela dar troco ao Eduardo, rindo-se

de qualquer disparate dele como se fosse o prémio Nobel da piada, enquanto para os seus esforços a paga é a indiferença. Pensa que ela ainda irá cair em si e ver o erro que cometeu, mas aí será tarde demais, pronto!

Torna a ganhar atenção para a aula de Português, concluindo que pouco perdeu enquanto dava a quarta excursão do dia pela inerte Lua, dado que a sotôra ainda está a dissertar sobre o mesmo canto dos Lusíadas.

Toca a campainha, todos se levantam como uma mola e arrastam as cadeiras mais rápido do que o tempo que demora ao carro de trás apitar quando cai o verde.

- Um momento, um momento! – Solicita a sotôra.

Com ar enfadado de quem se vê privado do seu direito de dez minutos completos de intervalo, a turma é avisada que no dia seguinte virão uns psicólogos fazerem testes psicotécnicos para lhes darem a conhecer aquilo que o seu íntimo anseia ou é mais capaz.

Ao fim do dia, o rapaz vai confuso para casa. Sente que, ao fim de dezasseis anos, está a chegar a altura de tomar decisões. Ser adulto será fixe, mas entrar nessa de decisões é careta.

Aproveita o jantar para conversar com o pai e expor os seus medos:

- É que tás a ver, como é que eu sei que o quero hoje será aquilo que pretendo fazer aos trinta e seis ou cinquenta e seis? Como é que posso ter a certeza?

O pai sorri, massaja as mãos e confessa:

- Não podes ter a certeza! Tão simples quanto isso. Nunca podemos ter certezas. O mais iluminado pode prever, mas não passa de uma previsão falível, o melhor escritor pode ficcionar mas, na realidade, não sabe escrever sobre o futuro. Ninguém sabe, porque o que virá está fechado a sete chaves dentro de tudo e de nós, porque todas as nossas decisões e todas as inúmeras decisões alheias traçarão o rumo que seguiremos. Será correcto? Não será? Não podemos saber. Por vezes somos é abençoados com um dom fantástico, seja quem escolhemos para viver, seja o que escolhemos

para fazer, a maioria faz porque acredita que é o correcto, mas os tais abençoados sentem que é o que está certo. Há uma grande diferença entre acreditar e sentir. Há quem escolha o parceiro por acreditar que é ele e há quem o sinta. Há quem escolha uma profissão por acreditar nela e quem sinta que é a sua. E isto é aplicável a tudo de importante e merecedor de relevo. A grande diferença é que o acreditar é um esforço e aplicação que praticamos, enquanto que o que sentimos é algo nosso, muito nosso, que está no nosso interior, no nosso coração, no nosso sistema nervoso, nos nossos órgãos, entranhado na nossa pele e que não nos irá trair.

*

* *

Sexta à tarde, cumprir a última etapa deste rally semanal até controlar no posto que me libertará para o fim-de-semana. Porém, não me sai da cabeça o que se passou na quarta à noite. O que terá a Rita? Ontem, para não ser logo no dia a seguir, evitei ligar-lhe, mas hoje tem que ser, tenho que dar descanso à curiosidade, se é que não a vou aumentar mais.

Coitada da Lúcia, ficou com receio de alguma investida. O amor é assim mesmo, constantemente temos que provar e demonstrar tudo o que sentimos. É isso mesmo, o que sentimos. Cheguei à conclusão, por comparação, que sempre acreditei na relação com a Rita, sempre me esforcei mas não deu, acabou quando já não acreditava. Com a Lúcia é um amor diferente, sinto que é diferente, não pela força do acreditar, mas por sentir. Algo tão inexplicável como o amor, que por mais palavras com que se defina apenas se esboça uma pincelada em vez do quadro. Só compreende quem já voou ao sabor do vento da sentida paixão, missão impossível para quem nunca foi tocado por esta sensação. Com a Rita era eu, ela e nós. Com a Lúcia é ela, fazendo eu parte integrante de si, da sua alma. É o sentir que nasci para a amar. Que pelos vistos não é

suficiente para evitar ciúmes. Enfim, faz parte, o que não o faz é a estranha atitude da Rita.

Ligo-lhe, esperando que ainda tenha o mesmo número de telemóvel. Chama uma vez, duas, três... (será que mudou?), quatro... a próxima irá para o voice-mail, ah, atenderam, mas não é a sua voz, embora a esteja a reconhecer... já sei, é da mãe.

- Não me está a conhecer?

- És tu Miguel?

- Como está? – Sempre me dei bem com a minha ex sogra. A partir duma determinada altura, passei a dar-me melhor com ela do que com a filha – Gostava de dar uma palavra à Rita, ela está consigo?

Um embaraçado silêncio imperou durante alguns segundos.

- Mas é para alguma coisa em especial? – Perguntou com o tom de quem pretende disfarçar, o que mais me intrigou.

- Precisava de falar com ela.

- De momento não está – Diz rapidamente como quem se lembra de lançar uma desculpa para ver se pega.

Faço contas de cabeça. Sou tão previdente em tantos assuntos, menos nas conversas. Há quem as prepare calculando todos os cenários possíveis, seguindo à frente das frases. Eu vou sempre atrás das palavras ditas natural e sinceramente e assim sou apanhado na curva, ficando sem saber o que fazer. E como a verdade é sempre a melhor solução:

- Ema! Estive com a Rita há dois dias e achei-a estranha. Fiquei preocupado e vinha saber se poderia ajudar nalguma coisa. Era só isso que pretendia. A Ema sabe o que se passa? – Não teria dito nada para não a apoquentar, se não tivesse entendido que estava dentro do assunto.

Mais um pouco de silêncio, cortado por uma respiração funda.

- Olha Miguel, a minha filha ainda se vai zangar comigo, porque prometi-lhe que não diria a ninguém, mas faço-o com a melhor das intenções para o seu bem, custa-me imenso ver como está.

Contou-me que estava num corredor do Hospital Particular. A Rita estava a ser observada pelo médico, depois de ter sido ontem

operada. Há uns meses atrás foi-lhe diagnosticado um tumor no útero, retirado na operação que os médicos afirmam ter corrido bem.

- Então, esteve comigo na véspera e não quis dizer nada!

- Não quis dizer a ninguém depois de já ter passado muito. Imagina que o Amaro a deixou no preciso instante que começou a dar sinais de estar com algum problema. – Que sacana! – No emprego e em virtude de não poder render o que os habituou, começou a ficar na prateleira – nada que não a tivesse avisado – e estas duas situações doeram-lhe bastante, tem estado muito deprimida e não só pela intervenção que considera o seu fim como mulher. Tem sido um período muito difícil, Miguel.

- Mas porque é que a Rita não disse nada? Não sabe que eu e o nosso grupo de amigos estamos sempre prontos para tudo? Ainda há pouco tempo falámos dela, a Vanda achava que não estava bem, mas não lhe consegui sacar nada. Porquê?

- Conhecês bem a Rita, é muito orgulhosa e não quer que a vejam em baixo.

- Mas os amigos são imprescindíveis nesta altura!

- Ela sabe, foi essa a razão que a levou a ir ter contigo na véspera de ser operada. Disse que precisava de falar descontraidamente com alguém realmente amigo e que não estivesse com pena da sua situação. Sem o saberes, fizeste-lhe muito bem na quarta, foi quando conseguiu interiorizar.

- Ela pode receber visitas?

- Poder, pode, mas só conta comigo que estou como acompanhante.

- Correndo o risco de pôr a Ema em xeque, acha que posso ir aí?

Depois de reflectir um pouco:

- Seja o que Deus quiser, vem! Irá zangar-se comigo, mas ainda me agradecerá.

- Posso ir já?

- Mas não estás a trabalhar?

- Paciência! – Também não iria conseguir continuar, sabendo que a Rita está a precisar de mim num momento particularmente penoso.

Bato à porta do quarto, a Ema sai e informa-me que já lhe contou.

- Repreendeu-me, mas percebi no seu olhar que gostou. Como fica acompanhada, aproveito para sair um pouco.

Fixa-me os olhos.

- Obrigado Miguel, és um bom rapaz!

- É um prazer revê-la. Continua elegante e bonita. Os anos não passam por cima?

- Passam tanto por mim como as mentiras que tu dizes! – Adora ouvir estes mimos, mas reage como se fosse invenção.

Entro no quarto. Com a pressa nem me lembrei de lhe trazer umas flores.

- Olá Rita!

Balbuçia um cumprimento qualquer. Sento-me na cadeira junto à cama. Dirijo-lhe um sorriso. Uma lágrima escorreu-lhe, mostrando o caminho a todas as que se seguiram. Abraço-a e massajo-lhe o cabelo. Evito as tradicionais expressões de “vá lá”, “então o que é isso”, “pronto já passou” e por aí fora. Deixo-a libertar tudo o que tem que sair, oferecendo-lhe o ombro, a presença, a amizade e o carinho.

Quando acalmou, dei-lhe a mão, ficando com a sua bem apertada na minha.

- Porque é que não disseste nada? Os amigos servem para alguma coisa, não é? – Falo calma, pausada e compreensivamente.

- Porque sou uma parva. Não me conheces já?

Aceno a cabeça e com a mão limpo-lhe os últimos sinais de choro.

- Diz-me a verdade! Foste tu que ligaste ou a minha mãe?

- Eu! Fiquei preocupado contigo na quarta.

- Precisava de falar com alguém conhecido. No final é que me fui abaixo, a Lúcia deve ter ficado com uma estranha impressão sobre mim!

- Ficou um pouco confusa, sim. A tua mãe é que já me pôs ao corrente da história do marreco e o que se está a passar na firma.

- Já percebes porque é que nunca mais quero falar desse desumano? Fugiu aterrorizado, coitadinho!

- Ele nunca prestou...

- Não é como tu que vieste logo a correr, apesar do que te fiz passar. Estes últimos tempos foram muito difíceis e fizeram-me ver o que realmente conta ou deveria contar. Não tenho desculpa por ter estragado o nosso casamento.

- Rita, o que é isso? Quando a coisa não resulta, as culpas são a repartir...

- Neste caso, sabes bem que não. O que não me conformo é o nunca ter querido ter filhos e agora... – a voz enrola-se – ...não os posso ter. Já nem mulher sou!

- És, sem dúvida que és. E, diga-se de passagem, bem bonita!

Saem-lhe, em golfada, mais umas lágrimas.

Entra uma enfermeira para controlar o soro. Ao ver-nos tão confidentes e de mão dada, pergunta:

- É o seu marido?

- Foi!

Como não soube o que deveria dizer, optou por confirmar o bom fluxo do soro e retirar-se.

- Ficou intrigada!

- Tens que concordar que não é normal esta situação.

- Partilhámos uma vida, não pode sobrar a amizade como herança?

- Pode, Miguel. Pode e deve – Olha-me fixamente como quem está a tentar entender algo – Às vezes interrogo-me o que poderá ter falhado connosco.

- Faltou isto! Falarmos e sermos amigos.

- Nem imaginas como estou arrependida!

- Também estás particularmente fragilizada.

- Não, estou é sem maquilhagem e de peito aberto. Sabes que quando tomei conhecimento da minha doença, que sempre receamos mas acreditamos que só aconteça aos outros, senti o meu mundo a desmoronar-se. Tudo o que acreditava deixou de fazer

sentido. Tive medo de morrer e perceber que o lado bonito da vida me tinha passado ao lado, encoberto por papéis, reuniões, posições, jogos, esquemas, sucesso, festas, glória e... um tabefe na cara! O que vou ser agora? O que vai ser de mim?

- Rita, tens o resto da tua vida à tua disposição, à tua espera para seres feliz. Com os teus amigos de mão dada contigo – Ergo as nossas mãos que continuam apertadamente entrelaçadas – Deixámo-te fugir uma vez, não o vais conseguir mais!

- Isso és tu que tens bom coração e perdoas tudo, mas como é que o resto da malta me iria receber depois de os ignorar e desprezar?

- Queiras ou não, a primeira coisa que irei fazer quando sair daqui é ligar-lhes. Vais sentir o que é a verdadeira, pura e genuína amizade a cercar-te e acariciar-te.

Um brilhozinho nos olhos antecipa um sorriso sentido.

Continuámos a falar sem tempo definido, redescobrimo dois novos seres. Poder desfrutar das mãos dadas e das conversas juntas é um ideal de vida a não menosprezar nesta amorosa amizade.

A Ema regressou em simultâneo com a enfermeira para outro tratamento, sinal que a minha hora chegou.

- Tchau amiga – Beijo-a na testa.

Saio com aquela sensação rara que, quando nos toca, enche-nos de felicidade. Saio liberto! Saio mais forte! Nestes últimos anos, tinha esta mancha fixa num canto perdido, mas sempre revisitado. Agora, sinto que soubemos dar a volta ao assunto, crescemos nas nossas convicções. Não sei se será a aproximação dos quarenta, onde começamos a preocuparmo-nos connosco em detrimento do eventual pensamento alheio, mas ultimamente tenho sentido vários desses escassos mas fundamentais beijos de libertação. Oferecidos por fontes tão diversas como a Lúcia, a Rita agora, a Sara e o livro. A libertação é fundamental nesta idade, que dificilmente chega antes pois ainda não possuímos a compreensão suficiente e necessária para mesurar entre a realidade e o idealismo. Normalmente persegue-se o idealismo sem se preocupar em alcançá-lo, enquanto a realidade forma-o e alcança-o. Soltar o prisioneiro que existe

dentro de nós é a meta. Libertamo-nos de quase tudo, ainda faltando aprender como o conseguiremos fazer em relação à maior das prisões, que dá pelo nome de tempo.

Quando chego à rua apetece-me assobiar. Ligo o telemóvel que, de imediato, me avisa da existência de mensagens. Era a Lúcia preocupada e com razão. Soube que tinha saído de repente e não mais me conseguiu contactar. Deveria tê-la avisado, mas foi tão repentino e, como estava convencido que não demorava, passou. Ligo-lhe.

- Tou Miguel! Aconteceu alguma coisa?

- Não querida, vim ver a Rita...

Não tive oportunidade de terminar a frase.

- E desligaste o telemóvel para não seres incomodado?!

Ai! A vida às vezes é complicada.

- Não, Lúcia. Desliguei apenas porque estava num hospital.

- Num hospital? – Três frases, três tons. Da aflição para a fúria, para acabar na preocupação. Expliquei-lhe a situação.

- Coitada! Por isso é que estava estranha na quarta. Pudera...

- E tu onde estás?

- Como não sabia de ti, vim para minha casa. Tinha acabado de estacionar quando ligaste. Dou meia volta?

- Dá! – Peço – Isto tudo mexeu muito comigo e estou mesmo a precisar de ti.

- Vou já a caminho, namoradinho.

Quando chegou, eu já tinha falado com a Vanda, a Ana e o Gaspar, que atendeu no outro telefone. De imediato decidiram ir visitá-la no dia a seguir. Também nasceu a ideia de, quando se puder mexer bem, organizar um jantar que funcione um pouco como o regresso da filha pródiga. Há que levantar o moral à Rita. Quem anda muito por baixo é a Vanda, depois de ter tido a certeza de todos os enganos do Leonel. Ameaçou pô-lo fora, ele respondeu com ameaças de suicídio. Depois de muitas cenas macacas, deu-lhe um tempo, considerando que estavam muito alterados para tomar

decisões que implicassem tanto no seu futuro, mas as expectativas não são as melhores. Apesar de ter deixado a São, o Leonel caiu numa depressão existencial forte, enquanto a Vanda perdeu todo o interesse por ele.

Contei a situação da Rita à Lúcia, agora com os pormenores todos, inclusive a importância que teve para mim as mãos dadas. Compreendeu e admirou a confiança que lhe dei. A meio da conversa começou com o seu riso encantadoramente maroto:

- Fui um pouco brutinha, não?
 - Estás-te a referir a quando me acusaste de ter desligado o telelé?
 - Yap!
 - Não aprendes o quanto te amo...
 - Quarta e hoje! Tens que concordar que as evidências eram muitas!
 - Bastas vezes as evidências escondem outra verdade e ou há confiança ou não... – Represento o pobre papel do ofendido.
 - Tadinho, tenho que te recompensar!
- Enche-me de beijos.
- Uau! Tens que ser ciumenta mais vezes para te penitenciar assim.
 - Eu te conto...

Durante o jantar lanço o isco para o meu plano.

- Esses dois dias de férias que ainda tens, não têm data definida pois não?
- Depende, se calhar sim.
- Se calhar?
- Sim, depende do que me vais propor – Termina a frase com outro riso maroto e divertido que ficava horas a ouvir na mais hi-fi das aparelhagens, suplantando as melhores partituras.
- Fazes anos a uma quinta, achas que dava para tirares esse dia e a sexta?
- Deixa-me pensar... sim! Na primeira semana de Setembro está lá o pessoal todo, penso que não haverá crise.

- Ótimo! Íamos para um solar que me recomendaram, nos arredores de Ponte de Lima. Na quarta saíamos uma ou duas horas mais cedo, arrancávamos, chegávamos lá por volta da hora do jantar e ficávamos quinta, sexta, sábado e regressávamos domingo. O que te parece?

- As nossas primeiras férias! Pequeninas mas bem aproveitadas!

Gosto do seu espírito de dar o maior valor a tudo, de saborear e apreciar cada gota da vida.

16

Não é o fim, apenas o início

São quatro da manhã.

Depois de ter dormitado um pouco, acordo com a Lúcia aninhada em mim, como um gato satisfeito pelo mimo.

Lá fora, o silêncio só não é total pelo cão que o rasga de vez a vez, com o ladrar marcante da sua presença atenta.

Cá dentro, a respiração serena, profunda e descansada da Lúcia embala-me para mais uma fracção de sono.

É a nossa primeira noite completa, sem necessidade do doloroso corte.

Como previsto, arrancámos ontem a meio da tarde. Já perto, jantámos num restaurante de estrada, daqueles onde a conta é curta e o prato cheio, não só na quantidade como na qualidade, numa excelente característica do Minho. À chegada, fomos recebidos por uns simpáticos donos, um antigo emigrante português na Alemanha onde conheceu a sua actual mulher, teutónica de gema, e que anteciparam a reforma para vir gerir um cuidado solar. Como já estava escuro apenas nos apercebemos dos contornos, o que mais

aguçou a nossa curiosidade, especialmente em relação ao jardim e à quinta.

No quarto, entregámo-nos aos prazeres do amor, desta vez com o aliciante de sermos donos do tempo. Para finalizar o dia, entretivemo-nos no agradável jogo de conversas ao acaso, até sairmos vencidos pelo sono. A Lúcia aninhou-se em mim e deixei de estar por estas paragens, entrei no mundo dos sonhos, com a felicidade deste ser realidade. O que para confirmar, vou acordando, ouvindo o cão ladrar lá fora, apreciando a respiração serena da Lúcia e sentindo o seu corpo colado ao meu, a sua cabeça no meu ombro, o seu braço em cima de mim, a sua mão na minha.

O relógio marca o dígito quatro a vermelho.

Quase a adormecer, apetece-me ainda ter forças para gritar «I'm the king of the world!» numa ponta de um qualquer pacote, abrir os braços e voar sobre a água.

Adormeço feliz.

Adormecido, mergulhado na profundidade dum qualquer buraco negro, algo me faz aproximar da superfície, como se existisse um elevador entre o escuro e o claro. O elevador pára e recomeça a descer lentamente, antes do estremeção seguinte que o irá fazer subir em direcção aos olhos, abrindo-os. Acordei. Encostada à minha cara estava a alegre e divertida face da Lúcia debruçada sobre mim. Tem o cabelo pendente, fazendo-o mover dum lado para o outro para me provocar cócegas e acordar.

- Deixa-me dormir... – Suplico.

Como resposta, recebo uma gargalhada por ter conseguido os seus intentos e começo a ser acariciado e beijado, fazendo-me despertar de imediato e em mais do que um sentido. Fizemos amor ao nascer do dia e isso tem outro sabor. Aliás, fazer amor seja a que horas for, tem sempre outro sabor.

Só após lhe dei os parabéns pelas vinte e quatro Primaveras, ou vinte e quatro Verões, Outonos e Invernos, porque se há-de falar

apenas na Primavera? Se por uma questão de bom gosto, então plenamente de acordo.

Levanto-me e vou buscar um saco que ontem tentei disfarçar quando o trouxe para o quarto, mas em que a Lúcia reparou tendo fingido não o ver. Em pulgas, ajoelha-se na cama com as mãos estendidas, para receber uma écharpe de seda pura em tons pastel.

- Que linda!

Satisfazendo a preguiça torno-me a deitar, apreciando as suas sugestivas brincadeiras com o lenço, até se apoiar no meu peito com as mãos debaixo do queixo.

- Temos que fazer isto mais vezes!

- Passarmos uns dias fora?

- Não – O seu rosto encheu-se de serenidade – Acordarmos juntos.

- Eu não quero fazer mais vezes.

Era para ser mais tarde, mas quando a oportunidade aparece não deve ser enjeitada.

- Não?! – A serenidade deu súbito lugar à preocupação, exactamente o oposto do que pretendia, por isso reagi rápido retirando da gaveta a caixinha que guarda o solitário diamante do anel de noivado.

- Não quero fazer mais vezes, quero fazer sempre!

Olha para a caixa de boca entreaberta, desvia os olhos colando-os aos meus, saltitando entre o esquerdo e o direito num emocionado tic-tac.

- Miguel Nuno Pais, sabes o que me estás a pedir?

- Aceitas casar comigo? – Estendo-lhe a caixa.

Recebe-a instintivamente, mal refeita da surpresa.

- É um passo muito importante – recupera as forças para falar – que não deve ser tomado de ânimo leve. Como deves compreender, tens que me dar algum tempo para pensar...

Por uma fracção de segundo senti o sabor amargo da decepção, imediatamente reprimido ao me aperceber do seu jogo. Disfarça um ar altamente pensativo para, nem dois segundos depois, atirar-se ao meu pescoço gritando com a força que a felicidade lhe dava:

- ACEITO!

Para muitas histórias escritas ou filmadas, de encantar ou não, este momento representaria o fim, para nós é apenas o início!

*

* *

O tempo cinzento e a baixa temperatura de final de Janeiro, fizeram-no ser o único a passear nesta praia que solicita o apertar dos braços no peito, para o calor da camisola de lã melhor se espalhar pelo seu corpo. Encosta-se a uma rocha, com os olhos meio cerrados pelo frio cortante do vento que leva a parte superior da água das ondas voltar para trás, repartindo-as em duas. O frio e a solidão transformam a praia num local introspectivo, em pleno contraste com o calor da agitação de Verão, ideal para colocar ordem na perturbada mente de quem se aproxima dos dezasseis e tudo tem para viver, sem saber como e porquê. Fecha os olhos e fixa-se apenas no som das ondas que se aproximam dos seus pés, mas que decidem não os molhar, regressando ao mar enrolando a confusa areia que sobe para descer. Esse som acalma-o. O bater da onda dá-lhe energia, enquanto que o seu movimento de avanço e recuo lhe massaja as têmporas. Esse som liberta-o. Sente as tensões descerem a um ritmo certo pelos braços e pernas, até chegarem aos dedos e, como que por magia, voarem para bem longe de si. Uma paz de alma invade-o. Libertado de tudo o que o sufoca, sente-se purificado para amar, entregar, dar. Esse estado provoca o esquecimento de penosas recordações que o inibem e o impedem de avançar, por não ter entendido que apenas são fruto da constante aprendizagem de cada ser e não devem ficar numa qualquer prateleira de assuntos pendentes a relembrar sempre que se pretenda martirizar.

Abandona a praia, mas levando dentro de si esse som para, em caso de necessidade, ir buscar como quem vai levantar um

medicamento à farmácia. E que melhor farmácia existe que não a nossa mãe natureza?

*
* *

Não me chegavam os encontros na casa que não quero mais que seja apenas minha. Tudo tem um caminho a percorrer e o nosso chegou a um estado de não retorno que apenas poderia ser resolvido com o que ambicionávamos, a união das nossas vidas. Com papel, sem papel, para mim não seria relevante, se não fosse a importância que sei que tem para a Lúcia.

Hoje, cinco de Setembro de dois mil e dois, combinámos casar.

Hoje, cinco de Setembro de dois mil e dois, a Lúcia faz vinte e quatro anos.

Hoje, cinco de Setembro de dois mil e dois, estamos a passar as nossas primeiras férias.

Hoje, cinco de Setembro de dois mil e dois, não podemos estar e ser mais felizes!

Saímos do quarto que fica num anexo à casa, para entrarmos no bonito e arranjado jardim onde filas de buxos formam curiosos labirintos até ao centro, possuidor de um largo círculo de flores a rodearem uma fonte onde se passeiam peixes de cor laranja. Ao fundo, uma agradável vista para a quinta, a que iremos após o pequeno-almoço. Este, foi tomado numa sala acolhedora e decorada com motivos nacionais e germânicos. A dona, Gretchen de seu nome, fala um português perceptível mas, inevitavelmente, carregado de “erres”. Ovos cozidos, pão estaladiço, croissants caseiros, sumo de laranja e outros bolinhos, compõem uma bem fornecida refeição, apropriada para quem está no campo. A Lúcia não pára de olhar para o anel, o que capta a atenção da Gretchen.

- Bónito anel!

De imediato e orgulhosamente, a Lúcia conta que tinha acabado de ser pedida em casamento, o que levou a Gretchen a dizer:

- Esperra um pôco – e sai apressada.

Regressa com um lenço branco de seda bordado à mão, que lhe oferece, explicando que:

- No meu aldeia lá na Alemanha serr costume oferrecerr-se um lenço como este parra desejarr boa sorrte ao cazal. O intenção serr manterr semprrre o purreza do amorr, simbolicado pelo corr brranco.

Aproveita a ocasião para nos contar como conheceu o seu marido e de como foi a sua história até virem explorar este solar, para dar por terminada a agradável conversa pela chegada de outros hóspedes, também ansiosos pelo pequeno-almoço.

Fomos passear até à quinta, apreciando e brincando com os animais, desde galinhas a coelhos, passando por porcos, cabras e um irrequieto e brincalhão cachorro. A isto tudo, junte-se um ar saudável e um silêncio que estranha aos ouvidos habituados ao descontrolado barulho da sociedade dita de progresso.

Encontrámos um ribeiro e, de mãos sempre bem apertadas, seguimo-lo até uma pequena queda de água, um som que sempre me faz relaxar e rejuvenescer. Ficámos sentados. A sua voz é o único som mais belo que poderá sobrepor-se a esta sinfonia.

- Tinhas tudo planeado para esta viagem...

- Sim – Afirmo feliz – E correu tudo como sonhava!

Fita-me uns segundos, enquanto coloca ordem na sua, ainda abalada, mente.

- O que ambicionas ao casar comigo? – Adoro a maneira como inclina a cabeça sempre que faz perguntas queridas.

- O que ambiciono? – Repito, enquanto já penso na resposta – Ambiciono que quando chegar ao fim do dia da minha vida, pensar como ela teria sido sem ti, tremendo aterrorizado.

Com as mãos ampara-me a cara, enquanto me beija sentidamente. Se pudesse, parava o tempo. Estamos juntos, perto da natureza e longe da confusão.

O resto dos dias equipararam-se a um sonho.

No regresso sentíamo-nos diferentes, com a garantia do amadurecimento do nosso amor.

A reacção à notícia por parte dos seus pais, não poderia ter sido melhor. Tal como o entusiasmo da Ana e Gaspar, em pleno contraste com a Vanda pois, antes de dizer o que fosse, caiu nos meus braços a chorar, dado que o Leonel tinha saído de casa reconhecendo que tudo tinha acabado. Nestas alturas temos que ter uma resposta positiva, apesar da tendência para o bloqueio natural causado pelo choque da notícia, embora esperada. Naquele momento, não era a Vanda da minha idade que ali estava, pelos meus braços passou a menina de cinco anos, de doze, quinze, dezoito. A rapariga e a força dos seus sonhos e ambições em arrepiante versão de fragilidade e impotência, que quase me fez sentir culpado de ter chegado feliz. Com a conformação que os últimos anos deram ao seu olhar, recuperou. Já calma, insistiu para saber o que tínhamos para lhe dizer e, num assomo da arte de recuperação, escondeu a sua tristeza para nos transmitir que estava feliz.

Com a certeza da nossa união, tornou-se meio sem jeito estarmos separados por duas casas. O que pouco durou, pois semana e meia após o regresso de Ponte de Lima a Lúcia veio viver para a, agora já se pode dizer, nossa casa.

Adeus solidão, adeus cama fria.

A minha vida mudou radicalmente, sentindo a recompensa pela espera, pelo sofrimento, que passam a ser apenas um ponto recuado no passado.

Penso nisto e sinto-me cheio, realizado. Ter a felicidade de poder partilhar a vida com quem se ama e se sente que é a razão da nossa existência é algo que perdura pelo nosso mais profundo e recôndito canto.

Começámos a preparar o casamento, o que tem provocado uma excitação, linda de se ver, na Lúcia. Hoje em dia os preparativos demoram o seu tempo e a data possível é Fevereiro, no dia em que, imagine-se, faço anos, em perfeito complemento com a data do seu aniversário ter sido a do pedido.

O que fui aprendendo na vida é tentar aproveitar tudo o que ela tem de positivo para nos dar, sem querer deixar para amanhã o que

poderá não haver, por isso tenho saboreado cada segundo com toda a ternura...

...e com o doce incentivo de saber que a nossa história está apenas no início!

17

Não sei escrever

Tiago controla as horas. Três e meia em ponto como combinou com o Eduardo. Enquanto se aproxima da porta, vai idealizando a brincadeira de hoje. A de ontem foi bué da baril, montados no monstro de cinco patas e um só olho voaram sobre uma Lisboa atónita e receosa, longe de imaginar a incapacidade do Vecporsário de praticar qualquer tipo de mal. Mal, ia acontecendo ao Eduardo quando escorregou do ferro do portão do jardim, que servia de dorso do animal, e se estatelou estrondosamente.

- Hoje vamos ao jardim lá de baixo? – Pergunta o Eduardo a arder em curiosidade.

- Buga!

Durante o caminho, combinaram que a missão do dia era a bordo da nave Spacius IV que regressava à Terra e deparava com uma praga de mosquitos alienígenas com poderes para exterminarem a raça humana, sendo imunes às armas. O capitão Sioutr e seu adjunto Mufrago teriam que, sem dados disponíveis e o tempo a escassear, descobrir o calcanhar de Aquiles desse tão letal inimigo.

Mal entraram no jardim, começaram à procura dum sítio que se adaptasse aos comandos duma nave.

- Para aí não! – Avisa o Eduardo ao se aperceber da presença de drogados na parte mais escondida do jardim, o que teve o condão de despertar a curiosidade de Tiago, sempre procurando a irmã em silêncio.

Recorda-se da Leonor com ternura, apesar da indiferença que ela lhe ofereceu nos últimos tempos em que ainda ia a casa. A semana passada viu uma fotografia sua com oito anos, interrogando-se para onde terá ido aquele gaiato riso de olhos a brilharem de entusiasmo por entre os caracóis que lhe pendiam para a cara. Tornou, religiosamente, a guardar a fotografia na terceira gaveta, debaixo das cuecas da mãe, sítio onde esta imagina que o marido não vá, sabendo qual será o destino delas se forem descobertas.

«Essa pessoa já não existe! Morreu!»

Sempre que se recorda desta frase, Tiago cerra os olhos para conter as lágrimas de revolta e dor por esta torturante memória.

- Anda! – O Eduardo puxa-lhe o braço, perante o estado prostrado de Tiago a observar o banco onde se acotovelam três rapazes e duas raparigas, enquanto fabricam algo mais para enfiar no seu organismo em vias de extinção.

Sobressaltado pelo puxão, Tiago mais sobressaltado fica quando por eles passa uma rapariga com a pele da cara acastanhada e enrugada pela excessiva exposição ao sol e ar. O mal tratado cabelo, oleoso e desgrenhado, não lhe permitiu ver a cara, mas pelo aspecto... que pode ser, pode!

Segue-a à espera que se volte, enquanto a pulsação lhe dificulta a respiração.

- Leonor! – A voz sai-lhe tão sumida que ele próprio não a ouve.

O passo da rapariga é irregular, por vezes troca mesmo as pernas, os braços caídos em completa derrota de vida.

- Não devíamos vir para esta zona, ainda nos metes em sarilhos – Avisa-o o Eduardo em desespero de causa, acompanhando

timidamente o passo do seu amigo, receoso de estar ao seu lado mas incapaz de o abandonar.

Passam por um banco onde um rapaz procura furiosa, mas minuciosamente, a veia, com a fome de quem não come há dias e se encontra perante um banquete. De repente ela volta-se. Os seus inexpressivos olhos fixam-se em Tiago que pára assustado, com o coração a bater apressada e atabalhoadamente.

- É a irmã? – Pergunta-me interessada a Lúcia, encostada ao meu ombro, enquanto lê o que vou escrevendo no portátil, pousado no meu colo.

- Ainda não. Lá mais para a frente – Esclareço.

Dantes lia antes de apagar a luz, agora escrevo.

O livro vai bem, obrigado. Apesar de todos os condicionalismos e dificuldades que se apresentam a quem tem um emprego para ganhar a vida. À escassez de tempo livre, junta-se a falta de inspiração quando se chega cansado e massacrado por problemas. Mas quando a força de vontade é grande, a obra aparece e vai-me enchendo de alegria e orgulho sempre que releio partes já escritas. A Lúcia está a gostar bastante e até acredita que possa ser publicado, mas tenho as minhas sérias dúvidas. Não sou conhecido, não frequento a night e suas festas sociais, não tenho o mínimo passado no meio.

- Quando o acabares, porque é que não escreves a nossa história?

- Isso seria muito complicado.

- Mas nós não somos complicados, pelo contrário.

- O que começa por ser uma dificuldade... – Constato entre uma risada – Não contando com o pormenor da nossa ser uma história sem fim, o que não criaria dificuldade pois relatava apenas o início, a certeza é que esse seria um romance que nunca seria publicado.

Interroga-me com o olhar.

- Porque não tem as problemáticas e constante cenas em que nos afastamos, supostamente em definitivo, para cairmos novamente nos braços do outro, porque no início nem começámos por nos odiar,

porque o nosso amor é demasiado bonito mas de uma forma simples, porque, porque, porque.

Faz um ar concordante.

- E além disso – remato – é um romance actual, o que à partida coloca na mente dos intelectuais críticos o rótulo de light. Só consideram os romances do passado ou, para ser no presente, tem que ter outro tipo de componentes. É como para os puristas da música, se Beethoven aparecesse hoje, e mesmo que compusesse a mesmíssima música, seria sempre considerado um produto menor em comparação com os ditos clássicos, dado que para eles a música parou no tempo, exactamente o contrário do dinamismo activo desta arte.

*

* *

A criança entreabre os olhos. Uma ligeira claridade espreita debaixo da porta, indicando que a manhã já se espreguiçou. A mãe não o virá acordar, vantagens de ser sábado, por isso enrosca-se melhor nos lençóis deixando-se embalar novamente. De repente, sente uma série de braços fortes de homens musculosos a prenderem-lhe os membros. Em pânico grita, deixando de imediato de sentir essa força que o paralisava. A mãe entra de rompante.

- Que foi, Miguel?

Ainda estremunhado, mal conseguiu balbuciar o susto que os seus receios lhe deram.

- Vá Miguelito – Enquanto o abraça, acariciando suavemente o seu cabelo desalinhado – Foi só um sonho mau!

A criança que fui, aconchegou-se bem ao colo da mãe, recebendo todo o seu carinho.

Em criança, tudo o que recebemos ou não, implode silenciosa mas inexoravelmente pela nossa vida, como matéria-prima aderindo ao seu molde.

*
* *

A mente vagueou das páginas que compunha para o ar sereno da Lúcia que, entretanto, adormeceu encostada ao meu peito. Alguém que me percebe, compreende, ama e aprecia o que faço e sou. Alguém que dá plena razão à frase: o meu corpo é o teu corpo.

Há cerca de três meses que partilhamos a nossa vida, que terá o selo de oficial daqui a dois. Já se nota a influência da Lúcia na casa, com aqueles pequenos pormenores de grande importância.

Ontem recebemos duas visitas que muito me tocaram, pelo que daí adveio. Primeiro foram os meus sogros. Depois de saírem, a Lúcia segredou-me que o David tinha segredado à Luísa que estava muito feliz por a filha ter encontrado alguém como eu. Como bom segredo, a mãe contou à filha que logo mo contou. De que serve um segredo se não for para segredar entre quem amamos?

Mas o que me emocionou mesmo foi a visita da Rita, que quis que fosse o primeiro a saber da sua decisão: Meteu os papéis para a adopção duma criança! A vida tem destas voltas que nos ensinam que, por impossibilidade de podermos usar precogs de algum «Relatório Minoritário», o nosso futuro é sempre um livro em branco por escrever. Compete-nos preenchê-lo da melhor forma, potenciando os conhecimentos que adquirimos e esbarrando na ignorância que nos persegue. Posso saber redigir sobre muitos temas, mas sobre o futuro, não sei escrever. O que apenas sei é que estou feliz.

Com uma suave festa percorro-lhe a cara. Mesmo a dormir, esboça um sorriso que dá razão, uma vez mais, à minha convicção de que não haverá algo de mais encantador e belo que o sorriso franco e alegre duma mulher. Até na pintura, o quadro mais famoso dos últimos cinco séculos deve-o a um sorriso de mulher.

Epílogo

O ambiente era sumptuoso! O verde dominava todo o nosso quadro visual, oferecendo tons enigmaticamente escuros até ao aclarar, quase total, dos ramos abençoados pelos raios solares que nos espreitavam entre os seus pares das centenárias árvores, conjugando uma união perfeita. O curso de água entre as pedras, lisas de tal frescura transportar, aumentava o seu ritmo, como dois amantes em total comunhão para, numa cortina branca, deixar-se cair para o ribeiro e aí quase se imobilizar, como quem contempla o seu acto de paixão.

O som das gotas caindo para o percurso final, refrescava-nos o cérebro, ansioso por momentos de paz e de regresso às origens. O toque final era dado por uns pardalitos cantando a sua alegria e ternura.

Fomos sendo dominados por tal graciosidade duma natureza a quem tanto devemos e a quem tanto mutilamos.

Não sabemos quanto tempo passou, mas as castrantes obrigações a que nos violentamos, obrigaram-nos a um estremecimento para

sair do doce torpor que nos rejuvenescia, interrogando-nos pela razão dos picos de felicidade serem tão instantâneos, mas guardando lugar fixo na nossa memória.

Ao levantarmo-nos, um vigoroso espreguiçar. E o caminho de volta chamando-nos com uma inevitabilidade conformada.

Às enormes árvores, que contemplamos de baixo para cima apercebendo-nos da nossa pequenez, foram-se seguindo outras de tamanho mais alcançável e as clareiras como que se reproduziram.

Chegámos assim ao momento crucial. O caminho em pedra dividia-se em dois. Ao meio duas setas, uma indicando o caminho da esquerda, a outra o da direita. Surpreendente, ou talvez não para o lugar maravilhoso que era, a meio delas um gato esticava-se prolongadamente, arqueando-se no final. Sorrimos, nostalgicamente recordando a conversa de Alice e do gato.

- *Eu só queria saber que caminho tomar.*

- *Oh! Isso depende do lugar aonde quer ir...*

- *Isso não importa desde que eu...*

- *Então não importa que caminho tomar!*

A proverbial inteligência felina!

Não precisámos de reflectir muito para saber o que realmente desejávamos. Ao ter que optar, decidimos... não nos decidir por qualquer dos caminhos já delineados. Firmes e resolutos quisemos traçar um novo caminho, o nosso caminho!

Partimos de cabeça erguida, peito cheio e passada determinada, sempre de mãos dadas, apertadamente entrelaçadas... até onde quisemos que o amor nos levasse.

Simplicidade

Viver a vida, partilhar uma relação, presenciar o milagre do crescimento, tal como escrever um livro, compor uma música, realizar um filme, pintar um quadro, em suma criar, não tem forçosamente que ser complicado e exageradamente elaborado.

A simplicidade, até podendo ser o estado mais difícil de atingir, é simultaneamente o que mais prazer proporciona, perdurando na frescura das emoções recordadas.

A simplicidade não é algo que se fabrique, é um estado de espírito mais ou menos permanente ou fortuito, mas sempre belo.

João Lima

Obra idealizada e escrita entre Março de 2001 e Outubro de 2003

Se não quero (ou não consigo) entender os sinais, como poderei compreender?

Não sabes escrever

“...o nosso futuro é sempre um livro em branco por escrever. Compete-nos preenchê-lo da melhor forma, potenciando os conhecimentos que adquirimos e esbarrando na ignorância que nos persegue. Posso saber redigir sobre muitos temas, mas sobre o futuro, não sei escrever...”

Miguel aos 36 anos e nas cinzas dum casamento desfeito, sonha escrever um livro. Mas é em Lúcia, 13 anos mais jovem, que encontra a razão da sua existência, num romance escrito ao sabor da sensibilidade e para ser lido de coração aberto, confortavelmente instalado e, de preferência, sem nunca deixar de olhar para as estrelas no céu.